



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS
CURSO DE MESTRADO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS**

LEILA TEIXEIRA DA ROSA STRAPAZZON

USOS DE *ASSIM* NA FALA E NA ESCRITA DOS CHAPECOENSES

**CHAPECÓ
2018**

LEILA TEIXEIRA DA ROSA STRAPAZZON

USOS DE ASSIM NA FALA E NA ESCRITA DOS CHAPECOENSES

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Estudos Linguísticos da Universidade Federal da Fronteira Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos sob a orientação da Prof^a. Dra. Cláudia Andrea Rost Snichelotto.

CHAPECÓ

2018

S897u Strapazzon, Leila Teixeira da Rosa
Usos de assim na fala e na escrita dos chapecoenses / Leila Teixeira da
Rosa Strapazzon. -- 2018.
137 f. : il. color.

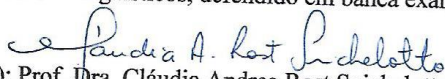
Orientadora: Cláudia Andrea Rost Snichelotto.
Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal da Fronteira Sul,
Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, 2018.

1. Gramaticalização. 2. Funcionalismo linguístico. 3. Português do
Brasil – Santa Catarina. I. Snichelotto, Cláudia Andrea Rost, orient. II.
Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

LEILA TEIXEIRA DA ROSA STRAPAZZON

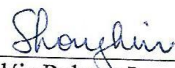
USOS DE ASSIM NA FALA E NA ESCRITA DOS CHAPECOENSES

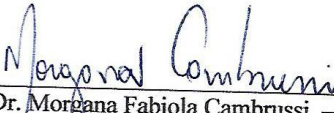
Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS. Para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos, defendido em banca examinadora em 16/03/2018


Orientador (a): Prof. Dra. Cláudia Andrea Rost Snichelotto

Aprovado em: 16 / 03 / 2018

BANCA EXAMINADORA


Prof. Dr. Sanderléia Roberta Longhin-Thomazi – UNESP


Prof. Dr. Morgana Fabiola Cambrussi – UFFS

Prof. Dr. Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott – UFSC

Chapecó/SC, março de 2018.

Ao meu querido avô Ivaldino Reginatto
Lugaresi, *in memoriam*, que se orgulhava da
profissão professor, dedico.

AGRADECIMENTOS

À professora Cláudia Andrea Rost Snichelotto, pelas orientações, encaminhamentos teóricos, confiança, paciência no processo de construção do conhecimento e, principalmente, pela compreensão e disponibilidade de muitos horários reservados para outros papéis sociais que não o de professora, dedicados à leitura e orientação de minha dissertação.

Às professoras Sanderléia Roberta Longhin-Thomazi (UNESP), Morgana Fabiola Cambrussi (UFFS) e Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott (UFSC), pelas leituras e atentas contribuições que enriqueceram a qualidade deste trabalho.

À minha família, de maneira especial aos meus pais, José e Helena, aos meus irmãos, Cheila e Guilherme, e ao meu cunhado, Vinícius, por me ensinarem a persistir na vida enfrentando os obstáculos e dificuldades com muita perseverança e, principalmente, união e amor. Também agradeço pela torcida e compreensão das ausências em momentos especiais.

À minha segunda família, porém não menos relevante, Maria, Clóvis e Maycon, pelo acolhimento, que incluiu desde almoços até a realização de tarefas, palavras de apoio e compreensão, em especial, ao meu esposo Marcelo, pelo amor, carinho, compreensão, apoio e companheirismo dedicados a mim.

Ao meu filho Murilo, que ainda nem nasceu, mas acompanhou e suportou grande parte do Mestrado da mamãe atento, paciente, ainda embaladinho, madrugadas adentro, até que a mamãe descobrisse sua presença e continuasse nesse percurso, porém de uma maneira mais regrada.

Aos colegas do Grupo de Pesquisa (GP) Estudos Sociolinguísticos do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) pelo auxílio na revisão e transcrição das amostras, em especial à colega Jezebel Batista Lopes, pela parceria na organização da amostra de fala, e às professoras Cláudia Andrea Rost Snichelotto e Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott, pela contribuição na coleta, revisão e transcrição da amostra de escrita.

Aos diretores Nailê Locatelli Fantin, Diogo de Mello, Eleni Maria Vitorello Gardini, Diana Cozer, Luana Tombini e demais colegas de trabalho (orientadores educacionais e professores), pelos ajustes nos horários que permitiram cursar o Mestrado enquanto lecionava.

Às amigas Ivanete, Juliete e Drieli, pela troca de experiências e desabafos, ajuda e risadas, mesmo que em menor proporção, no segundo ano do Mestrado.

À Deus, por me proporcionar saúde para realizar o curso e me agraciar com uma família maravilhosa.

RESUMO

O presente trabalho visou descrever e analisar o comportamento multifuncional do item *assim* (e perífrases) a partir de duas amostras sincrônicas do português falado e escrito do município de Chapecó, Santa Catarina, pertencentes ao *corpus* do projeto “Variação e Mudança no Português do Oeste de Santa Catarina. Primeiramente, os usos de *assim* (e perífrases) foram categorizados a partir de critérios formais e funcionais. Na sequência, foi descrita a dinâmica social de usos de *assim* (e perífrases) na amostra de fala dos informantes chapecoenses. Por fim, foi postulada uma possível trajetória de gramaticalidade de *assim* (e perífrases) sob a perspectiva da Gramaticalização a partir da análise das amostras de fala e de escrita de Chapecó. A pesquisa se embasou no Funcionalismo Linguístico de Givón (1995, 1979, 2002), Traugott (1982, 1989, 1995, 2001, 2007, 2010), Traugott e König (1991), Bybee (2003, 2010), dentre outros. No levantamento de estudos descritivos do Português Brasileiro, como os de Martelotta, Nascimento e Costa (1996), Longhin-Thomazi (2006), Lopes-Damásio (2008), Souza (2009) e Bonfim (2014), o item *assim*, originalmente advindo do latim, passou a assumir novas categorias gramaticais desde o português arcaico até o português contemporâneo. Foram identificados 1184 ocorrências do item *assim*, sendo 1147 pertencentes a amostra de fala e 37 a amostra de escrita. Os resultados demonstram indícios de que o *assim*, nas amostras do português analisadas, segue o caminho evolutivo descrito em outros estudos do PB. Na amostra de fala, quanto ao critério morfológico, convivem as categorias advérbio, conjunção e marcador discursivo; já na escrita, identificamos apenas ocorrências de usos de *assim* como advérbios e conjunções. No que tange ao critério sintático, na amostra de fala, verificamos que a categoria adverbial posição sintática mais flexível (inicial, medial e final) com predominância da mediana; já os usos conjuncionais ocorrem em posição sintática exclusivamente mediana, e a categoria dos MDs também apresentou posições inicial, medial e final com predominância da mediana; na amostra de escrita, a categoria adverbial também se revelou maleável (inicial, mediana e final) e as conjunções fixas em posição medial. Quanto ao critério semântico-pragmático, evidenciou-se, nas ocorrências analisadas, a gradação de sentido das três categorias nas quais o item transita: (+) concreto > (+ ou -) concreto > (+) abstrato. Na amostra de fala, os sentidos mais concretos são da categoria adverbial dêitica: temporal e espacial, enquanto os sentidos mais ou menos concretos foram os do advérbio anafórico, catafórico e anafórico/catafórico simultaneamente além da conjunção *assim que*, por outro lado, os significados mais abstratos estão associados tanto às conjunções com valores conclusivo, comparativo e de reforço ao valor adversativo, como aos MDs com sentidos focalizador, atenuador, sinalizador de pedido de esclarecimento, intensificador, sinalizador de quadro de construção mental e indicador de conteúdo expressivo. Na amostra escrita, os significados empregados foram mais ou menos concretos dos advérbios anafórico, catafórico e anafórico/catafórico simultaneamente e também a perífrase adverbial *assim por diante* com valor aditivo, os significados mais abstratos da conjunção *assim* foram os conclusivos e comparativos. O levantamento dos fatores sociais revelou que, quanto à faixa etária, os falantes de 25 a 49 anos utilizam mais as funções inovadoras de advérbio com valor mais ou menos concreto e os MDs com valores mais abstratos; quanto ao nível de escolaridade, os falantes mais escolarizados (ensino superior) também empregaram mais frequentemente as funções inovadoras de advérbio com valor mais ou menos concreto e os MDs com valores mais abstratos. O sexo/gênero masculino revelou maior recorrência de usos de *assim* relativo ao emprego adverbial com valor mais ou menos concreto e os MDs com valores mais abstratos, o que pode indicar que o item *assim* possui baixo estigma social.

Palavras-chave: Funcionalismo Linguístico. Gramaticalização. Português. *Assim*.

ABSTRACT

The present study aimed at describing and analysing the multifunctional behaviour of the item *assim* (and periphrases) from two synchronic samples of the Portuguese spoken and written in the city of Chapecó, Santa Catarina. The samples were retrieved from the *corpus* of the project “Variation and Change of Portuguese in the western of Santa Catarina”. First, the uses of *assim* (and periphrases) were categorized according to formal and functional criteria. Next, the social dynamics of the uses of *assim* (and periphrases) were described based on speech samples of informants from Chapecó. Finally, a possible grammatical trajectory of *assim* (and periphrases) was postulated under the grammaticalization perspective based on the analysis of the speech and writing samples from Chapecó. The research is based on the Givon’s linguistic functionalism (1995, 1979, 2002), Traugott (1982, 1989, 1995, 2001, 2007, 2010), Traugott and König (1991), Bybee (2003, 2010), among others. In the survey of descriptive studies of Brazilian Portuguese, such as Matelotta, Nascimento e Costa (1996), Lay-Thomasi (2006), Lopes-Damasio (2008), Souza (2009) and Bonfim (2014), the item *assim*, originally coming from Latin, began to reveal new grammatical categories from archaic Portuguese to contemporary Portuguese. It was identified 1184 occurrences of the item: 1147 occurrences in the speech sample and 37 in the writing sample. The results evidence that the item *assim*, in the samples analysed, follows the evolutionary path described in previous studies for Brazilian Portuguese. As regards the morphological criterion, within the speech sample, the categories adverb, conjunction and discursive marker are together, but within the writing sample, only occurrences of *assim* as adverbs and conjunctions were identified. With regard the syntactic criterion, in the speech sample, it was found that the position of the adverbial category is more flexible (initial, medial and final) with predominance of the medial position. The use of the item as conjunctions occurs in an exclusively medial syntactic position, and the MDs category also presented initial, medial and final positions with medial predominance. In the writing sample, the adverbial category also proved to be flexible (initial, medial and final) and fixed conjunctions were found in the medial position only. As for the semantic-pragmatic criterion, in the analyzed occurrences, it was revealed a semantic gradation of the three categories in which the item transits: (+) Concrete > (+ or-) concrete > (+) abstract. In the speech sample, the most concrete meanings are derived from the deictic adverbial category: temporal and spatial, while the more or less concrete meanings were those of the anaphoric and cataphoric adverbs and simultaneously anaphoric and cataphoric adverbs in addition to the conjunction *assim que*. On the other hand, the more abstract meanings are associated with both the conjunctions with the conclusive values, comparative values and with the strengthening of the adversative value, such as the MDs with the focal meaning, attenuator, clarification request flag, intensifier, mental construction frame signal and indicator of expressive content. In the written sample, the more or less concrete meanings were employed for the anaphoric and cataphoric adverbs and simultaneously anaphoric and cataphoric adverbs and also for the adverbial periphrases *assim por diante* with additive value. The most abstract meanings for the conjunction *assim* were the conclusive and the comparative meanings. The survey of social factors revealed that, as regards the age groups, speakers between the ages of 25 and 49 make use of more innovative functions of adverbs with more or

less concrete values and the MDs with more abstract values. As for the education level, the most educated speakers (higher education) also employed the innovative functions of adverbs with more or less concrete values and the MDs with more abstract values more often. The male gender revealed greater recurrence of *assim* employed as adverbs with more or less concrete values and the MDs with more abstract values, suggesting that the item *assim* presents low social stigma.

Key-words: Linguistic functionalism. Grammaticalization. Portuguese. *Assim*.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1 - Anúncio de máquina de lavar roupas.....	112
--	-----

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Usos de <i>assim</i> segundo dicionários e gramáticas do PB.....	38
Quadro 2 - Perífrases de <i>assim</i> segundo dicionários e gramáticas do PB.....	42
Quadro 3 - Usos do MD <i>assim</i> segundo estudos no PB.....	54
Quadro 4 - Usos de <i>assim</i> e suas perífrases.....	56
Quadro 5 – Trajetória de GR de <i>assim</i>	60
Quadro 6 - Distribuição da amostra de fala do VMPOSC segundo o perfil dos informantes..	75
Quadro 7 - Distribuição da amostra escrita do VMPOSC segundo o gênero.....	77
Quadro 8 - Distribuição da amostra oral segundo o perfil do informante.....	79
Quadro 9 - Distribuição da amostra escrita segundo o gênero.....	79
Quadro 10 - Síntese da dinâmica de usos de <i>assim</i> e perífrases na amostra oral.....	83
Quadro 11- Síntese da dinâmica de usos de <i>assim</i> e perífrases na amostra escrita	85
Quadro 12 - Gramaticalidade de <i>assim</i> nas amostras de escrita e fala chapecoense quanto aos aspectos formais.....	127
Quadro 13 Gramaticalidade de <i>assim</i> nas amostras de escrita e fala chapecoense quanto aos aspectos semântico-pragmáticos.....	128

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Frequência de ocorrência de <i>assim</i> segundo as amostras.....	87
Gráfico 2 - Frequência de ocorrência de <i>assim</i> e perífrases segundo a amostra oral e escrita chapecoense.....	88
Gráfico 3 - Frequência de ocorrência de <i>assim</i> nas amostras segundo a categoria gramatical.....	90
Gráfico 4 - Frequência de ocorrência de <i>assim</i> (e perífrases) na amostra de fala conforme a posição sintática.....	96
Gráfico 5 - Frequência de ocorrência de <i>assim</i> (e perífrases) na amostra escrita conforme a posição sintática.....	100
Gráfico 6 - Frequência de ocorrências das três categorias de <i>assim</i> na amostra oral considerando o critério semântico-pragmático.....	110
Gráfico 7 - Frequência de ocorrências das três categorias de <i>assim</i> na amostra escrita considerando o critério semântico-pragmático.....	115
Gráfico 8 - Frequência de ocorrência de <i>assim</i> considerando o critério semântico-pragmático e o gênero textual.....	117

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Frequência de ocorrência de <i>assim</i> na amostra de fala conforme a faixa etária.....	120
Tabela 2 - Frequência de ocorrência de <i>assim</i> na amostra de fala conforme a escolaridade.....	123
Tabela 3 - Frequência de ocorrência de <i>assim</i> na amostra de fala conforme o sexo/gênero.....	125

LISTA DE SIGLAS

CEOM - Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina
CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
DC - Discursivização
FAPESC - Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina
GDF - Gramática Discursiva Funcional
GP - Grupo de Pesquisa
GR - Gramaticalização
MD - Marcador Discursivo
NGB - Norma Gramatical Brasileira
NURC - Norma Linguística Urbana Culta
PB - Português Brasileiro
PE - Português Europeu
PHPB - Projeto para a História do Português Brasileiro
PHPB-SC - Projeto para a História do Português Brasileiro de Santa Catarina
UFFS - Universidade Federal da Fronteira Sul
UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina
VMPOSC - Variação e Mudança no Português do Oeste de Santa Catarina

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	16
2 ASSIM: DEFINIÇÃO DO FENÔMENO INVESTIGADO	24
2.1 A CLASSE DOS ADVÉRBIOS SEGUNDO AS GRAMÁTICAS DE ORIENTAÇÃO NORMATIVA	24
2.2 A CLASSE DOS ADVÉRBIOS SEGUNDO AS GRAMÁTICAS DE ORIENTAÇÃO DESCRITIVA	26
2.3 A CLASSE DOS ADVÉRBIOS SEGUNDO UMA GRAMÁTICA DE ORIENTAÇÃO HISTÓRICA	31
2.4 PERCURSO HISTÓRICO-EVOLUTIVO DE <i>ASSIM</i>	33
2.4.1 <i>Assim</i> segundo dicionários e gramáticas do PB	34
2.4.2 Perífrases de <i>assim</i>	39
2.4.3 <i>Assim</i>: do português arcaico ao português contemporâneo	42
2.4.4 Considerações sobre o levantamento bibliográfico de <i>assim</i>	54
3 OBJETIVOS	57
3.1 OBJETIVO GERAL	57
3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	57
3.3 QUESTÕES E HIPÓTESES	57
4 REFERENCIAL TEÓRICO	63
4.1 FUNCIONALISMO	63
4.2 GRAMATICALIZAÇÃO	66
5 METODOLOGIA	74
5.1 VMPOSC	74
5.2 <i>CORPUS</i>	78
5.3 TRATAMENTO DOS DADOS	80
6 A DINÂMICA DE USOS DE <i>ASSIM</i> EM CHAPECÓ	82
6.1 <i>ASSIM</i> NA FALA E NA ESCRITA DE CHAPECÓ	82
6.2 <i>ASSIM</i> SEGUNDO O CRITÉRIO MORFOLÓGICO	88
6.3 <i>ASSIM</i> SEGUNDO O CRITÉRIO SINTÁTICO	91
6.4 <i>ASSIM</i> SEGUNDO O CRITÉRIO SEMÂNTICO-PRAGMÁTICO	101
6.5 A DINÂMICA SOCIAL DE USOS DE <i>ASSIM</i>	118
6.5.1 Faixa etária	118
6.5.2 Escolaridade	121

6.5.3 Sexo/gênero	124
6.6 A TRAJETÓRIA DE GRAMATICALIDADE DE <i>ASSIM</i> NA FALA E NA ESCRITA DOS CHAPECOENSES	127
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	130
REFERÊNCIAS	132
ANEXO A	137

1 INTRODUÇÃO

Esta dissertação¹ é uma análise do comportamento multifuncional do item *assim* (e perífrases)² a partir de duas amostras sincrônicas do português falado e escrito do município de Chapecó, Santa Catarina, pertencentes ao *corpus* do projeto “Variação e Mudança no Português do Oeste de Santa Catarina – VMPOSC”. Esta investigação vincula-se à linha de pesquisa Diversidade e Mudança Linguística do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL) da Universidade Federal da Fronteira Sul.

Nas gramáticas de orientação normativa, como, por exemplo, a gramática de Cunha e Cintra (2008) e Lima (2011), é consenso que *assim* seja classificado como advérbio com valor de modo. Porém, em pesquisas descritivas com amostras sincrônicas e/ou diacrônicas do português (MARTELOTTA; NASCIMENTO; COSTA, 1996; SILVA; MACEDO, 1996; SILVA, 1999; OLIVEIRA NETO, 1997; ILARI *et al.*, 2002; LONGHIN-THOMAZI, 2006; LOPES-DAMÁSIO, 2008; SOUZA, 2009; CASTELANO; LADEIRA, 2010; CASTILHO, 2010; NEVES, 2011; CASTELANO; LUQUETTI, 2011; CASTELANO, 2013; BONFIM, 2014), *assim* (e perífrases), em determinadas situações, altera sua categoria de base e seus contextos de uso para além do que é preconizado pelas gramáticas normativas e passa a atuar como conjunção e marcador discursivo (doravante MD). Esse processo de mudança linguística gradual pelo qual o item migra de categoria (de advérbio com sentido anafórico para conjunção e de advérbio com sentido catafórico para MD) e altera seu significado de base é fruto do processo de Gramaticalização (doravante GR).

Traugott (1993, 2010) conceitua a GR como o processo de mudança linguística em que itens lexicais ou expressões linguísticas relacionadas ao mundo físico (nível proposicional) assumem funções gramaticais e passam a contribuir com a coesão textual (nível textual). Desta última, surgem outras funções ainda mais gramaticais que extrapolam o nível textual ao expressar, no discurso, contextos que revelam crenças e atitudes do falante,

¹ Esta pesquisa vincula-se ao projeto maior em curso “Variação e Mudança no Português do Oeste de Santa Catarina”, aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFFS (Processo 17011413.2.0000.5564) e financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina - FAPESC (Chamada Pública nº 04/2012 Universal). Até este momento já foram desenvolvidos um (1) trabalho de conclusão de curso de graduação e cinco (5) dissertações de mestrado, que descreveram fenômenos linguísticos em variação e/ou mudança no português falado e/ou escrito de Chapecó, conforme detalhado na seção 4.

² Utilizaremos, neste trabalho, itálico para destacar o item *assim* (e perífrases), objeto do presente estudo. Consideramos perífrases de *assim* quando o item ocorre duplicado ou combinado a outras palavras (conjunções, pronomes ou verbos), como “*assim assim*”, “*assim que*”, “*assim como*”, “*assim como assim*”, “*assim mesmo*” e “*assim seja*”.

denominados contextos subjetivos e/ou desenvolvimento da atenção do ouvinte em relação ao falante, neste caso, nomeados como contexto intersubjetivo (nível expressivo).

Com apoio teórico na abordagem funcionalista à luz da teoria da GR, tencionamos descrever e analisar a multifuncionalidade de usos de *assim* na fala e na escrita de Chapecó. Vejamos, em contextos reais de uso da língua, ocorrências do comportamento multifuncional de *assim*³ nas amostras investigadas:

(1) E⁴: Mas vocês colocavam alguma coisa em cima da lona?

F⁵: Quer dizer embaixo assim?

E: É...

I: Embaixo *assim*, eu não me lembro o que era, mas a gente botava assim, a gente dobrava ela *assim*, deixava e botava mais alguma coisa. (CH08MCEFI)⁶

(2) **A PEDIDO**⁷ ||⁸ O TIPO DESCLASSIFICADO || Tendo aparecido um pasquim anônimo nesta cidade, no qual convida ao povo em geral para o enterro da Comissão de Tabelamento e Preços local, o indivíduo que *assim* procedeu engabou-se redondamente, a referida Comissão continua em ação, os abaixo assinados solici- tam, querendo voltar com outro, tenha a ombridade de assinar o seu nome. (A voz de Chapecó, carta 01, 1ª met. séc. XX)⁹

(3) I: tem um apartamento ali d[e]um conhecido que, é um apartamento barato é um apartamento novo e coisa, mas eu não iria morar lá porque, é muito difícil o acesso *assim*. (CH18MBES)

(4) || E quanto à parte financeira, para custear as despesas de guarda-roupas e outras, em caso de dificuldade por parte dos promotores neste particular, o meu pai estaria disposto a contribuir, a fim de facilitar a presença, honrosa para mim, como representante de Chapecó. || *Assim*, é a presença para dizer que sempre estive pronta a colaborar, como ainda continuo, caso isso se faça necessário e seja atendida a condição da acompanhante. || Para conhecimento do público e para evitar dúvidas, solicito que seja divulgada pelo seu semanário no mesmo local em que se publicou a nota referida. Atenciosamente subscrevo – me, Vera Elizabeth Sander. (Folha d'Oeste, carta 04, 2ª met. séc. XX)

(5) I: A minha infância, eu sempre disse que eu aproveitei muito a minha infância, eu brinquei *assim* de tudo o que tu possa imagina[r]... De bolinha de gude, de subi[r] em árvore, brinca[r] de boneca, faze[r] comidinha no barro, e fecha[r] a rua, faze[r] pista para bicicleta com, sabe, com tampinhas, é... anda[r] de carrinho de rolimã... Então eu sempre disse que a minha infância foi muito boa, venci várias coisas, meu

³ Nas ocorrências, destacaremos em itálico apenas o item *assim* a que nos referimos.

⁴ Entrevistador.

⁵ Informante.

⁶ Utilizamos esse código para identificar as entrevistas e as informações sociais dos informantes da amostra oral: a localidade (CH: Chapecó), o número da entrevista (01 a 19), o sexo/gênero (M: Masculino; F: Feminino); a faixa etária (C: 7 a 14 anos; J: 15 a 24 anos; B: 25 a 49 anos) e, por fim, a escolaridade (EFI: Ensino Fundamental 1º ciclo; EFII: Ensino Fundamental 2º ciclo; EM: Ensino Médio; ES: Ensino Superior).

⁷ Respeitamos a ortografia original utilizada nas cartas de leitores da amostra escrita.

⁸ Conforme as normas de transcrição do projeto *Para a História do Português Brasileiro* – PHPB: Duas barras (||) indicam início de parágrafo e uma (|) assinala mudança de linha.

⁹ O código usado na identificação das cartas de leitor significa, respectivamente: nome do periódico (A Voz de Chapecó, O Imparcial, Folha d'Oeste, Diário da Manhã e Voz do Oeste); número da carta (de 1 a 22 para A voz do Chapecó, de 1 a 32 para O Imparcial, de 1 a 27 para Folha d'Oeste, de 1 a 5 para Diário da Manhã e 1 para a Voz do Oeste); período de publicação (1ª ou 2ª metade do século XX).

pai fazia umas, fez uma rede de vôlei a gente fechava a calçada assim, a gente ia até o poste, a gente jogava, aproveitei anda[va] de bicicleta. (CH18FBES)

(6) || Declaro que adquiri, por intermédio da Carteira de | Exportação do Banco do Brasil, um Caminhão Che-| vrolet Gigante, para o transporte de cargas desta Pra-| ça aos municípios vizinhos. || Julgo indispensável tornar público, e *assim* o faço, | que, não possuindo, como não possuo, reservas pecu-| niárias ou economias suficientes para completar essa | compra, o meu presado amigo Dr. Serafim Enos Ber-| tasso me emprestou a quantia que faltava. || Faço esta declaração para evitar o surto da ma-| ledicência, a perfídia de suspeitas malevolas, daqueles | que não presam o decoro pessoal e dignidade, que é o | apanágio dos homens de bem. || Concluindo, comunico ao comércio em geral que | o dito caminhão está á disposição dos que precisarem. || Chapecó, 8-5-47. || JOÃO MARIA MACIEL (A voz de Chapecó, carta 05, 1ª met. séc. XX)

(7) I: Normalmente no final de semana eu vou para casa dos meus pais da[r] um oi *assim* conversa[r] um pouco e depois eu retorno, retorno para casa, se aparece alguma coisa para faze[r], né? a convite de amigo enfim a gente, eu pego e saio para faze[r] alguma coisa assim, senão eu acabo ficando em casa mesmo. (CH18FBES)

(8) Os homens de empresa do Oeste Catarinense, desejam, | também, manifestar a alegria e a honra que nos causam os ilus- | tres visitantes, ao virem sentir de perto as vibrações da gente do | Oeste e *assim* poderem aquilatar o quanto faz, o quanto quer e o | que dá, a gente do Oeste, em favor de Santa Catarina e do Brasil. (Folha d'Oeste, carta 09, 2ª met. séc. XX)

(9) I: *ahn eram poucos afazeres que a gente tinha[mos] como, por exemplo, lava[r] e seca[r], a louça varre[r] e passa[r] pano no chão da cozinha, *e: fora isso a gente: a gente brincáva[mos] depois de faze[r] o tema o tema de casa, *e: enfim, é isso, *assim* não tinha muita, não tinha[m] muita[s] regra[s] assim, poucas regras mas a gente tinha[mos] que cumpri-las. (CH07FCEFI)

(10) I: É ... essa casa que a gente morou lá no Presidente Médice foi com certeza a que mais marcou, *assim que...* foi ... que logo que o meu vô faleceu que houve preocupação com o inventário ... coisa e tal e é uma família grande, né?, o vô tinha bastante dinheiro na época, então para dividi[r] tudo foi bem complicado...(CH07FCEFI).

(11) E *assim como* V.S. | sr. Diretor comparece em festas e | baile, também eu compareço. (A voz de Chapecó, carta 09, 1ª met. séc. XX)

(12) E: E e os motoristas e os pedestres, como é que você avalia o comportamento, por exemplo...

I: Como que eu avalio, eu acho que tem pedestre ousado, *assim como* tem motorista muito ousado, motoqueiro então eu acho que são, nossa não posso generaliza[r], mas eles são muito ousados, eles querem se enfia[r] em tudo que é buraco para faze[r] tudo muito rápido e porque a moto é pequena, né? e vai e passa[r] mas assim, eu acho que são... nossa muito ousados *mesmo assim*, e... e assim, às vezes a gente vê pessoas brigando no trânsito, falta de paciência... umas coisas assim... (CH10FBES)

(13) E: E as notícias que saem hoje no país e na cidade qual que tu acha[s] que é a situação do ensino hoje?

I: Eu acho que não tem muito ensino, né? Sei lá. Pelo que passa, *assim* parece que... (CH7CFEFI)

(14) O que queremos é tra- | balho e Cia Trabalho. Es- | tamos numa época difícil || e não podemos nos encon- | trar em terceiros, esperan- | do *assim*, que o pão de | cada dia nos venha nutrir, | através do esforço alheio. (O Imparcial, carta 03, 1ª met. séc. XX)

Nos trechos de (1) a (14), é possível observar que há usos de *assim* como advérbio indicativo de espaço, tamanho e maneira, bem como verificam-se ocorrências de advérbios com sentido anafórico, catafórico ou os dois sentidos concomitantemente. Conforme Longhin-Thomazi (2006), os advérbios modais possuem a capacidade de alternar o significado de verbos, adjetivos ou orações por meio da qualificação de ações, estados ou processos.

Na ocorrência (1), extraída da amostra de fala¹⁰, há dois empregos de *assim*: no primeiro, o item, que ocupa posição sintática¹¹ mediana, é um advérbio de modo com significado dêitico, indicativo de lugar, ou seja, refere-se ao espaço embaixo da lona descrito pelo falante; no segundo emprego, *assim*, em posição mediana, também é advérbio modal com valor dêitico, porém indicativo de maneira e pode ser parafraseado por “desse modo”, isto é, o modo como a lona deveria ser dobrada. Esses dois significados remetem a um referente físico concreto do mundo real e foram descritos por Gregorim (2008), Ferreira (2009), Houaiss e Villar (2009), Cunha e Cintra (2008), Lima (2011), Neves (2011), Castilho (2010), Bagno (2012), Longhin-Thomazi (2006), Lopes-Damásio (2008) e Castelano (2013).

Em contrapartida, nas ocorrências (2) a (14), o item *assim*, embora mantenha resquícios de sua categoria de base, passa a veicular sentidos diferentes daqueles previstos nas gramáticas de orientação normativa. Posto isto, *assim* passa a remeter a porções textuais bem como a contribuir com a organização do discurso em contextos interacionais, o que revela que os seus usos estão envolvidos em um processo de GR. Esses usos foram descritos em gramáticas, como as de Castilho (2010), Neves (2011) e Bagno (2012), e em pesquisas sobre o PB, como as de Martelotta, Nascimento e Costa (1996), Longhin-Thomazi (2006), Lopes-Damásio (2008) e Souza (2009). Observamos, a seguir, mais detalhadamente, esses funcionamentos.

Na ocorrência (2), extraída da amostra escrita, *assim* remete à porção de texto anterior e indica o modo como o indivíduo procedeu. Na carta de leitor, equivale a “convida ao povo em geral para o enterro | da Comissão de Tabelamento e Preços local”, em posição mediana. Na ocorrência (3), extraída da amostra de fala, também recupera, por anáfora, a dificuldade de acesso ao apartamento, motivo pelo qual o indivíduo não moraria no local. Nessa ocorrência, a posição sintática do item é final.

Na ocorrência (4), fragmento da amostra escrita, *assim*, em posição medial, equivale a “desse modo” ao mesmo tempo em que remete à porção textual posterior a ele no qual a miss

¹⁰ Na amostra escrita não foi localizada ocorrência de *assim* empregado como advérbio modal dêitico.

¹¹ A posição sintática equivale a se *assim* inicia, está em seu meio ou finaliza o turno.

Chapecó afirma que a presente carta foi escrita por ela para dizer que sempre esteve à disposição para representar a cidade, desde que atendida a condição de uma acompanhante. Com o mesmo valor e posição mediana, porém extraído da amostra de fala, na ocorrência (5), *assim* alude a porções textuais que serão apresentadas em seguida, isto é, os tipos de brincadeiras “de tudo o que tu possa[s] imagina[r]” e as detalha logo após.

Na ocorrência (6), parte textual da amostra escrita, *assim* continua a equivaler a “desse modo”, mas atua em dois movimentos: um em que se refere à porção textual anterior na qual o remetente da carta de leitor “julga tornar público”; e outro posterior em que o autor explica o que deve ser tornado público, que é o empréstimo de dinheiro com seu amigo. Do mesmo modo, na ocorrência (7), esta, por sua vez, extraída da amostra de fala, *assim* também alude a uma porção textual anterior em que o informante relata um dos objetivos da visita aos pais para “dar um oi” e projeta outra porção posterior, que é “conversa[r] um pouco”. Em ambas as ocorrências, *assim* está em posição mediana, o que significa que esses funcionamentos podem auxiliar na coesão textual.

Em (8), *assim*, retirado da amostra escrita, parece apresentar uso como conjunção e seu valor é de “portanto”, visto que o autor da carta admite que, ao sentir de perto as vibrações dos homens do oeste catarinense, os ilustres visitantes “portanto” poderão avaliar o quanto contribui “a gente do oeste” para o crescimento de Santa Catarina e do Brasil.

Em (9), o item *assim* ocorre em um contexto no qual a informante explica os poucos afazeres domésticos feitos por ela e pelo irmão e diz que “por isso, portanto” não havia muitas regras na casa, ou seja, muitas tarefas a serem desenvolvidas, mas todas as que haviam eles cumpriam. O uso de *assim* conjuncional foi descrito nos dicionários de Gregorim (2008), Ferreira (2009), Houaiss e Villar (2009) e nas pesquisas de Longhin-Thomazi (2006), Lopes-Damásio (2008), Souza (2009) e Bonfim (2014).

Outro uso conjuncional pode ser verificado na ocorrência (10), pertencente à amostra de fala¹², em que a perífrase *assim que* indica tempo subsequente, pois remete a um tempo posterior ao falecimento do avô, quando a família passou a se preocupar com o inventário do avô, isto é, com a divisão do patrimônio. Os usos de *assim que* foram descritos em dicionários, como o de Houaiss e Villar (2009) e Ferreira (2009) e nos estudos de Martelotta, Nascimento e Costa (1996) e Souza (2009).

Nas ocorrências (11) e (12), identificamos outra perífrase de *assim*: *assim como*. Em (11), oriunda da amostra de escrita, o autor da carta de leitor compara a vida social do diretor

¹² Não houve ocorrências de *assim que* na amostra escrita.

do jornal com a sua, ou seja, *assim como* veicula sentido de “do mesmo modo” e ocorre em posição sintática inicial. Retirada da amostra de fala, a ocorrência (12), em posição sintática mediana, *assim como* indica comparação entre motoristas, motoqueiros e pedestres considerados, pelo informante, como ousados e atrevidos. É possível conferir usos com valor comparativo em dicionários, como o de Houaiss e Villar (2009) e Ferreira (2009), e também nos estudos de Martelotta, Nascimento e Costa (1996) e Souza (2009). Em (12), também localizamos o uso da perífrase conjuncional *mesmo assim*, em um contexto em que o informante entende que os motoqueiros passam em qualquer espaço muito próximo dos carros com o intuito de adiantar-se no trânsito. Nesse caso, *mesmo assim*¹³ apresenta valor de “apesar disso”, quer dizer, apesar disso (da grande mobilidade das motocicletas) não se justifica tal ousadia.

Na ocorrência (13), decorrente da amostra de fala, *assim* parece atuar como MD, pois anuncia o que será dito posteriormente, “*assim parece que*” indica que o informante mostraria seu ponto de vista sobre a educação, mas a fala foi encerrada sem expor essa opinião. Nesse caso, o *assim* assume uma posição sintática anterior ao verbo e, semanticamente, equivale a “aguarde o que será dito”, pois ele anuncia que o informante pretendia desenvolver o tópico proposto pelo entrevistador. De acordo com Ilari (2002), Castilho (2010) e Bagno (2012), o MD *assim* poderá anunciar também argumentos externos¹⁴, argumentos internos¹⁵, adjuntos adnominais¹⁶ e adjuntos adverbiais¹⁷. Longhin-Thomazi (2006) reconhece que a posição sintática tradicional de MD é depois do verbo ou substantivo e antes de seu complemento sintático ou semântico

Para finalizar esta breve descrição de contextos de usos identificados nas amostras, na ocorrência (14), retirada da amostra de escrita da 1ª metade do século XX, *assim* situa-se depois do verbo **esperar** com o sentido de “aguardar”. Nesse caso, o verbo é transitivo direto e o *assim*, que pode ser classificado como MD, anuncia seu complemento direto, que é “que o pão de cada dia nos venha nutrir”. Todavia, nesse contexto, *assim* também permite uma paráfrase com “desse modo”, ou seja, em momento de crise, não se pode esperar o esforço alheio para conseguir a alimentação básica diária. Julgamos que a ocorrência (14) seja um

¹³ Não houve ocorrências de *assim mesmo* na amostra escrita.

¹⁴ “Assim... o cara lá do fundo parece incomodado e depois de tudo isso... assim... os convidados ainda compraram pizzas e cervejas... parece.” (CASTILHO, 2010, p.283, grifos do autor).

¹⁵ “Quer dizer que eu tive pouco pouco tempo eu estudei acho que uns três anos balê balê três ou quatro e não tive *assim* apresentação em teatros nem nada” (BAGNO, 2012, p. 847, grifo do autor).

¹⁶ “Porque nós paramos em um colégio *assim* de padres, né?” (BAGNO, 2012, p. 847, grifo do autor).

¹⁷ “Eu levo uma vida *assim* muito sedentária” (BAGNO, 2012, p. 847, grifo do autor).

caso de sobreposição de usos do item, conforme evidenciado nos estudos de Longhin-Thomazi (2006), Lopes-Damáso (2008), Souza (2009) e Bonfim (2014).

As ocorrências exemplificadas de (1) a (14) tornam perceptível a multifuncionalidade de usos de *assim* (e perífrases) na fala e escrita de Chapecó. Com base no exposto, organizamos esta dissertação em seis capítulos, descritos a seguir.

Na sequência deste capítulo introdutório, iniciamos a descrição do fenômeno. Procedemos primeiro à descrição geral da classe dos advérbios, no PB. Na seção 2.1, focalizamos a classe dos advérbios segundo as gramáticas de orientação normativa, na seção 2.2, segundo as gramáticas de orientação descritiva e, em 2.3, conforme as gramáticas de orientação histórica. Em 2.4, apresentamos o percurso histórico-evolutivo de *assim* e iniciamos com a origem latina do item, com base nos dicionários e em alguns estudos descritivos do PB. Para tanto, dividimos a seção em quatro subseções: em 2.4.1, expomos a classificação gramatical, sentido e posição sintática de *assim*, descritos em dicionários e gramáticas de cunho normativo e descritivo de língua portuguesa e em estudos sobre o item no PB, em 2.4.2, detalhamos o que chamamos de perífrase de *assim*, apresentadas nos dicionários, gramáticas e nas pesquisas já realizadas sobre *assim*, no PB; em 2.4.3, apresenta-se um levantamento evolutivo de *assim* do português arcaico ao português contemporâneo, observando-o segundo os critérios morfológico, sintático e semântico; por fim, na subseção 2.4.4, organizamos uma proposta de análise de *assim* com base nas amostras investigadas.

No terceiro capítulo, explicitamos os objetivos, seguidos pelas questões e hipóteses da pesquisa. Na sequência, no quarto capítulo, descrevemos os pressupostos teóricos do Funcionalismo norte-americano, postulados principalmente por Givón (1995, 1979, 2002), Traugott (1982, 1989, 1991, 2001, 2007, 2010), Traugott e König (1991), Brinton e Traugott (2005), Traugott e Dasher (2005) e Bybee (2003, 2010), ademais de alguns estudos do pesquisador alemão Heine (1991) e Heine e Kuteva (2007), enfatizando a língua como um sistema funcional, desse modo, um instrumento usado entre os seres humanos com objetivo principal de estabelecer relações interacionais entre seus usuários, no âmbito social e cultural. Segundo essa perspectiva, a gramática funcional se constitui e se reformula constantemente a partir do discurso e a GR, tipo de mudança linguística, atua em duas perspectivas: a primeira, morfossintática – em que itens lexicais tornam-se gramaticais; e, a segunda, semântico-pragmática – na qual os significados dos itens lexicais ou expressões linguísticas percorrem o caminho **menos subjetivo > mais subjetivo > intersubjetivo**.

No quinto capítulo, detalhamos a metodologia adotada nesta pesquisa. Apresentamos, na seção 5.1, o projeto Variação e Mudança Linguística no Português do Oeste de Santa

Catarina (doravante VMPOSC) do qual selecionamos a amostra de fala e escrita para análise. Na seção 5.2, detalharemos o corpus e o recorte amostral selecionado para averiguação e, para finalizar, na seção 5.3, especificamos o tratamento dos dados.

No sexto capítulo, denominado “A dinâmica de usos de *assim*”, apresentamos os resultados quantitativos e qualitativos da análise de nossas amostras para, primeiramente, traçar a trajetória de gramaticalidade de *assim* e, na sequência, observar os empregos do item segundo fatores extralinguísticos. Organizamos o capítulo da seguinte maneira: em 6.1, apresentamos a frequência de usos do item em Chapecó, na amostra de fala e escrita, em 6.2, exibiram-se os usos do item do ponto de vista morfológico conforme as categorias advérbio, conjunção e MD; em 6.3, destacamos quais as posições sintáticas *assim* assume em cada categoria gramatical, em 6.4, descrevemos as funções de *assim*, conforme o critério semântico-pragmático e em 6.5 em que observamos a dinâmica social dos usos de *assim* ao observar se estes são influenciados por fatores sociais como 6.5.1 Faixa etária, 6.5.2 Escolaridade e 6.5.3 Sexo/gênero, então, finalizamos com a seção 6.6 em que construímos uma trajetória de gramaticalidade de *assim*, em Chapecó.

2 ASSIM: DEFINIÇÃO DO FENÔMENO INVESTIGADO

Neste capítulo, por meio de levantamento bibliográfico, tencionamos compreender a trajetória percorrida pelo advérbio *assim* passando pelo uso conjuncional até seu emprego como MD. Para isso, iniciaremos, na seção 2.1, com uma descrição geral da classe dos advérbios segundo as gramáticas de orientação normativa do português; na seção 2.2, passamos à definição segundo as gramáticas de orientação descritiva; e, em 2.3, definimos os advérbios com base em uma gramática de orientação histórica.

Na sequência, apresentamos o percurso histórico-evolutivo de *assim* no português, desde sua origem adverbial no latim, no século XII até o século XXI, com ênfase em seus aspectos formal¹⁸ e funcional¹⁹. Para traçar esse caminho evolutivo, em 2.4 iniciamos por sua origem latina e, nas próximas subseções, passamos por sua inserção no português arcaico (século XIII ao XV) atravessando o português moderno (século XVI ao XVII) até chegar ao português contemporâneo (século XVIII até o XXI). Para alcançar tal percurso, dividimos as partes, respectivamente em: 2.4.1, em que focalizamos o estado da arte de *assim* do português arcaico ao português contemporâneo, no Brasil, porém centrados em dicionários e gramáticas do PB, enfatizando os critérios morfológicos, sintáticos e semânticos; 2.4.2, é feito o detalhamento frente ao que consideramos como perífrases de *assim*, sob a mesma perspectiva dos critérios morfológicos, sintáticos e semânticos; 2.4.3, em que apresentamos um levantamento de pesquisas realizadas sobre o *assim* no PB novamente a partir dos critérios morfológicos, sintáticos e semânticos; por fim, em 2.4.4, reunimos todas as considerações sobre o levantamento bibliográfico de *assim* em um quadro com o levantamento dos diferentes usos do item *assim* encontrados em amostras de escrita e fala no PB.

2.1 A CLASSE DOS ADVÉRBIOS SEGUNDO AS GRAMÁTICAS DE ORIENTAÇÃO NORMATIVA

A definição de advérbio nas gramáticas de cunho prescritivo, como as de Cunha e Cintra (2008), Bechara (2009) e Lima (2011), abrange três critérios: **morfológico** – palavra de

¹⁸ O critério formal recobre tanto o nível morfológico como o nível sintático da língua, conforme Görski e Rost (2008, p. 38).

¹⁹ O critério funcional agrega aspectos formais e semânticos, conforme Görski e Rost (2008, p. 38).

natureza nominal ou pronominal que não varia em grau, número e gênero²⁰; **sintático** – palavra que se associa a um verbo, adjetivo, outro advérbio (intensificador) ou a uma oração inteira²¹; **nocional**²² – palavra que altera o que expressa o verbo e/ou indica em que circunstâncias (lugar, tempo, intensidade, modo, afirmação, negação e dúvida) ocorreu o processo por ele relatado²³. Vejamos os exemplos extraídos de Bechara (2009, p. 242, grifos nossos):

- (15) José escreve *bem*. (advérbio em referência ao verbo).
 (16) José é *muito* bom escritor (advérbio em referência ao adjetivo bom).
 (17) José escreve *muito* bem (advérbio em referência ao advérbio bem).
 (18) *Felizmente* José chegou (advérbio em referência a toda a oração: José chegou; o advérbio desse tipo geralmente exprime um juízo pessoal de quem fala e constitui a cláusula comentário).²⁴

As gramáticas normativas, em sua maioria, classificam os advérbios como adjuntos (termos opcionais) que são empregados ao final das orações. Dessa forma, na “ordem direta”, o advérbio situa-se após os complementos do verbo. Essa posição sintática prototípica corresponde à do advérbio *bem*, em (15), destacado por Bechara (2009), que modifica o verbo *escrever* (intransitivo). Do mesmo modo que Cunha e Cintra (2008) e Lima (2009), Bechara (2009) admite que os advérbios possuam outras funções, além de modificar o verbo, e também ocupem outras posições sintáticas, como ilustrado em (16), em que o advérbio *muito* se refere a bom, predicando o substantivo escritor, e assume posição sintática pós-verbo e anterior ao complemento verbal (posição mediana). Em (17), *muito* intensifica o valor do advérbio *bem* e, assim como em (16), ocupa a posição sintática mediana.

²⁰ Bechara (2009), Cunha e Cintra (2009) e Lima (2011) concordam com a invariabilidade dos advérbios. No entanto, Bechara (2009) e Lima (2011) apresentam que, no caso específico dos advérbios de modo, como *devagar* e *rápido*, há variações em grau (*devagarinho*, *rapidinho*).

²¹ Ressalta-se que, nas gramáticas normativas investigadas, Bechara (2009) reconhece que o advérbio não modifica somente o verbo. Por sua vez, Cunha e Cintra (2008) e Lima (2011) afirmam que os advérbios são estritamente modificadores de verbos, exceto os advérbios de intensidade, que podem reforçar o sentido de um adjetivo (*muito vasta*) ou de outro advérbio (*muito devagar*). Lima (2011), por sua vez, acresce que algumas palavras como *felizmente* incidem sobre toda a frase e não indicam circunstância em virtude de expressar um julgamento pessoal. Por isso, não podem ser considerados advérbios, e o autor os nomeia como palavras denotativas, classificação que, como veremos adiante, é equivocada, já que existem advérbios que atuam modificando orações, além de ser possível alguns tipos de advérbios não exprimirem circunstâncias.

²² O critério nocional corresponde à ideia ou noção de circunstância que transmitem determinados advérbios, como, por exemplo, *abaixo*, *acima* ou *adiante*, que se referem a lugar no espaço, ou a outros sentidos que os advérbios possam transmitir.

²³ Critério utilizado em Bechara (2009), Cunha e Cintra (2008) e Lima (2011).

²⁴ Bechara (2009) utilizou-se, para construção dos exemplos da primeira versão de sua gramática, um cânone literário que incluía Machado de Assis, Gonçalves Dias, entre outros autores. No entanto, foi na 38ª edição que dividiu sua obra em duas partes, sendo que, na segunda, de orientação descritiva, utilizou-se de exemplos possíveis na língua, criados para isso e não extraídos de algum *corpus* de uso real da língua.

Contrariamente aos outros autores, Bechara (2009) acrescenta que, em (18), o advérbio *felizmente* modifica todo o conjunto oracional devido à opinião pessoal que exprime. Nessa circunstância, admite-se que o advérbio tenha mobilidade sintática e assuma a “ordem indireta”, encabeçando a oração (posição inicial).

Como já reconheceu Bechara (2009), nem todos os advérbios contemplam apenas os critérios observados nas gramáticas normativas, mas constituem-se numa classe muito complexa que merece maior atenção. Além disso, o que percebemos, em nosso levantamento, foi que o critério funcional sobressai um pouco em relação ao formal apenas em Bechara (2009), visto que o autor admite que, além de adjuntos da oração, alguns advérbios podem funcionar predicando um substantivo. Já na descrição de Cunha e Cintra (2008) e Lima (2009), a classe dos advérbios está associada tanto ao critério formal (critério sintático e morfológico) como ao funcional, mas este último apenas incidindo sobre o verbo como adjunto.

A seguir, apresentamos a descrição dos advérbios com base em gramáticas descritivas do PB.

2.2 A CLASSE DOS ADVÉRBIOS SEGUNDO AS GRAMÁTICAS DE ORIENTAÇÃO DESCRITIVA

A definição de advérbio nas gramáticas de cunho descritivo, como as de Ilari *et al.* (2002), Mira Mateus (2003), Castilho (2010), Perini (2010), Neves (2011) e Bagno (2012, 2013), abrange os seguintes critérios: morfológico, sintático e nocional.

Morfologicamente, as gramáticas descritivas definem que a natureza dos advérbios é nominal ou pronominal, em conformidade com as exposições das gramáticas normativas. Neves (2011) e Bagno (2012, 2013) especificam que alguns advérbios, denominados quantificadores, em casos estritos, no discurso, isto é, no uso real da língua, são flexionados em gênero e número, mas são considerados “erros” pelas gramáticas normativas. Vejamos: “Será que mecê não tem por lá alguma enxada assim *meia* velha pra ceder para a gente?”²⁵ (NEVES, 2011, p. 234, grifo da autora). Nesse exemplo, *meia* concorda em gênero com o substantivo *enxada*. Além disso, segundo a autora, alguns advérbios também variam em grau, sendo empregados no diminutivo, como *agorinha*, *depressinha* e *loguinho*, como é possível conferir no exemplo: “*Agorinha* mesmo” (NEVES, 2011, p. 234, grifo da autora). Bagno

²⁵ A proposta de Neves (2011) é funcionalista, portanto, todos os exemplos encontrados em sua gramática foram retirados do uso real da língua, pois visam descrever o uso da língua natural.

(2012) acrescenta a essa lista os advérbios *cedinho, nunquinha, devagarinho, de manhãzinha, de tardezinha, à noitinha, à tardinha, todinha e todinho*.

Além da variação em grau, Ilari *et al.* (2002), Castilho (2010), Neves (2011) e Bagno (2012) atentam para o fato de que há uma grande recorrência de advérbios que se unem a outras palavras e formam locuções adverbiais ou advérbios perifrásticos. Seguindo o critério morfológico, segundo Neves (2011, p. 232, grifos da autora), as perífrases compreendem expressões que são formadas por:

- a) preposição + substantivo/adjetivo/advérbio (juntos entreabrimos *sem pressa* os lábios);
- b) substantivo quantificado (inventei *muitas vezes* dor de estômago para ganhar algumas das deliciosas pastilhinhas);
- c) preposição + substantivo quantificado (não os perturba, *de modo nenhum*, a violação da lei moral);
- d) substantivo + preposição + substantivo (mas era-lhe talvez, como sempre acontece nas conspirações que, *via de regra*, conduzem o destino das celebridades);
- e) substantivo, pronome quantificado + preposição + mesmo substantivo/pronome (a família foi *pouco a pouco* chegando);
- f) preposição + sintagma nominal/pronominal + preposição + sintagma nominal/pronominal + preposição + sintagma nominal/pronominal (fique você sabendo *de uma vez por todas*);
- g) preposição + nome/pronome + preposição + mesmo nome pronome (a polícia pode voltar e tenho que matar vocês *de um por um*);
- h) as formas verbais há/faz, havia/fazia + substantivo quantificado (minha avó morreu antes de Leo, *faz alguns meses*).

Sintaticamente, Ilari *et al.* (2002), Mira Mateus (2003), Castilho (2010), Perini (2010), Neves (2011) e Bagno (2012) identificaram diferentes posições sintáticas ocupadas pelos advérbios. Neves (2011) afirma que os advérbios, ou as locuções adverbiais (perífrases), são palavras periféricas, visto que funcionam como satélites do núcleo²⁶. Nesse caso, o advérbio estará em posição anterior ou posterior ao núcleo, mas, nos casos em que o advérbio incide sobre toda a oração, ele inicia o período e, portanto, altera todo seu significado. Observe alguns exemplos apresentados pela autora: “Seus sentimentos são *muito delicados*.” (NEVES, 2011, p. 234, grifos da autora). Nesse exemplo, o advérbio *muito* está posicionado antes do núcleo do predicado, que é o adjetivo *delicados*; mas, em “Não *grita tanto* homem!” (NEVES, 2011, p. 234, grifos da autora), o núcleo da oração é o verbo *gritar*, e o advérbio *tanto* está posicionado depois do verbo; por fim, na posição inicial: “*Provavelmente* você não gostará da resposta” (NEVES, 2011, p. 235, grifo da autora), o advérbio “*provavelmente*” recai sobre toda oração.

²⁶ O núcleo da oração poderá ser: um adjetivo, um advérbio, um numeral, um substantivo, um pronome, a conjunção *embora*, segundo Neves (2011, p. 234-5).

No **critério nocional**, como demonstram Ilari *et al.* (2002) e Neves (2011), os advérbios constituem uma classe heterogênea funcional e dividem-se em duas grandes subclasses: **modificadores** e **não modificadores**²⁷.

A primeira subclasse, dos modificadores, equivale, segundo os autores, àqueles advérbios que predicam sobre o elemento ao qual se referem atuando como modificadores de seu significado. Nessa categoria, estão presentes:

- a) os que “qualificam uma ação, um processo ou um estado expressos num **verbo** ou num **adjetivo**” (NEVES, 2011, p. 236, grifos da autora), como *amorosamente*, *docemente*, *depressa*, *debalde* e *bem*, chamados de advérbios de modo ou qualificadores: “Tenho uma cabeça que *pensa* muito *depressa*” (NEVES, 2011, p. 236, grifos da autora);
- b) os que fortalecem o conteúdo de **adjetivos**, **verbos** ou **advérbios**, como *bastante*, *muito* e *pouco*, chamados de advérbios de intensidade ou intensificadores: “E eu poderei ser vítima de coisas *muito piores*” (NEVES, 2011, p. 237, grifos da autora);
- c) os advérbios nomeados como modalizadores, que se subdividem em quatro tipos:
 - **epistêmicos ou assertivos**, como *certamente*, *possivelmente* e *provavelmente*, que indicam opinião, crença ou desejo, sobre uma afirmação categórica: “Mas, *certamente*, não era o seu desejo” (NEVES, 2011, p. 237, grifos da autora);
 - **delimitadores ou circunscritos**, como *historicamente*, *tecnicamente*, *teoricamente* e *quase*, que delimitam um ponto de vista no qual a asserção é considerada verdadeira: “O ferro já está *quase afiado*” (NEVES, 2011, p. 237, grifos da autora);
 - os **deônticos**, como *obrigatoriamente* e *necessariamente*, que demonstram uma obrigação ou necessidade: “Trem parador, desses que devem parar *obrigatoriamente* em todas as estações” (NEVES, 2011, p. 238, grifo da autora);
 - os **afetivos ou atitudinais**, como *felizmente*, *infelizmente* e *francamente*, que indicam o estado de espírito do locutor em relação ao proferido: “*Infelizmente*, não podemos nos divertir na cidade em que moramos” (NEVES, 2011, p. 238, grifo da autora).

A segunda subclasse inclui os advérbios que não modificam o significado dos elementos que incidem. Fazem parte dessa subclasse:

²⁷ Ilari *et al.* (2002) nomeiam-nos como predicativos e não predicativos, já Bagno (2012) e Castilho como predicativos e de verificação.

- a) os que incidem sobre o valor de verdade da oração:
- advérbios de afirmação (*sim*): “Aquele rapaz do retrato apareceu *sim* no posto dizendo que acabara a gasolina do seu carro ali perto, se não podia vender um galão” (NEVES, 2011, p. 238, grifo da autora);
 - advérbios de negação (*não* e *nem*): “Os homens *nem* sempre aceitam certas coisas” (NEVES, 2011, p. 238, grifo da autora);
- b) os que não incidem sobre o valor de verdade da oração:
- circunstanciais (*antes, agora, logo, tarde, lá dentro, onde e aonde*): “Eu mesmo nem sei por que não acabo *logo* de uma vez com essa bobagem!” (NEVES, 2011, p. 239, grifo da autora);
 - de inclusão (*também, inclusive, somente, exclusivamente e apenas*): “Laio *apenas* resmungava, mas não se aperta” (NEVES, 2011, p. 240, grifo da autora);
 - de exclusão (*exclusive*): “w: números de úteis compreendidos entre o dia da emissão (*inclusive*) e o seu correspondente o mês seguinte (*exclusive*)” (NEVES, 2011, p. 240, grifos da autora);
 - de verificação (*justamente, exatamente e bem*): “O outro sabe que não é *bem* assim” (NEVES, 2011, p. 240, grifo da autora);
- c) os advérbios juntivos, que atuam na oração com valor anafórico operando como conjunções da oração e dividem-se em dois tipos:
- os que indicam contraste com valor de apesar (*porém, contudo, entretanto, todavia e no entanto*): “Alguns empresários, *entretanto*, preferem o sistema de pareceria a 35%” (NEVES, 2011, p. 241, grifo da autora);
 - os que indicam conclusão com significado de em consequência disso (*porém, contudo, entretanto, então e todavia*): “Os ruídos matinais estavam, nesta manhã de domingo, diferentes e *portanto* perturbadores” (NEVES, 2011, p. 251, grifo da autora).

Em suma, a classificação dos advérbios, nas gramáticas de cunho descritivo, depende do critério formal e do critério funcional, ocupadas no contexto em que o advérbio está inserido seja em gêneros orais ou escritos.

Desse modo, observamos que, no **aspecto morfológico** (quanto a sua natureza nominal e pronominal) e **sintático**, as gramáticas descritivas convergem com as prescritivas. Em contrapartida, no aspecto morfológico (em que os advérbios são considerados como palavras invariáveis), Cunha e Cintra (2009) não consideraram este aspecto, visto seu objetivo

prescritivo, enquanto as gramáticas descritivas consideram algumas exceções de advérbios que variam em gênero e grau no uso efetivo da língua.

Todavia, a maior discrepância entre estes dois tipos de gramáticas, se situa no **critério nocional**, pois, apesar de as pesquisas publicadas nas gramáticas descritivas²⁸ terem feito descobertas relevantes sobre a classe dos advérbios, autores como Ilari *et al.* (2002), Mira Mateus (2003), Castilho (2010), Perini (2010), Neves (2011) e Bagno (2012) alertam sobre as dificuldades em sua classificação, principalmente pela complexidade da classe, como já se demonstrou anteriormente. Os autores ainda reforçam que a conceituação das gramáticas normativas sobre os advérbios é falha, pois, como já mencionamos, nem todos os critérios (morfológico, sintático e nocional) se aplicam com sucesso ao conjunto de advérbios.

Ilari *et al.* (2002) demonstram que vários advérbios, em contextos sintáticos específicos, não atendem aos critérios estereotipados pelas gramáticas de orientação normativa e, muitas vezes, eles são apenas enquadrados como “advérbios circunstanciais”, “equivoco” mais recorrente, segundo os autores. Vejamos os exemplos extraídos de Ilari *et al.* (2002, p. 65, grifos nossos):

- (19) Uma escolha *assim* sem base.
- (20) Entidades *aqui* do bairro.
- (21) E gosta de piano? Gosta *assim...* para acompanhar o bailado.
- (22) *Lá* em casa tudo é função do horário.
- (23) São muito acomodadas... ainda não começaram *assim...* aquela fase chamada de difícil, de crítica.

Nos casos acima, em (19), (21) e (23) tem-se o uso de *assim*, em (20) de *aqui* e em (22) de *lá*. *Assim* é tradicionalmente classificado na categoria de advérbio, exprimindo, semanticamente, sentido de modo, enquanto *aqui* e *lá*, apesar de serem considerados da mesma categoria, apresentam um sentido que remete a espaço ou lugar. No entanto, nos cinco exemplos apresentados, os advérbios não atuam dessa maneira, já que interligam partes do discurso. Segundo os autores, eles antecipam a função sintática (complemento ou adjuntos) que será realizada em seguida pelo falante, ou seja, uma advertência que equivale a “aguarde o que direi”.

Desse modo, o método seguido pelas gramáticas de orientação normativa para classificação dos advérbios se revelou ineficaz para parte desta classe, pois não há como

²⁸ Os estudos descritivos sobre os advérbios foram publicados no volume I e II da *Gramática do português falado*, a partir dos anos 1980. No volume I, os estudos incluem considerações sobre a posição dos advérbios, enquanto o volume II apresenta a classificação dos advérbios (aspectuais, focalizadores, modalizadores, circunstanciais e qualitativos) e algumas considerações sobre a ordem e interpretações dos advérbios *apenas* e *também*. Dentre os principais autores desses capítulos, incluem-se: Rodolfo Ilari, Ataliba de Castilho, Célia de Castilho, Sírio Possenti, Fernando Tarallo, Mary Kato e Maria Helena de Moura Neves.

estereotipar advérbios crendo que todos funcionam do mesmo modo, em todas as situações. Nas análises das gramáticas de cunho descritivo, constatamos que predomina o aspecto funcional dos advérbios, ao considerar cada contexto de uso e seus sentidos específicos, como no caso de *assim*.

Ilari *et al.* (2002), Castilho (2010), Neves (2011) e Bagno (2012) destacam que, em contextos restritos, o item *assim* pode classificar-se nas categorias de advérbio, conjunção ou MD, adquirindo funções distintas que estão diretamente interligadas a sua posição sintática e origem pronominal, detalhes que apresentaremos nas próximas seções deste capítulo.

Na sequência, seguimos com a exposição dos advérbios, agora segundo as gramáticas de orientação histórica.

2.3 A CLASSE DOS ADVÉRBIOS SEGUNDO UMA GRAMÁTICA DE ORIENTAÇÃO HISTÓRICA

A definição de advérbio na gramática de Said Ali (1964) abrange os critérios morfológico, sintático e nocional.

No **critério morfológico**, o autor postula que a maioria dos advérbios “[...] como *aqui, ali, agora, hoje, ontem, amanhã*” (SAID ALI, 1964, p. 99, grifo do autor) não varia em número, gênero ou grau e possui natureza nominal ou pronominal. Evidentemente, há exceções que, segundo o gramático, restringem-se, principalmente, aos advérbios de modo, em que a regra de gradação compreende a variação em grau. Vejamos, primeiramente, os exemplos extraídos de Said Ali (1964, p. 100, grifos do autor):

- (24) Partiu *cedinho* para a cidade.
- (25) O doente passa *melhorzinho*.
- (26) Pedro fugiu rapidamente, *tão rapidamente* como Antônio; *mais rapidamente* do que Júlio; *menos rapidamente* do que Eusébio.
- (27) Ligado *estritissimamente* ou muito estreitamente a seus deveres.
- (28) Venha o *mais depressa possível* (ou que puder).
- (29) *Melhor* armados de artilharia e gente.
- (30) Olhos *tão negros*.
- (31) Ele, trabalha *aqui, em São Paulo*.
- (32) Ele trabalha, *hoje, todos os dias*.
- (33) Ele *talvez* trabalhe.
- (34) Ele trabalha *aplicadamente*.
- (35) Ele *não* trabalha.
- (36) *Quando* chegastes a esta capital? ²⁹

²⁹ A gramática de Said Ali (1964) possui como propósito apresentar a língua observando sua evolução histórica reconstruindo o percurso desde sua origem até a atualidade (momento de publicação) e visto o propósito, segundo o autor, todos seus exemplos são buscados em gramáticas normativas ou criados. Entretanto, o gramático alerta que, em casos como o exemplo (29), não há grande adoção pelos falantes no cotidiano, pois, ao

Em (24), tem-se o emprego de *cedinho* e, em (25), de *melhorzinho*, que comprovam a existência da variação de grau (diminutivo). Esta informação é compatível com as descrições das gramáticas normativas de Bechara (2009) e Lima (2011) e das gramáticas descritivas em que se encontrou o mesmo tipo de gradação.

A gramática histórica de Said Ali (1964) também admite que, além dos advérbios, na língua portuguesa, há o emprego de muitas locuções adverbiais, as quais, por sua vez, são compostas por preposições acrescidas de substantivos (*na verdade, com efeito*) ou de preposições combinadas com substantivo e mais um adjetivo ou termo determinante (*à mão direita, de qualquer modo*) ou da união de dois advérbios como em (26) *tão, menos e mais com rapidamente*. O autor acrescenta que a única diferença entre os advérbios e suas perífrases é quanto ao seu tamanho, visto que as perífrases são compostas por duas palavras. Essa é mais uma menção referente a elas também encontrada no âmbito das gramáticas descritivas.

No **critério sintático**, Said Ali (1964) descreve os advérbios como termos complementares, isto é, opcionais (adjuntos) nas sentenças, mas nenhum detalhamento maior sobre a posição sintática deles é acrescido a esta informação, ao contrário das gramáticas de origem normativa e descritiva, que fazem várias considerações sobre a posição dos advérbios. Entretanto, podemos observar que os advérbios citados, nos exemplos do autor, assumem posições sintáticas inicial, mediana e final.

No **critério nocional**, os advérbios denotam circunstâncias como: lugar (31), tempo (24) (28) e (32), dúvida (33), modo (34), negação (35) e grau ou intensidade (26), (27) e (30). Além disso, Said Ali (1964) descreve que os advérbios servem como determinantes não apenas do verbo como em (24), mas também de adjetivo, como em (30), em que *tão* determina a intensidade da cor dos olhos negros, e de outro advérbio, como em (26), em que os advérbios *tão, mais e menos* intensificam o sentido do advérbio *rapidamente*.

Essa característica também aparece nas gramáticas de orientação descritiva de Ilari *et al.* (2002), Mira Mateus (2003), Castilho (2010), Perini (2010), Neves (2011) e Bagno (2012) e na gramática de orientação normativa de Bechara (2009). Esses são os usos mais comuns, todavia, Said Ali (1964) afirma que também existem advérbios interrogativos, que se distinguem dos anteriormente citados, pois são próprios de perguntas e indicam tempo, lugar,

invés de empregarem as palavras melhor ou pior, usam bem ou mal. É interessante a observação de que o autor considera os usos reais da língua, precavendo o leitor de que há possibilidades viáveis (não agramaticais), mas não utilizadas pelos falantes, fato que muitas gramáticas de orientação normativa não consideram até os dias atuais, visto o seu objetivo de normatizar o uso da língua.

modo e causa – no exemplo em (36), *quando* exprime ideia de tempo. Aqui, do mesmo modo que nas gramáticas descritivas, os critérios formal e funcional ganham o mesmo espaço na explanação do autor sobre a classe dos advérbios.

Finalizados os levantamentos sobre os advérbios, retomamos o objeto de nossa investigação e observamos que, tanto nas gramáticas de cunho normativo quanto nas de cunho descritivo, o *assim* encaixa-se na categoria dos advérbios, no primeiro caso, e, nas categorias de advérbio e MD, no segundo. No entanto, não há menção do item na gramática histórica.

Por isso, precisamos pormenorizar estas descrições sobre o item para sanar algumas curiosidades que envolvem a origem de *assim* e sobre a mudança pela qual o item passou de uma categoria para outra e em que momento temporal isto ocorreu no PB. Para responder a esses questionamentos, a partir da próxima seção, detalharemos o percurso histórico-evolutivo de *assim* até chegarmos à sua classificação semântico-pragmática, inspirada em nosso levantamento bibliográfico.

2.4 PERCURSO HISTÓRICO-EVOLUTIVO DE *ASSIM*

O *assim* originou-se do latim, mais especificamente da junção dos termos *ad sic*, conforme esclarecem Nascentes (1995), Gregorim (2008), Ferreira (2009), Houaiss e Villar (2009), Longhin-Thomazi (2006), Gonçalves *et al.* (2007) e Lopes-Damáio (2008). Os autores explicam que *ad* apresenta valor preposicional e equivale à aproximação tempo/espacial, “em direção à”, “para a”, conseqüentemente, o termo reforçava as formas adverbiais, acrescentando nelas o sentido de aproximação, direção e adição. Por sua vez, *sic* (derivado de *seic*) exibe valor de advérbio modal e corresponde a “dessa maneira”.

Ao assumir o valor de *dessa maneira* ou *desse modo*, Lopes-Damáio (2008, p. 106) relata que *sic* tem atrelado a si também um valor de demonstração, e este valor é atribuído a partícula *ce* que o integra, visto que *ce* era muito comum em línguas itálicas e estava em pronomes demonstrativos como *hic(e)* (este) e *illic(e)* (aquele). Este fato justifica seu caráter dêitico, tal como os advérbios que possuem essa noção de demonstração. Após a associação de *sic* (advérbio) a *ad* (preposição), assumiram, posteriormente, as seguintes formas: *adsic*, *assi*, *asi*, *assy*, *asy*, entre outras, até chegar à forma *assim* no PB³⁰.

³⁰ Entretanto, tratando-se da origem de *assim*, Bagno (2012, p. 836) (seção que discute os advérbios) destoa desses dicionários e estudos ao apresentar que o item *assim* é resultado da aglutinação de duas palavras: *a* + *sim*, no português. Se observa, na mesma página, que, ao demonstrar a origem de outras palavras como, por exemplo, *ali*, o autor usa os termos latinos em itálico (*ad* + *illic*) para demonstrar sua aglutinação ainda no latim. Em contrapartida, Nascentes (1995), Gregorim (2008), Ferreira (2009), Houaiss e Villar (2009), Longhin-Thomazi

Nascentes (1995) exemplifica usos de *adsi* e *assi* (*assim*) no latim, que correspondem a modo: “1º) *Et si adsi nom fecerit...* (E se *assi* não tenham feito); 2º) *Assi Quomodo ad illos respondierem in ferias assi ellos a los alteros* (Do mesmo modo como os atendi em período de descanso, *assim* façam eles aos outros)” (NASCENTES, 1995, p. 49). Então, já no latim, *assim* pertencia à classe dos advérbios.

A seguir, exibimos a classificação de *assim* conforme os dicionários e as gramáticas normativas e descritivas de língua portuguesa, considerando os critérios morfológico, sintático e nocional. Cabe ressaltar que não há considerações sobre *assim* na gramática histórica consultada.

2.4.1 *Assim* segundo dicionários e gramáticas do PB

Apresentaremos, nesta subseção, *assim* segundo os critérios morfológico, sintático e nocional descritos em dicionários e gramáticas do PB.

No primeiro tipo de material de consulta, desvendou-se, quanto ao **critério morfológico**, que o item *assim*, segundo os dicionários de língua portuguesa Gregorim (2008), Ferreira (2009)³¹ e Houaiss e Villar (2009), insere-se em duas classes gramaticais: advérbio e conjunção. A seguir, temos um exemplo de *assim* advérbio: “Não proceda *assim* com seu amigo” (FERREIRA, 2009, p. 202, grifo nosso); e outro de *assim* conjunção: “Curta é a vida *assim* saibamos vivê-la” (FERREIRA, 2009, p. 202, grifo nosso).

Quanto ao **critério sintático**, em nenhum dos dicionários consultados há menção quanto à posição que *assim* ocupa, porém, nos exemplos de Ferreira (2009) e Houaiss e Villar (2009), o item é exibido entre duas orações (posição mediana), anterior a complementos verbais ou nominais (mediana) e encerrando-a (final), como se confere a seguir:

- a) “Você não pode engordar, *assim* não deve comer demais;
- b) A casa estava *assim* de gente (FERREIRA, 2009, p. 202, grifo nosso);
- c) A criança já está *assim*” (HOUAISS; VILLAR, 2009, p. 204-5, grifo nosso).

(2006), Gonçalves *et al.* (2007) e Lopes-Damácio (2008), como já mencionado acima, confirmam que a aglutinação do termo ocorreu ainda no latim (*ad + sic*), originando outras formas posteriormente até chegar a forma atual.

³¹ À frente de outras considerações sobre o exposto por Ferreira (2009), atemo-nos ao fato de que três dos exemplos de *assim* foram retirados, respectivamente, de um poema, de uma música e de um livro literário, o que acarreta considerarmos que o autor vislumbrou a possibilidade de esses gêneros discursivos remeterem a usos cotidianos da fala, como faziam as antigas gramáticas tradicionais, o que nem sempre se caracteriza como uma premissa verdadeira. Não há como decifrar por quais motivos isso ocorreu, talvez por falta de outro *corpus* ou, simplesmente, por uma questão opcional teórico-metodológica, mas julgou-se necessário ressaltar esta observação, já que, se tratando de pesquisas linguísticas, a linguagem literária difere do uso real da língua, seja ele arcaico, moderno ou contemporâneo.

Quanto ao **critério nocional**, *assim* atua como advérbio que pode significar:

- a) modo: “vais ficar *assim*, calado? / Não fale *assim* com a sua mãe!” (HOUAISS; VILLAR, 2009, p. 205, grifo nosso);
- b) mesmo modo: “Foram premiados Manuel, Frederico, Roberto, e *assim* os demais alunos que alcançaram nota superior a oito” (FERREIRA, 2009, p. 202, grifo nosso);
- c) tamanho ou altura e quantidade: “É uma criancinha *assim*; A casa estava *assim* de gente; Quando o dia se alevanta, / Virgem Santa!/ fica *assim* de sabiá...” (Heckel Tavares e Luiz Peixoto, da canção Casa de caboclo)” (FERREIRA, 2009, p. 202, grifo nosso).

Os autores acrescentam que, em c), o falante aproveita gestos e outras informações extratextuais para garantir a boa compreensão do que é dito. Além disso, o item *assim* também tem valor conclusivo análogo à “*destarte*” e “*portanto*”: “você não pode engordar, *assim* não deve comer demais” (HOUAISS; VILLAR, 2009, p. 204-205, grifo nosso).

Verificamos, aqui, uma alternância em que o item atua na coesão textual e perde seu sentido de modo (tamanho, quantidade, entre outros elementos do mundo físico) e passa a significar relação de conclusão. Diferentemente dos demais autores, Houaiss e Villar (2009) incluem *assim* **com valor aditivo que sequencia o discurso ou a alteração de ideias do locutor**: “<vou lá hoje; *assim*, se quiseres, seguimos juntos>” (HOUAISS; VILLAR, 2009, p. 205, grifo nosso). Houaiss e Villar (2009) o nomeiam como conjunção aditiva, no entanto, contestamos essa consideração feita no dicionário, pois esse uso de *assim*, na realidade, é um MD que funciona anunciando a próxima parte do discurso ao interlocutor e, por isso, não pode ser considerado apenas com valor aditivo, como comprovamos segundo os levantamentos do PB feitos por Lopes-Damásio (2008), Longhin-Thomazi (2006), Souza (2009) e Bonfim (2014). Vejamos, a seguir, as descrições das gramáticas do PB.

No **critério morfológico**, no levantamento em **gramáticas normativas**, como as de Cunha e Cintra (2008), Bechara (2009) e Lima (2011), *assim* foi **classificado** como advérbio. Enquanto nas **gramáticas descritivas** de Ilari *et al.* (2002), Castilho (2010), Neves (2011) e Bagno (2012) se reconhece que *assim* é um elemento que está a ganhar cada vez mais espaço na oralidade do PB. Em decorrência da grande frequência do uso do item, na fala dos brasileiros, os linguistas iniciaram uma tentativa de reclassificá-lo, pois o *assim* que encontravam no uso não era apenas o advérbio, mas atuava em outra “categoria”. Então, morfológicamente, o classificaram em duas categorias: **Advérbio ou Proadvérbio** (BAGNO, 2012; CASTILHO, 2010; NEVES, 2011) – acrescentamos que Neves (2011) assinala que o

advérbio *assim* “tem uma natureza pronominal [...]” (NEVES, 2011, p. 241) – e **MD** (ILARI *et al.*, 2002; CASTILHO, 2010; BAGNO, 2012).

No **critério sintático**, a posição de *assim* advérbio, relatada pelas **gramáticas normativas** de Cunha e Cintra (2008) e Lima (2011), é a final já que os termos considerados acessórios na oração aparecem depois dos constituintes do predicado, na chamada ordem “direta”. Acrescenta-se ainda que Bechara (2009) deixa clara a grande mobilidade no posicionamento sintático de *assim* advérbio e também funcionando como predicativo, com uma liberdade de escopo maior, pode localizar-se em posição mediana ou final. Em contrapartida, quanto ao critério sintático, as **gramáticas de cunho descritivo** de Castilho (2010), Neves (2011) e Bagno (2012) afirmam que o item *assim* advérbio pode assumir posição sintática inicial, mediana e final, e Ilari *et al.*, (2002), Castilho (2010) e Bagno (2012) confirmam que o marcador de argumento e adjunto está sempre em posição pré-nuclear, antes da categoria a qual antecipa, conseqüentemente, no meio de um sintagma nominal ou verbal.

No **critério nocional**, segundo as **gramáticas normativas**, o primeiro uso tem o sentido de modo, porém, apenas Bechara exemplifica esse uso: “Falou *assim*” (BECHARA, 2009, p. 245, grifo do autor), indicando, conforme suas palavras, a maneira como a fala foi proferida. O autor acrescenta que, em algumas ocorrências, *assim* pode funcionar como modificador de substantivo, pois este remete à qualidade e não a um nome concreto: “Pessoas *assim* não merecem nossa atenção” (BECHARA, 2009, p. 243, grifo nosso). Ele defende ainda que *assim* pode funcionar como predicativo, que atua do mesmo modo que os adjetivos, já que qualifica o substantivo: “A vida é *assim*” (BECHARA, 2009, p. 243, grifo nosso). Logo, o autor admite a existência de dificuldade na descrição e na classificação de *assim*, visto que é característica da classe uma grande multifuncionalidade.

Já nas **gramáticas descritivas**, Castilho (2010) e Neves (2011) demonstram que um dos usos de *assim* predica um sintagma especificador qualificando-o ao indicar grande quantidade: “Essa estrebaria está *assim de pulgas*” (NEVES, 2011, p. 243, grifos da autora), portanto trata-se ainda de um advérbio modal. Por outro lado, Bagno (2012) afirma que *assim* **proadvérbio**³², no **critério nocional**, divide-se em três categorias menores que ocorrem em três situações:

- a) *assim* que aponta para algo concreto no mundo, em que o falante utiliza-se de gestos, será **dêitico**, e seu sentido equivale a *desse modo*: “Quero meu vestido

³² Essa nomenclatura “proadvérbio” é proposta por Bagno (2012) para distinção entre o *assim* anafórico e o catafórico dos advérbios de modo. No entanto, não consideramos essa terminologia, mas a considerada pelos demais estudos do item no PB realizados por Longhin-Thomazi (2006), Lopes-Damásio (2008), Martelotta, Nascimento e Costa (1996), entre outros.

exatamente *assim*” (BAGNO, 2012, p. 849, grifo do autor), isto é, idêntico ao outro vestido o qual o falante provavelmente mostrou apontando;

- b) aquele que recupera algo já proferido no discurso é **anafórico**, corresponde a *falava desse modo*: “minha avó gritava mais... *velho maLUco...* ((risos)) *está caDUco...* ((risos)) ela falava *assim* para ele né?” (BAGNO, 2012, p. 846, grifos do autor);
- c) enquanto o que anuncia algo que será dito é **catafórico**, neste caso, o *assim* anuncia *falou desse modo*: “tem um grande amigo meu que vem aqui e diz *assim* “*você está ficando quadrada ehn? assistindo novelas?*”” (BAGNO, 2012, p. 846, grifos do autor)³³.

Cabe destacar que os usos dêiticos de *assim* são modais, e os usos anafóricos e catafóricos também mantêm resquícios do sentido modal, porém atenuado pelo sentido de referenciador textual como nomeia Neves (2011).

Por fim, Ilari *et al.* (2002), Castilho (2010) e Bagno (2012) definem que *assim* **marcador de argumento e adjunto**³⁴ tem a função gramatical de anunciar argumentos ou adjuntos oracionais e, portanto, assume o sentido de “*assim por diante*”, que podem ser:

- a) mini sentenças (bem normal, graças a Deus não é nenhum:: geniozinho *assim...* quieto... ele::... passa horas... lendo...);
- b) argumentos externos (*assim...* o cara lá do fundo parece incomodado e depois de tudo isso.... *assim...* os convidados ainda compraram pizzas e cervejas... parece.);
- c) argumentos internos (vez por outra... vocês terão *assim...* um pouco... da sociologia);
- d) adjuntos adnominais (um potezinho *assim* com flores);
- e) adjuntos adverbiais (eu não lembro mais... *assim..* muito).

Bagno (2012) reconhece que *assim*, nesse contexto, agrega, à parte seguinte do enunciado, dúvida, incerteza, aproximação e probabilidade: “porque nós paramos *assim* num colégio *assim* de padres, né?” (BAGNO, 2012, p. 847, grifos do autor). Nesse exemplo, a aproximação refere-se ao tipo de colégio “de padres” e serve, segundo o autor, para organizar o discurso, não sendo, portanto, um vício de linguagem.

³³ As situações b) e c) também foram descritas por Neves (2011).

³⁴ Ilari *et al.* (2002) nomeiam-nos como **dêiticos** e Bagno (2012) como **modalizadores**. Nós optamos pela nomenclatura usada por Castilho (2010): **marcador de complemento e adjunto**.

Após todas estas considerações, pautadas em dicionários e gramáticas do PB, reunimos, no Quadro 1, os usos de *assim* segundo os critérios morfológico, sintático e nocional:

Quadro 1: Usos de *assim* segundo dicionários e gramáticas do PB

USOS DE ASSIM SEGUNDO DICIONÁRIOS E GRAMÁTICAS DO PB				
FONTE		CRITÉRIOS		
		Morfológico	Sintático	Nocional
DICIONÁRIOS	Gregorim (2008) Ferreira (2009) Houaiss e Villar (2009)	Advérbio	Mediana e final	Modo/Mesmo Modo/Tamanho/ Altura/Quantidade
		Conjunção	Mediana	Conclusão
	Houaiss e Villar (2009)	Conjunção	Mediana	Adição
GRAMÁTICAS DE CUNHO NORMATIVO	Cunha e Cintra (2008) Bechara (2009) Lima (2011)	Advérbio	Final	Modo
	Bechara (2009)	Advérbio	Mediana ou final	Qualidade
GRAMÁTICAS DE CUNHO DESCRITIVO	Castilho (2010) Neves (2011)	Advérbio	Mediana	Quantidade
	Neves (2011) Bagno (2012)	Advérbio	Inicial e mediana	Modo
	Ilari <i>et al.</i> (2002) Castilho (2010)	Marcador de argumento e adjunto	Mediana (pré-nuclear)	Adição
	Bagno (2012)	Marcador de argumento e adjunto	Mediana (pré-nuclear)	Dúvida/ aproximação/ probabilidade

Fonte: A autora.

Observando o Quadro 1, concluímos que, quanto ao critério morfológico, os dicionários classificam o item *assim* nas categorias de advérbio e conjunção, diferente das gramáticas de cunho normativo que o incluem apenas na classe dos advérbios. Por outro lado, as gramáticas descritivas, além de inserirem o item na classe dos advérbios, o incluem na classe dos MDs, visto que avaliam os usos reais da língua, o que inclui a oralidade.

Já em relação à posição sintática dos advérbios, os dicionários e as gramáticas de cunho descritivo demonstram sua maior mobilidade (posição inicial, mediana e final), enquanto as gramáticas de cunho normativo (com exceção de Bechara (2009)) acabam estereotipando a posição final como prototípica da classe dos advérbios. Referente à classe das conjunções, apresentada apenas nos dicionários, temos a posição exclusivamente mediana, e os MDs também possuem uma posição prototípica pré-nuclear, no entanto, pormenorizadas nas gramáticas de cunho descritivo.

De outro ponto metodológico, no critério funcional, percebemos que as gramáticas normativas associam a posição sintática final aos adjuntos da oração que denotam ideias de modo, enquanto os dicionários e as gramáticas de cunho descritivo observam que *assim* também pode predicar sobre o substantivo atribuindo-lhe qualidades e não apenas funcionar como adjunto. Além disso, os dicionários associam a posição como mediana entre duas orações coordenadas ao valor conclusivo de *assim*, e as gramáticas de cunho descritivo associam a posição mediana (pré-nuclear) ao anúncio aditivo de complementos e argumentos do verbo ou de um sintagma verbal.

A análise de todos esses materiais de consulta do PB também nos permite observar o percurso evolutivo de *assim*. Primeiramente, as mudanças categoriais seguiram novamente os *clines* Advérbio espaço-temporal > Advérbio anafórico > Conjunção e Advérbio espaço-temporal > Advérbio catafórico > MD; em segundo, no critério sintático, o advérbio apresenta maior mobilidade sintática (posição, inicial, mediana e final) > conjunção e MD menor mobilidade sintática (mediana e pré-nuclear); em terceiro, no critério nocional, veicula significados atrelados ao mundo físico (Modo / Mesmo Modo / Tamanho / Altura / Quantidade) > Significados ligados à referência textual (anafórico, catafórico, anafórico/catafórico e valor de adição) e os significados associados à interação comunicacional (Adição, Dúvida, Aproximação e Probabilidade).

Naturalmente, dicionários, gramáticas normativas e descritivas embasam sua construção em perspectivas diferentes, ao visar objetivos distintos, para construção de um panorama detalhado do item *assim* no PB. Todavia, apesar de haver avanços significativos nos estudos descritivos do funcionamento de *assim*, no PB, estamos longe de mapear todas suas funções no Brasil, devido à grande diversidade linguística do país e ao fato de que a língua não é estática e está em constante mudança. Logo, novos sentidos estão sempre sendo criados pelos falantes que buscam uma maior expressividade comunicativa.

2.4.2 Perífrases de *assim*

Assim também age acoplado a outras palavras (como conjunções, pronomes e verbos). É o caso de suas perífrases: “*assim assim*”, “*assim que*”, “*assim como*”, “*assim como assim*”, “*assim mesmo*”, “*ainda assim*” e “*assim seja*”.

Em **termos morfológicos**, os dicionários Ferreira (2009) e Houaiss e Villar (2009), classificam “*assim assim*” como uma locução adverbial, “*assim que*”, “*assim como*”, “*assim como assim*”, “*assim mesmo*”, “*ainda assim*” como locuções conjuncionais e “*assim seja*”

como locução interjectiva. Na gramática de Bechara (2009), *assim que* é categorizado como locução conjuntiva. Nos estudos de Martelotta, Nascimento e Costa (1996) e Souza (2009), as perífrases *assim que* e *assim como* também foram identificadas como locuções conjuncionais.

Em **termos sintáticos**, nos dicionários Ferreira (2009) e Houaiss e Villar (2009), não há menção sobre a posição sintática das perífrases de *assim*. E, como se cita apenas um exemplo de cada uso, em cada dicionário, podemos apenas sugerir posições sintáticas “*assim assim*” inicial, “*assim que*” mediana, “*assim como*” inicial e mediana, “*assim como assim*” inicial, “*assim mesmo*” não apresentam exemplos, e “*assim seja*” inicial. Em Bechara (2009), também temos um uso da locução conjuntiva *assim que* iniciando a sentença. E nos estudos do PB de Martelotta, Nascimento e Costa (1996) e Souza (2009) tanto *assim que* como *assim como* ocupam posição mediana entre duas orações.

Em **termos semânticos**, nos dicionários de Ferreira (2009) e Houaiss e Villar (2009), encontramos as seguintes acepções das perífrases de *assim*:

- a) *assim assim* indica estado de saúde física ou psicológica, nem bem nem mal, mais ou menos, sofrivelmente: “– Como tem passado? / – *Assim, assim*” (FERREIRA, 2009, p. 212, grifo nosso);
- b) *assim como* equivale a *do mesmo modo, logo que ou assim que*: “*Assim como* ele, outros caíram no logro. [...] *Assim como* cheguei fui notando novidades” (FERREIRA, 2009, p. 212, grifo do autor);
- c) *assim como assim* significa *de qualquer modo que seja ou seja como for*: “*Assim como assim*, vamos mesmo ter de abandonar o projeto” (HOUAISS; VILLAR, 2009, p. 205, grifo do autor);
- d) *assim que* denota ideia de *tempo logo, imediatamente após*: “O telefone tocou *assim que* Joana entrou.” (HOUAISS; VILLAR, 2009, p. 205, grifo nosso);
- e) *assim mesmo* equivale a *ainda assim, apesar disso, não obstante* – nenhum dos autores exemplifica essa perífrase;
- f) *assim seja* sinaliza desejo referente a algo já dito: “*Assim seja, amém*”³⁵ (HOUAISS; VILLAR, 2009, p. 205, grifo nosso).

Nas **gramáticas normativas**, apenas Bechara (2009) apresenta uma perífrase, a qual ele nomeia como locução conjuntiva adverbial, que marca circunstância de tempo, *assim que*: “*Assim que* chegou, começou a trabalhar” (BECHARA, 2009, p. 243, grifo do autor).

³⁵ Encontramos, no aplicativo Dicionário de Português, sinônimos de *assim seja*: *que assim seja*, *amém* e *oxalá*. Na gramática histórica de Said Ali (1964) um dos sinônimos de *oxalá* mencionado foi *que assim Deus queira*.

Nos **estudos do PB**, ainda no português arcaico, como comprovaram Martelotta, Nascimento e Costa (1996) *assim que* expressava consequência, como demonstra o exemplo a seguir: “u dia a veo que estávamos a cabo de u)a água, e vimos a besta cercada de todas as partes *assi que* nom podia escapar em nhu)a guisa” (MARTELOTTA, NASCIMENTO; COSTA, 1996, p. 149, grifos dos autores). Relatando a situação de um bicho cercado, *assim que* equivale à consequência disso, de não poder escapar. Já no português contemporâneo, Martelotta, Nascimento e Costa (1996) e Souza (2009) descrevem as perífrases *assim que* e *assim como*. *Assim* acompanhado da partícula *que* tem valor de tempo. Na sequência, *assim* inicia uma oração e estabelece um valor temporal de imediatismo, em relação à segunda oração. Observe os exemplos nos dois trabalhos:

(37) ... e o médico dele foi à França... justamente por causa dele... que era um caso raro... e:: o/ quem ia operar ia ser o próprio médico dele... mas orientado por uma equipe francesa... então o médico dele foi primeiro... e:: eles estudaram o caso lá desse rapaz... eh::... só que o médico teve que voltar antes... e depois ia(m) retornar à França com o rapaz pra cirurgia... aí esse rapaz foi ao consultório do médico... *assim que*:: o médico chegou no Brasil... e o médico falou que não... que ia tentar fazer a cirurgia aqui... e já não deixou ele sair... ir pra casa... (MARTELOTTA; NASCIMENTO; COSTA, 1996, p. 152, grifo dos autores).

(38) ah!...eu vou falar como que faz brigadeiro...porque é uma das únicas coisas que eu sei fazer...((Inf. fala rindo))então primeiro ((Inf. fala rindo))...eu tenho que...eu vou no mercado...pra comprar...o leite condensado...a manteiga...e o achocolatado...daí em casa...coloco tudo numa panela...uma lata de leite condensado...uma colher de manteiga...e três colheres de achocolatado...é::...fica mexendo...com fogo baixo...aí mexe até cansar... *assim que* desgrudar da panela eu coloco numa outra vasilha...e deixo esfriar na geladeira...demora...coisa de DEZ minutos... (SOUZA, 2009, p. 140, grifo do autor).

Em (37), *assim que* indica que o rapaz que precisava fazer uma cirurgia foi ao consultório médico imediatamente após o profissional de saúde retornar ao Brasil. Em (38), ao explicar os passos para o preparo de uma receita de brigadeiro, *assim* refere-se que logo que o brigadeiro desgrudar da panela deve ser posto em uma tigela e levado à geladeira.

De base catafórica, *assim*, com uso comparativo, está aliado à palavra *como*. “Apesar da economia estar demonstrando uma pequena melhoria nos últimos meses, a inflação *assim como* o desemprego continuam muito altos mostrando que o país não se recuperou da devastação do governo Collor” (MARTELOTTA; NASCIMENTO; COSTA, 1996, p. 152, grifo dos autores). A comparação acontece entre a inflação e o desemprego que continuam aumentando impulsionados pelo cenário econômico da crise econômica do Governo Collor.

A seguir, expomos, no Quadro 2, as perífrases de *assim* detalhadas anteriormente, segundo os aspectos morfológico, sintático e semântico:

Quadro 2: Perífrases de *assim* segundo dicionários e gramáticas do PB

PERÍFRASES DE ASSIM SEGUNDO DICIONÁRIOS E GRAMÁTICAS DO PB						
FONTE		PERÍFRASES		CRITÉRIOS		
				Morfológico	Sintático	Semântico
DICIONÁRIOS	Houaiss e Villar (2009) Ferreira (2009)	1ª	<i>Assim Assim</i>	Locução Adverbial	Inicial	Estado
		2ª	<i>Assim como</i>	Locução conjuncional	Inicial e Mediana	Comparação
		3ª	<i>Assim como assim</i>	Locução conjuncional	Inicial	Maneira
		4ª	<i>Assim que</i>	Locução conjuncional	Mediana	Tempo
		5ª	<i>Assim mesmo</i>	Locução conjuncional	—	Oposição
		6ª	<i>Assim seja</i>	Locução Interjectiva	Inicial	Desejo
GRAMÁTICAS NORMATIVAS	Bechara (2009)	1ª	<i>Assim que</i>	Locução Conjuntiva Adverbial	Inicial	Tempo
ESTUDOS DO PB	Martelotta, Nascimento e Costa (1996) Longhin-Thomazi (2006) Souza (2009)	1ª	<i>Assim que</i>	Locução Conjuncional	Mediana	Consequência Tempo
		2ª	<i>Assim como</i>	Locução Conjuncional	Mediana	Comparação

Fonte: A autora.

Examinemos, na próxima subseção, como o *assim* evoluiu nos aspectos morfológico, sintático e semântico, no PB, ao observarmos pesquisas sobre a descrição dos contextos de uso do *assim* no Brasil. Temos conhecimento, até este momento, por exemplo, dos estudos de Martelotta, Nascimento e Costa (1996), Silva e Macedo (1996), Oliveira Neto (1997), Longhin-Thomazi (2006), Lopes-Damásio (2008), Souza (2009), Castelano e Ladeira (2010), Castelano e Luquetti (2011), Castelano (2013), Bonfim (2014), dentre outros.

2.4.3 *Assim*: do português arcaico ao português contemporâneo

Detalharemos o percurso histórico-evolutivo do elemento *assim* desde o português arcaico (século XIII ao XV) passando pelo português moderno (século XVI ao XVII) até chegar ao português contemporâneo (século XVIII até o XXI), conforme Martelotta, Nascimento e Costa (1996)³⁶, Silva e Macedo (1996)³⁷, Oliveira Neto (1997)³⁸, Longhin-

³⁶ Martelotta, Nascimento e Costa (1996) utilizaram dados de escrita do português arcaico extraídos do *corpus* composto por: *A demanda do Santo Graal*, retirado de Magne (1944), *O Bosco deleitoso*, de Magne (1950) e

Thomazi (2006)³⁹, Lopes-Damásio (2008)⁴⁰, Souza (2009)⁴¹, Castelano e Ladeira (2010)⁴², Castelano e Luquetti (2011)⁴³, Castelano (2013)⁴⁴ e Bonfim (2014)⁴⁵.

Em **termos morfológicos**, nos séculos XIII a XVI, *assim* permaneceu na categoria gramatical de advérbio “Eu faço isso *assim*” (SILVA e MACEDO, 1996, p. 13), advinda do latim, mas, nesse período, também surgiu o seu uso conjuncional: “Indústrias que têm compras comuns associam-se em cooperativas, centralizando, por meio destas, suas aquisições. *Assim*, podem obter melhores preços e maiores prazos, pelo aumento do vulto de transações” (LONGHIN-THOMAZI, 2006, p. 1774).

A partir do século XX, apareceram os usos de *assim* como MD: “era uma farinha misturada com água... eles fazem *assim* uma espécie de uma::... um melado” (LONGHIN-THOMAZI, 2006, p. 1775). Portanto, os estudos de Martelotta, Nascimento e Costa (1996), Longhin-Thomazi (2006), Lopes-Damásio (2008) e Souza (2009) revelam que a trajetória

Crestomatia Arcaica, de Nunes (1943) e também um *corpus* da oralidade constituído por entrevistas do projeto Discurso & Gramática das cidades do Rio de Janeiro, Rio Grande, Juiz de Fora, Natal e Niterói.

³⁷ Silva e Macedo (1996) utilizaram 64 entrevistas de “Amostras do Censo” estratificadas em: idade 07 a 14 anos, 15 a 25 anos, 26 a 50 anos e superior a 50 anos; sexo feminino e masculino; e, por fim, grau de escolarização primário, ginásio e 2º grau. Dos MDs utilizados, foram selecionados os mais recorrentes e *assim* encaixou-se nos grupos citados. Contudo, eles não citam a quais regiões do Brasil pertencem tais amostras.

³⁸ Oliveira Neto (1997) estudou o emprego de *assim* MD na fala dos canoeiros de Abaetetuba, Barcarena, Cametá, Igarapé-Miri e Moju, todos do Pará (PA). O *corpus* foi constituído por cinco entrevistas com pescadores (sexo masculino), a escolaridade dos informantes variava entre analfabetos e alfabetizados que cursaram até a segunda série do primário. A faixa etária concentrou-se entre 35 e superior a 50 anos de idade.

³⁹ A autora encontrou usos de *assim* ao consultar amostras dos corpora do projeto Norma Linguística Urbana Culta (NURC) e “[...] *corpus* compartilhado do Projeto Gramática do Português Falado, que inclui dados procedentes de cinco capitais. Do escrito, utilizo uma amostra de dados armazenada no Centro de Estudos Lexicográficos (CEL) da Unesp-Araraquara” (LONGHIN-THOMAZI, 2006, p. 1774).

⁴⁰ Lopes-Damásio (2008) também estudou o uso de *assim*, em um *corpus* de fala do Banco de Dados Iboruna. Sob uma perspectiva de análise pancrônica, fez um resgate histórico bibliográfico das funções que o item *assim* assumiu no latim, no português arcaico, no português moderno e no português contemporâneo por meio de estudos já realizados no PB em comparação com os dados de seu *corpus*, descrevendo-o em dois níveis: sintático e semântico-pragmático.

⁴¹ Souza (2009) também analisou a multiplicidade funcional de *assim*, *já* e *daí*, no português falado do noroeste paulista. Para isso, utilizou-se do Banco de Dados Iboruna, sob uma perspectiva de análise pancrônica.

⁴² Castelano e Ladeira (2010) buscaram descobrir que funções discursivas interacionais “*assim*” “*tipo*” e “*tipo assim*” assumem na interação oral. Os dados para análise foram retirados de quatro conversas espontâneas, gravadas em ambientes informais, e realizadas por estudantes da Universidade Federal de Viçosa, em Minas Gerais (MG).

⁴³ A gramaticalização de *assim* também foi pesquisada por Castelano e Luquetti (2011). O *corpus* escolhido foi “A língua falada na Região Noroeste Fluminense” pertencente ao estado do RJ. Desse *corpus*, foram selecionadas partes de entrevistas orais constituídas por narrativas de experiência pessoal e narrativas recontadas. A estratificação dos dados segue três variáveis sociais: sexo, idade e escolarização. Quanto à segunda e à terceira variável, os informantes selecionados possuíam idade entre 5 e 20 anos, escolaridade Ensino Fundamental 1º e 2º ciclo e Ensino Médio, já a segunda faixa etária abrangeu pessoas acima de 23 anos que cursavam os últimos anos do ensino superior.

⁴⁴ Castelano (2013) buscou analisar quais eram os contextos de uso de *assim*, *tipo* e *tipo assim* no discurso de estudantes da rede pública, de Campo dos Goitacazes no RJ.

⁴⁵ Nos estudos de Bonfim (2014), o *corpus* foi constituído por entrevistas feitas com professores universitários de Maringá (PR), naturais da localidade ou residentes há pelo menos dez anos, e por elocuições formais: aulas ministradas pelos mesmos informantes.

categorial do item *assim*, do português arcaico ao contemporâneo, resume-se em dois *clines*: advérbio espaço-temporal > advérbio anafórico > conjunção e advérbio espaço-temporal > advérbio catafórico > MD, e todos esses usos conservaram-se até a atualidade, sendo empregados, segundo os levantamentos, com maior ou menor frequência.

Em **termos sintáticos**, *assim* assume diversas posições dentro da sentença (inicial, mediana ou final), conforme sua categoria gramatical. Conferimos, abaixo, este critério observando exemplos retirados das pesquisas realizadas no PB.

Na **categoria de advérbio**, conforme Lopes-Damásio (2008), as recorrências de *assim*, revelaram que ele pode aparecer nas orações tanto em posição inicial, como mediana ou final. Vejamos os exemplos:

(39) Erec? Disse Meraugis: vós sodes aquel que nunca mente? *Assi* Deus me ajude, eu vos oui louvar em tôdas cousas tanto, que farei vosso rôgo, ca bem crede que o nom faria por outro cavaleiro. (13, DSG, p. 09) [Erec? Disse Meraugis: vós sois aquele que nunca mente? *Assim* Deus me ajude, eu vos louvarei tanto em todas as coisas, que farei rogo, o que não faria por outro cavaleiro] (LOPES-DAMÁSIO, 2008, p. 108, grifos nosso).

(40) Eno terceiro dia juntou Deos as auguas, que eram sô o firmamento, em hu logar, e *assi* apareceu a terra, e assi lhe chamou nostro Senhor. [e no terceiro dia Deus juntou as águas, que estavam sob o firmamento, em um lugar, e por isso (dessa forma) apareceu a terra] (LONGHIN-THOMAZI, 2006, p. 1776, grifo da autora).

(41) Quando el viu que seu coração, que nunca fora espantado, começou a entrar em êra e em espanto e que chorava e nom sabia porquê, disse *assi*: “Senhora Santa Maria, madre de piedade, socorrei-me e nom me leixe ainda morrer... [Quando ele viu que seu coração, que nunca fora espantado, começou a entrar em desespero e em espanto e que chorava e não sabia porquê, disse *assim*: “Senhora Santa Maria, madre de piedade, socorrei-me e não me deixe ainda morrer... (LOPES-DAMÁSIO, 2008, p. 117, grifos nosso)

Os exemplos (39), (40) e (41) foram extraídos do português arcaico. Na ocorrência (39), *assim* aparece iniciando a sentença (posição inicial), em que a pessoa o utiliza e, em seguida, expõe o restante da sentença; na ocorrência (40), a posição de *assim* é mediana entre duas orações; na ocorrência (41), *assim* finaliza a sentença antecipando a próxima parte do discurso a ser proferido. Observa-se, nesta categoria gramatical, uma grande mobilidade do item relativo à sua posição sintática.

Na **categoria de conjunção**, sintaticamente, *assim* posiciona-se tipicamente entre duas sentenças coordenadas, isto é, que são independentes entre si, conforme Longhin-Thomazi (2006). No exemplo (42), observa-se *assim* entre duas orações coordenadas:

(42) E quando amanhece as mais das vezes está o ceo todo cuberto de nuues, & *assi* as mais das manhaãs choue nestas partes, & fica toda cuberta de nevoa. [E quando

amanhece na maioria das vezes o céu está todo coberto de nuvens, e por isso chove na maioria das manhãs, nessas partes] (LONGHIN-THOMAZI, 2006, p. 1777, grifo da autora).

No trecho (42), extraído do português arcaico, *assim* tem posição mediana entre a oração 1 “E quando amanhece na maioria das vezes o céu está todo coberto de nuvens” e a oração 2 “chove na maioria das manhãs, nessas partes”. É relevante destacar que Martelotta, Nascimento e Costa (1996), Longhin-Thomazi (2006), Lopes-Damásio (2008) e Souza (2009) revelaram que a posição mediana é unânime em todos os empregos de *assim* na categoria gramatical de conjunção. Portanto, a posição é fixa e não permite alterações, visto que isso acarretaria implicações no sentido da sentença, como explicaremos a seguir, no critério semântico.

Os MDs, segundo pesquisas do PB, foram investigados sob duas perspectivas teóricas: a da GR⁴⁶ e a da discursivização (doravante DC). Na primeira delas, como exposto por Urbano (1993), Martelotta, Nascimento e Costa (1996), Oliveira Neto (1997), Castelano e Ladeira (2010), Castelano e Luquetti (2011) e Castelano (2013), os MDs podem assumir qualquer posição sintática:

- a) **inicial**, no começo de uma sentença – “Você vê aí... você lê em jornal... toneladas de comida estragam... pô... cheio de pessoas passando fome... entendeu? é a própria ((pigarro)) sistema... *assim*... como é que eu posso falar? sistema de segurança... é tudo falho...” (MARTELOTTA; NASCIMENTO; COSTA, 1996, p. 154, grifo dos autores);
- b) **mediana**, no meio da sentença – “[...] eu não gosto também pur caso da prefeita né?... por que... ela:... ela é:... *assim*... ela roba muito... ela:... é:... *assim*... ela roba muito... ou final” (CASTELANO, 2013, p. 49, grifos da autora);
- c) **final**, no final da sentença – “[...] Tenho uma cabeça muinta boa graças a Deus mermu, sei gravá[r] quarque coisa *assim*” (OLIVEIRA NETO, 1997, p. 52, grifo do autor) –, em virtude de que são empregados pelo falante apenas para evitar o silêncio enquanto elabora a continuação de seu discurso.

De outro posicionamento teórico, Silva e Macedo (1996), Lopes-Damásio (2008), Longhin-Thomazi (2006), Souza (2009) e Bonfim (2014) revelam que o MD *assim* se posiciona após o verbo e antes de seu complemento (verbo + *assim* + complemento) ou inserido em um sintagma nominal (mediana). Em outras palavras, *assim* anuncia a próxima

⁴⁶ Enfatizamos que muitas discussões teóricas envolvem o processo de GR e de DC, pois é um tema polêmico e muito debatido entre os pesquisadores da área. Entretanto, nos ateremos à GR.

parte sintática da oração que será dita. Observe a ocorrência de *assim*, a seguir, que pertence ao português contemporâneo e está inserido no meio de um sintagma nominal: “é um grupo *assim...* de apoio de discussão sobre esses problemas da criança abandonada” (BONFIM, 2014, p. 61, grifo do autor).

Lopes-Damásio (2008) chama a atenção para o fato de que muitos autores, como Lehmann (1995, 1982), Martelotta (1996, 2004), Traugott (2003), entre outros, acreditam que os MDs possuem uma posição sintática mais fixa, pois compõem a fase final do processo de GR, isto significa que, quanto mais gramaticalidade tem um item, mais fixa será sua posição sintática. Na análise empreendida pela autora, esta premissa se confirma, pois *assim*, na maioria dos casos, ocupa posição mediana.

No entanto, Lopes-Damásio (2008) afirma que, embora menos frequente, *assim MD* também ocupa posição inicial como em: “*Assim* você que faz biologia, né? Quê que você acha da aids né?” (LOPES-DAMÁSIO, 2008, p. 158, grifo da autora)... e final⁴⁷ “Mas vocês discutiram o que vocês discutiram *assim*?” (LOPES-DAMÁSIO, 2008, p. 158, grifo da autora), dentro da oração.

Em **termos semânticos**, *assim* foi empregado do português arcaico até o contemporâneo com vários sentidos. Resumidamente, a partir dos trabalhos de Martelotta (1996), Longhin-Thomazi (2006), Lopes-Damásio (2008) e Souza (2009), é possível inferir que *assim* adverbial divide-se em cinco acepções:

- a) integrante das expressões volitivas, com sentido de modo/maneira (encontrado apenas por Lopes-Damásio (2008), no século VIII);
- b) anafórico ou catafórico, com sentido de modo suavizado e acrescido do sentido coesivo que remete a porções textuais anteriores ou posteriores a si (descrito por todos os autores, já no século VIII até o XXI);
- c) anafórico e catafórico concomitantemente, com valor de causa e consequência (encontrados por Longhin-Thomazi (2006) e Lopes-Damásio (2008) no século VIII, embora raros até o século XXI);
- d) dêiticos, indicativos de tempo e espaço (descritos por Longhin-Thomazi (2006) e Castelano (2013), no século XX – ressaltamos que, nesse caso específico, no

⁴⁷ Resumidamente, foram identificadas dez situações diferentes de posicionamento: (1) Nome ou Pronome + *assim* + Oração relativa/sintagma preposicionado, adverbial ou adjetival; (2) Oração + *assim* + Oração; (3) Sintagma adverbial + *assim* + [Oração]; (4) Nome + *assim* + [Oração]; (5) Oração + *assim*; (6) Marcador discursivo ou Ø + *assim* + [Oração]; (7) Verbo + *assim* + Predicativo/complemento verbal; (8) Nome + Pronome Relativo + *assim* + [Oração relativa]; (9) Verbo + Conjunção integrante + *assim* + [Oração completiva]; (10) Verbo + *assim* + sintagma adverbial / sintagma adverbial + *assim*.

português arcaico, tais usos não foram encontrados desagregados dos modais coesivos);

- e) enquanto uso conjuncional, estabelecendo relação de causa e consequência ou conclusão (apontado por Costa, Nascimento, Martelotta (1996), Longhin-Thomazi (2006), Lopes-Damásio (2008) e Souza (2009), muito recorrente a partir dos séculos XIV e XV permanecem até o português contemporâneo).

Sob a perspectiva da GR, as novas acepções de *assim* originaram-se a partir desse uso adverbial. Segundo Longhin-Thomazi (2006), da evolução do advérbio anafórico surgiu a conjunção coordenativa (significados subjetivos) e do advérbio catafórico advém *assim* como MD ou modalizador epistêmico (significados intersubjetivos), conforme detalharemos na sequência:

a) **Advérbio sintagmático ou modalizador** apresenta a função de anunciar a próxima parte do discurso e equivale a *aguarde o que será dito* (cf. BONFIM, 2014; SOUZA, 2009; LOPES-DAMÁSIO, 2008⁴⁸ encontrados no PB contemporâneo, especificamente em *corpus* de fala).

Esse sentido de *assim* é o veiculado pelas expressões volitivas, ou seja, orações em que o falante faz uma súplica, um pedido insistente, relacionado a seus desejos íntimos. Segundo Lopes-Damásio (2008), *assim*, nesse contexto, é empregado com valor de *modo* ou *maneira*. Vejamos:

(43) Senhor, eu sou Galvam, o vosso amigo, que vós amávades tanto. E, *assi Deus me ajude*, pêsá-me desta maa-andança tanto, como se me aviesse com alguu de meus irmãos. (13, DSG, p. 03). [Senhor, eu sou Galvam, o vosso amigo, que vós amávades tanto. E, assi Deus me ajude, confortando-me tanto nesses caminhos, como se eu viesse com algum de meus irmãos] (LOPES-DAMÁSIO, 2008, p. 107, grifo nosso).

Na ocorrência (43), pertencente ao português arcaico, há uma súplica direcionada a Deus. Nesse contexto, semanticamente, *assim* equivale a *desse modo, dessa maneira*, que Deus o ajude. Caso o item *assim* seja excluído da sentença ocorrerá um prejuízo semântico, visto que perde o sentido de súplica.

b) **Advérbio modal anafórico e catafórico**: veicula valor de *modo/maneira*, acrescido do movimento pronominal (anáfora e catáfora), desde o português arcaico até a atualidade,

⁴⁸ Lopes-Damásio detalha *assim* MD modalizador, separando-os por contextos de uso. Além disso, propôs que a inclusão do **signalizador metadiscursivo** (LONGHIN-THOMAZI, 2006) a tais contextos. Também acreditamos que o **marcador metadiscursivo**, sugerido por Souza (2009), os integre. Reconhecida a multifuncionalidade de *assim* como MD, na próxima subseção, demonstraremos todas as funções de *assim* MD.

conforme constataram Martelotta, Nascimento e Costa (1996), Longhin-Thomazi (2006), Lopes-Damásio (2008), entre outros. Para ilustrar esse emprego coesivo, primeiramente, apresentamos os usos anafóricos e, em seguida, os catafóricos de *assim* nas seguintes ocorrências:

(44) “Ora me leva a salvo, e eu te prometo que ta leve daqui a IIII dias u quiseres.”
 “Pois fará-lo *assí*?” Disse o demõ. [Pois fará assim/dessa forma?] E el lho prometeu lealmente, e o demõ o guiou logo...
 Quando el viu que seu coração, que nunca fora espantado, começou a entrar em mêdo e em espanto e que chorava e nom sabia porquê, disse *assí*: “Senhora Santa Maria, madre de piedade, socorrei-me e nom me leixe ainda morrer... (LOPES-DAMÁSIO, 2008, p. 108, grifo nosso)

No primeiro uso de *assí*, na ocorrência (44), retirado do português arcaico, o item retoma, anaforicamente, “levá-lo a salvo”, indagando se o interlocutor fará “deste modo”. Ao passo que a segunda ocorrência se refere ao discurso direto de um personagem que é enunciado em seguida no texto, indicando “a maneira” como o discurso foi proferido. Como se remete a porções textuais (anteriores ou posteriores), a função apontada por Lopes-Damásio (2008, p. 108) é de um elemento coesivo intratextual.

c) **Advérbio modal anafórico e catafórico:** desempenha a função “[...] na qual, ao mesmo tempo em que realiza uma sinalização de base anafórica, remetendo a toda uma porção textual maior, permite, concomitantemente, a inferência de uma leitura de *conclusão* ou *consequência*⁴⁹.” (LOPES-DAMÁSIO, 2008, p. 109, grifo da autora). A relação de caráter conclusivo ou consequência acontece entre as duas sequências mencionadas foricamente, assumindo valor de *dessa forma, portanto*. Em vista disso, embasando-se em significados contidos no texto, *assim* veicula crenças e atitudes dos falantes referentes à situação. Vejamos:

(45) [...] e ela pidiu licença, que a leixasse sair fóra pera adorar, e fazer oraçom ao seu Deus, e *assy* fez: per três noytes saía fora da oste, e bautizava-se nas auguas, e fazia oraçom a Deus d’Israel.(14, BMP, p. 368) [e ela pediu licença para que a deixassem sair para adorar e fazer oração ao seu Deus, e assim o fez: por três noites saía da oste e batizava-se nas águas, e fazia oração a Deus de Israel] (LOPES-DAMÁSIO, 2008, p. 111, grifo nosso).

Na ocorrência (45), retirada do português arcaico, a relação conclusiva acontece quando se remete à parte anterior ao *assim* em que é anunciado que pediu licença, saiu e foi

⁴⁹ Essa relação de causa e consequência, sinaliza projetividade, ou seja, que o discurso será expandido, na sequência.

fazer orações e ao acréscimo da próxima parte em que se tem a ideia de portanto fez e passou dias orando a Deus.

d) Advérbio dêítico: indica tempo e/ou espaço, equivale a *desse modo, desse tamanho, desse jeito*, entre outros, acresce-se a isso o fato de que, além do discurso do falante, que inclui *assim*, há a utilização de gestos que se referem ao tamanho, quantidade ou forma do conteúdo referente ao mundo físico. Indubitavelmente, o interlocutor necessitará de informações extratextuais, do mundo físico, para chegar à plenitude do significado. Vejamos o exemplo, extraído do português contemporâneo, de Longhin-Thomazi (2006, p. 1774, grifo da autora): “Agora fixe o olhar. Bem. Para que nossa imagem povo e o espelho e perdue para sempre. *Assim* (abraçados, fitam as imagens refletidas)”.

e) **Conjunção:** o valor conclusivo é resultado da mutação de funções gramaticais de base anafórica. O **tema** equivale ao ponto de partida de acréscimo para a segunda parte, o **propósito** que significa o objeto central do interesse comunicativo. O valor semântico incorporado por *assim* equivale a *portanto* ou *por conseguinte*.

(46) Tais preparados levam certas vantagens sobre os derivados do piretro e dos timbós, por serem mais lentamente degradados, exibindo, *assim*, ação residual mais prolongada. (LONGHIN-THOMAZI, 2006, p. 1774, grifo da autora).

Na ocorrência (46), extraída do português contemporâneo, *assim* atua com valor conclusivo em que o falante expõe que algumas substâncias se deterioram mais lentamente que outras. Nesse caso, para concluir a informação de que certas substâncias têm ação residual mais duradoura sobre os derivados do piretro e dos timbós (substâncias extraídas de plantas com características de repelente), é utilizado o item *assim* (portanto).

f) **MD Preenchedor de pausa**, derivado do sentido catafórico sinaliza hesitação. Neste caso, julga-se que o MD *assim* não possui nenhum valor semântico na sentença já que, segundo a perspectiva da DC, o falante o emprega com o propósito de evitar o silêncio enquanto (re)formula seu discurso, segundo a perspectiva da DC, Martelotta, Nascimento e Costa (1996), Oliveira Neto (1997), Castelano e Ladeira (2010), Castelano e Luquetti (2011), Castelano (2013) e Urbano (1993):

(47) I: um amigo meu... que tinha dezoito aos na época... na época eu era até mais novo... eu tinha... dezesseis ou quinze anos mais ou menos... ele se aci/ ele foi pra... pra Pádua... *assim*...num churrasco do pessoal da faculdade dele... turma de matemática... na volta... aí um dos caras beberam muito... (CASTELANO; LADEIRA, 2010, p. 13)

Em (47), exemplo extraído do português contemporâneo, o *assim* serve para organizar o discurso, com o intuito de não perder a linha de raciocínio. A presença do item garante que o falante possa seguir a narrativa em que explica uma sequência de fatos realizados por um amigo quando saiu da cidade de Pádua e foi para um churrasco com colegas de faculdade. Nesse caso, segundo os autores, o uso de *assim* não tem um valor semântico agregado e supostamente serviria para ganhar tempo e evitar pausas muito longas. Nesse exemplo, as pausas são indicadas pelas reticências. Teoria questionável, segundo os pressupostos da GR e com a qual concordamos, como veremos em seguida.

g) **MD sintagmático ou** modalizador tem uma função geral relacionada ao caráter pronominal que, basicamente, “exerce a função de apontar o verbo imediatamente anterior e apontar a inserção de uma nova informação que atualiza o conteúdo desse verbo, especificando-o” (LOPES-DAMÁSIO, 2008, p. 160). Essas informações especificadoras relacionam-se com circunstância de local, modo, e tempo/local, o que sugere que o item mantém seu caráter adverbial. Vejamos: “Inf.: é:: você chega *assim* n/na:: porta da minha vó... do lado de fora... tem dois vasos de flores enormes que minha vó adora flores” (LOPES-DAMÁSIO, 2008, p. 160, grifo da autora). Nesta ocorrência, o conteúdo do verbo chegar é atualizado por *assim* quando esse anuncia o local que chegasse “na porta de minha avó”. Ademais, Longhin-Thomazi (2006) destaca que, além de inovar o conteúdo verbal, o item também atualiza um sintagma nominal “uma melhor informação num num sentido *assim* mais atuante ou mais objetivo a essa a essa questão” (LONGHIN-THOMAZI, 2006, p.1775, grifo da autora). Neste exemplo, a palavra informação tem seu significado especificado.

Ao esmiuçar a função geral, e com base em outros estudos, Lopes-Damásio (2008) demonstrou sete contextos interacionais de uso para *assim* MD. Primeiramente, é preciso que fique nítido o poder transformador do contexto sobre a forma *assim*, já que é ele que o faz atuar como um MD. Em contextos subjetivos e intersubjetivos, eles funcionam como MDs. Podendo ser parafraseado, em seu contexto amplo, por “*aguarde o que será dito*”, como propôs Bonfim (2014).

Assim focalizador, em que o item comunicará, por meio de catáfora, anáfora, ou ambas, o acréscimo de novos elementos em relação ao nome antecedente que é o focalizado. Como foco entende-se: destacar, com a sinalização textual, a construção de uma relação interacional. Observe o exemplo, selecionado por Lopes-Damásio (2008, p. 161, grifo da autora): “Inf.: a violência:: é uma a::to *assim*::... que...que *assim*::...que...que não tem comparação... eu acho quem pratica a violência... quem::... quem sustenta a violência... é::... paga um preço bastante caro...”. Nessa ocorrência, pertencente ao português contemporâneo,

o informante anuncia o acréscimo catafórico de novas informações sobre a violência, ato sem comparação, em que os financiadores desses atos arcarão com as consequências, ao sofrer, com ela, do mesmo modo que o restante da população.

A segunda função é a de **atenuador**, conforme Lopes-Damáσιο (2008), cujo intuito é preservar a face dos interlocutores, dois contextos são possíveis:

- a) o primeiro refere-se ao **grau de verdade ou certeza do conteúdo** do enunciado⁵⁰, portanto avaliativo epistêmico também descrito por Longhin-Thomazi (2006) e nomeado como modalizador epistêmico “[...] eu acho que brasileiro... não tem *assim* bons hábitos à mesa” (LONGHIN-THOMAZI, 2006, p. 1775, grifo da autora). Tal ocorrência, do português contemporâneo, revela que o informante pondera suas palavras, pois está fazendo uma crítica aos hábitos alimentares de todos os brasileiros. O uso do verbo achar atenua o valor de verdade disso acrescido ao *assim* que também age como suavizando o dito;
- b) o segundo atrela-se a **incerteza na escolha de formas, palavras/expressões** para que o enunciado expresse o conteúdo exato planejado pelo falante, mas, segundo a autora, também há aqueles que indicam incerteza em relação a formas do discurso proferido pelo outro participante. Para tanto, será caracterizada como uma possível sugestão do falante ao seu ouvinte que dê mais detalhes, informações, na formulação do próximo tópico. O exemplo a seguir é de uma fala proferida pelo falante depois de o interlocutor comentar que brigou com alguém: “Doc.: mas vocês discutiram o que vocês discutiram *assim*?” (LOPES-DAMÁSIO, 2008, p. 177, grifo da autora), ou seja, é uma sugestão do falante para que ele detalhe o que foi discutido na briga da qual ele foi integrante.

A terceira função descrita é de **intensificador** e relaciona-se contrariamente à de atenuador, pois intensifica a sinalização para a porção tópica apontada retrospectivamente. Nesse caso, prevalece a função anafórica e catafórica sinalizando toda a predicação verbal, indicando inserção de uma oração coordenada. Vejamos: “Ele falou palavras duras *assim*... foi bem direto?” (LOPES-DAMÁSIO, 2008, p. 183, grifo da autora). A ocorrência do português contemporâneo revela que, nesta situação, *assim* aponta para a inserção do enunciado que parafraseia o que foi dito. A paráfrase anunciada por *assim* corresponde “a foi bem direto” e o

⁵⁰ Ainda segundo Lopes-Damáσιο (2008), a avaliação também pode sinalizar conteúdo quantitativo como em 1 ou em 2 formas de atividades cognitivas 1) “e:: aí deu uns vinte minutos *assim* a gente viu que nu::m... que num:: tinha mais barulho nenhum eu não consegui me desamarar mas aí uma moça se desamarrou... e aí ela desamarrou a gente... 2) Inf.: ...nã::o ele não bate *assim*::de bater ele provo::ca às vezes ele dicu::te e:: meu pai fica bra::vo aí [(cê já viu)]” (LOPES-DAMÁSIO, 2008, p. 230).

termo “bem” é responsável por intensificar o “direto”. A autora confirma que é possível que haja sobreposição de usos de *assim*.

Outra função identificada é a de **senalizador metadiscursivo**, nos contextos em que *assim* objetiva sinalizar, por meio de catáfora, um pedido de esclarecimento em relação ao proposto. “Na verdade, a função do item, aqui, é a de mostrar que, para que seja possível o desenvolvimento do tópico proposto, apontado anaforicamente, será necessário um esclarecimento adicional sinalizado, por sua vez, projetivamente. (LOPES-DAMÁSIO, 2008, p. 189). Vejamos a ocorrência (48):

(48) Doc.: tem alguns problemas no Pártenon?
 Inf.: ah:...*assim* comi::go você fala?
 Doc.: não assim tem alguma coisa que você não gosta lá?
 Inf.: ...ah::... eu acho que não... (não tem muita) coisa que eu não gosto não... porque é assim eu ia falar de ami::ga... mas amiga eu sempre tive problemas em todas as escola... (LOPES-DAMÁSIO, 2008, p. 189, grifo da autora).

Na ocorrência (48), também extraída do português contemporâneo, Lopes-Damásio (2008) explica que o tópico proposto a ser discutido, e apontado anteriormente, era sobre os problemas no Pártenon. Dessa maneira, o *assim* indica que, para poder falar sobre o assunto proposto, é necessário saber se o falante teve algum problema em relação ao Pártenon. Só esclarecendo isso, por meio da resposta do interlocutor, o falante poderá seguir sua fala e responder o que lhe foi indagado. Então, a busca pela explicação do outro participante do discurso adiciona o caráter intersubjetivo ao MD *assim* – esse uso também foi descrito por Souza (2009).

Quanto à função de *assim* como **senalizador** de construção de quadro mental, Lopes-Damásio ressalta que esta, normalmente, localiza-se antes de oração coordenada e refere-se à visão de mundo do falante, em que convida seu interlocutor a construir um quadro mental de sua percepção. *Assim* indica o já dito. Por conseguinte, comprova-se a construção de um quadro mental a que *assim* infere. Observe nos exemplos a seguir:

(49) o prédio tem uma:: embaixo do prédio tem uma área *assim* e:: e é cercado por um portão porque ai você tem que tocar o interfone pra entrar [ah tá].
 (50) como se fosse num velocidade da luz senti::do horizonte *assim* e sumiu... [Doc.: hum] é uma história assim bastante::/ ((risos))... eu conto né? se é ficção eu num sei.
 (51) [Doc.: ham] mas o outro carro passou ele só virou *assim* e foi embora...[Doc.: ham] ...”(LOPES-DAMÁSIO, 2008, p.190, grifos da autora).

Em (49), (50) e (51), exemplos do português contemporâneo, o *assim* remete, anaforicamente, à descrição da área do prédio (49), de uma possível aparição de um disco

voador (50) e, para finalizar, do modo como o carro vira (51). Conforme a fala inicial dos informantes, é possível imaginar o quadro mental de percepção do falante construído em relação aos locais ou ações por ele descritas. Portanto, o *assim* empregado também funciona como um convite ao falante para imaginar estas descrições.

Por fim, ao assumir a finalidade de **indicador de conteúdo expressivo**, o MD *assim* está diretamente ligado às experiências pessoais do locutor, como é possível observar a seguir: “Inf: ah agradável foi quando::... eu comecei a namorar né? ... então *assim* eu nunca tinha ficado com ninguém...” (LOPES-DAMÁSIO, 2008, p. 193, grifo da autora). Em vista disso, a função estabelecida por *assim* é uma construção que relaciona o que já foi anunciado com o anúncio de um acréscimo textual do que será anunciado em seguida. No exemplo, do português contemporâneo, a relação estabelecida por *assim* é entre o fato de o informante relatar sua experiência de namoro primeiro informando que foi agradável o início, pois nunca havia se relacionado com nenhuma pessoa antes.

Em suma, o MD *assim* assume, segundo o levantamento dos estudos do PB, dez funções distintas a depender do contexto de uso, as quais optamos por sumarizar no Quadro 03 a seguir:

Quadro 3: Usos do MD *assim* segundo estudos no PB

USOS DO MD ASSIM NO PB		
Estudos do PB	MD	Funções/Sentidos
Urbano (1993) Martelota, Nascimento, Costa (1996) Oliveira Neto (1997) Castelano e Ladeira (2010) Castelano e Luquetti (2011) Castelano (2013)	Preenchedor de pausa ou catafórico sinalizador de hesitação	Evita o silêncio enquanto o falante reorganiza o discurso
Longhin-Thomazi (2006) e Lopes-Damásio (2008)	Sintagmático ou modalizador	Atualiza o conteúdo do verbo especificando-o
Lopes-Damásio (2008)	Focalizador	Acresce novas informações em relação ao nome (substantivo) anterior
Lopes-Damásio (2008) Longhin-Thomazi (2006)	Atenuador ou avaliativo epistêmico	Ameniza o valor de verdade suavizando o dito
		Exprime incerteza em relação à escolha de palavras ou expressões ditas pelo interlocutor
Lopes-Damásio (2008)	Intensificador	Intensifica as informações da parte textual remetida por anáfora através de uma paráfrase catafórica
Lopes-Damásio (2008)	Funções ambíguas: Focalizador/ Atenuador Focalizador/ Intensificador	
Lopes-Damásio (2008)	Sinalizador Metadiscursivo	Sinaliza cataforicamente um pedido de esclarecimento
Lopes-Damásio (2008)	Sinalizador de quadro de construção mental	Refere-se anaforicamente ao já dito que denota a visão descritiva do falante sobre locais ou ações.
Lopes-Damásio (2008)	Indicador de conteúdo expressivo	Exprime experiências pessoais do falante

Fonte: A autora.

A seguir, sintetizamos todos os usos de *assim*, no PB, levantados em dicionários, gramáticas e pesquisas da língua, considerando os critérios morfológico, sintático e nocional.

2.4.4 Considerações sobre o levantamento bibliográfico de *assim*

Conforme averiguamos ao longo desta seção, o item *assim*, além do uso categorial como advérbio, passou a ser empregado também como conjunção e MD. Ao longo da evolução categorial no PB⁵¹, novos sentidos foram agregados junto a novas funções sintáticas.

⁵¹ Poucos estudos discorrem sobre a utilização de *assim* no espanhol: Pons e Samaniego (1998), Piñeiro (2001), Briz (2006), Jorgensen e López (2007) e Potsdam e Münster (2015). De todas as análises, nenhuma abrange o item *assim* isoladamente, incluem apenas suas perífrases: “*así que*” (*assim que*), “*así pues*” (portanto/por conseguinte), “*si/no es así*” (sim/não é *assim*), “*así y todo*” (*ainda assim*), “*de no ser así*” (se não for *assim*) na lista de palavras ou expressões que funcionam como MDs. No entanto, a única pesquisa que admite ser o contexto que define se uma perífrase atua como MD ou como uma conjunção foi realizada por Potsdam e Münster (2015), sobre “*así que*”, já que, das 1700 ocorrências, apenas 100 funcionavam como MDs. Os resultados, expostos por Potsdam e Münster (2015, p. 14), confirmam que seu objeto de estudo é multifuncional,

Logo abaixo, no Quadro 4, esquematizamos os diferentes usos do item baseado nos critérios morfológicos, sintáticos e semânticos levantados ao longo desta seção. Essa organização norteará nossa análise de *assim* no português falado e escrito em Chapecó. No capítulo seguinte, expomos os objetivos gerais e específicos da presente pesquisa, além de levantarmos as questões e hipóteses do estudo.

pois assume cinco diferentes papéis, são eles: primeiramente, o resumidor que sintetiza informações; em segundo lugar aquele que exprime ideia de causa/consequência; em terceiro o que expressa opinião do locutor; em quarto aquele que introduz questões; e o quinto que induz a mudança de assunto. Acreditamos, a partir dos trabalhos de Pons e Samaniego (1998), Piñeiro (2001) e Potsdam e Münster (2015) que a perífrase *así que* no espanhol também está em processo de GR. Vejamos: Pons e Samaniego (1998) e Piñeiro (2001) encontraram o item atuando no nível proposicional em que sentido estava diretamente relacionado a tempo (imediatismo); também no nível textual houve ocorrências, já que, *así que* contribui na organização textual quando funcionava resumindo partes textuais ou ao introduzir consequência depois de uma S1 que apresentou causas como demonstraram Potsdam e Münster (2015), para finalizar, no nível expressivo, o MD *así que* se insere acoplado as partículas: me parece, para mim, no fundo e sempre opiniões do falante sobre o tema sugerido pelo interlocutor ou sobre assuntos geralmente universais considerados tabus. Concluímos que, apesar de o espanhol ter origem românica como o PB, o uso de *así* e, principalmente, da perífrase *así que* não contém os mesmos significados com que são empregados no PB, exceto no caso em que *así que* tem noção temporal que equivale a imediatismo.

Quadro 4: Usos de *assim* e suas perífrases⁵²

Período temporal Níveis de análise	Morfológico	Sintático	Nocional
Latim	Advérbio	Inicial / Mediana / Final	Modo
Português arcaico	Advérbio	Inicial / Mediana / Final	Anafórico
		Inicial / Mediana / Final	Catafórico
		Mediana	Anafórico e Catafórico
	Conjunção	Mediana	Conclusivo
	Perífrase conjuncional: <i>Assim que</i>	Mediana	Consecutivo
Português contemporâneo	Advérbio	Inicial / Mediana / Final	Dêítico temporal
		Inicial / Mediana / Final	Dêítico espacial
	MD	Inicial / Mediana / Final	Preenchedor de pausa
	MD	Mediana (pré-nuclear)	Anunciador de complemento ou adjunto
	MD	Pré-verbal	Especificador do conteúdo do verbo
	MD	Mediana depois de um substantivo	Focalizador
	MD	Mediana ou final	Atenuador
	MD	Mediana	Intensificador
	MD	Inicial ou mediana	Sinalizador de pedido de esclarecimento
	MD	Mediana (antes de oração coordenada)	Sinalizador de quadro de construção mental
	MD	Inicial ou mediana	Indicador de conteúdo expressivo
	Perífrase Conjuncional: <i>Assim que</i>	Inicial	Temporal
	Perífrase Adverbial <i>Assim Assim</i>	Inicial	Estado
	Perífrase <i>Assim como</i>	Inicial e Mediana	Comparativo
	Perífrase <i>Assim como assim</i>	Inicial	Modo
	<i>Assim mesmo</i>	-----	Adversativo
<i>Assim seja</i>	Inicial	Interjetivo/ Desejo	

Fonte: A autora.

⁵² Baseado nos estudos descritivos do PB: Martelotta, Nascimento e Costa (1996); Silva e Macedo (1996); Oliveira Neto (1997); Longhin-Thomazi (2006); Lopes-Damáio (2008); Souza (2009); Castelano e Ladeira (2010); Castelano e Luquetti (2011); Castelano (2013) e Bonfim (2014).

3 OBJETIVOS

3.1 OBJETIVO GERAL

Descrever e analisar a multifuncionalidade de *assim* (e perífrases) a partir de amostras sincrônicas de fala e de escrita de Chapecó-SC, pertencentes ao *corpus* do Projeto VMPOSC.

A partir desse objetivo geral, traçamos os seguintes objetivos específicos:

3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- (i) Categorizar, a partir de critérios formais e funcionais, a dinamicidade de usos associados a *assim* (e perífrases) nas amostras oral e escrita do português de Chapecó;
- (ii) Averiguar a dinâmica social de usos de *assim* (e perífrases) na amostra de fala dos informantes chapecoenses;
- (iii) Traçar uma trajetória hipotética de gramaticalidade de *assim* (e perífrases) sob a perspectiva da GR a partir da análise das amostras de fala e de escrita de Chapecó.

3.3 QUESTÕES E HIPÓTESES

Para o desenvolvimento do presente trabalho, partimos das seguintes questões e hipóteses de pesquisa:

Questão 1

Considerando critérios formais e funcionais, qual a dinâmica de usos do *assim* (e perífrases) nas amostras oral e escrita do português de Chapecó?

Hipótese

Com base na literatura linguística, localizamos vários estudos que investigaram o uso de *assim* (e perífrases). Tais pesquisas foram empreendidas por Martelotta, Nascimento e Costa (1996), Silva e Macedo (1996), Oliveira Neto (1997), Silva (1999), Ilari *et al.* (2002), Longhin-Thomazi (2006), Lopes-Damáσιο (2008), Souza (2009), Castelano e Ladeira (2010), Castilho (2010), Neves (2011), Castelano e Luquetti (2011), Castelano (2013) e Bonfim (2014), as quais foram apresentadas mais detalhadamente no capítulo 2.

Segundo esses estudos, o item *assim*, desde sua origem adverbial no latim, no século XII, até sua inserção no português, nos séculos XIII a XXI, passou a atuar em outras categorias gramaticais, como conjunção e MD, no português do Brasil. Ao longo dessa ampliação categorial, novas funções sintáticas junto a novos sentidos foram sendo agregados ao item. Porém, essas mudanças oriundas do processo de GR não são consideradas instantâneas (MEILLET, 1912; TRAUGOTT, 1993, 1995, 2001; HEINE, 1991, 2003, para citar alguns), mas se distribuem ao longo de um *continuum* evolutivo.

Com base numa análise preliminar das amostras sincrônicas investigadas, postulamos que *assim* (e perífrases) transita nas categorias advérbio, conjunção e MD em Chapecó, bem como acreditamos que é possível identificar, além de critérios formais, diferentes níveis de funcionamento dessas categorias através da análise dos variados contextos de ocorrência.

Questão 2

Qual a dinâmica social de usos do *assim* (e perífrases) na amostra de fala dos informantes chapecoenses?

Hipótese

Em se tratando de mudança por gramaticalização, Gonçalves *et al.* (2007, p. 163) orientam que os pesquisadores devem se questionar se haveria um gatilho social responsável pela expansão de usos dos itens na comunidade de fala.

Localizamos, até este momento, apenas os estudos de Silva e Macedo (1996) e Macedo (1997), que atrelaram fatores sociais ao uso de *assim*. Porém, as duas pesquisas restringiram suas análises à descrição do funcionamento do MD *assim*. Silva e Macedo (1996) controlaram três categorias sociais: sexo, idade e escolaridade.

Os resultados apontaram que as mulheres usaram mais o MD *assim* na interação com o sexo masculino em virtude de seu papel na sociedade da década de 90 do século XX em que, embora apresentassem transformações, ainda eram, em sua maioria, “modeladas” para serem submissas ao sexo oposto.

Os informantes da faixa etária mais avançada (acima de 50 anos) utilizaram menos o MD *assim* em relação às outras faixas etárias. Por fim, não houve diferenças significativas no uso do MD *assim* entre os informantes com distintos níveis de escolaridade. Esse resultado, segundo as autoras, se deve à escola da época não estar atenta à complexidade dos eventos discursivos, apenas à escrita e não à oralidade. Macedo (1997), por sua vez, examinou a frequência de uso do MD *assim* na fala de 12 crianças cariocas de 4 a 6 anos e de 8 a 10 anos,

em fase de aquisição do português. Os resultados revelaram que a frequência de uso dos MDs foi maior (78%) entre as crianças da faixa etária maior.

A partir do cline **proposicional > textual > expressivo**, que envolve a mudança linguística de *assim* (e perífrases), segundo Longhin-Thomazi (2006) e Lopes-Damásio (2008), nossa expectativa é de que o advérbio *assim*, associado ao nível proposicional (cf. Longhin-Thomazi (2006) e Lopes-Damásio (2008)), seja mais recorrente entre os informantes do sexo feminino, faixa etária jovem (cf. TRAUGOTT; 2002; TRAUGOTT; DASHER, 2005) e com menor nível de escolarização.

Quanto ao emprego adverbial do item relativo ao movimento de retrospecção e prospecção (anafórico, catafórico e anafórico/catafórico), portanto concernente ao nível textual (cf. Longhin-Thomazi (2006) e Lopes-Damásio (2008)), nossa hipótese é de que seja mais frequente entre os informantes do sexo masculino, faixa etária mais velha e com maior nível de escolaridade.

Também essa é a nossa expectativa quanto ao perfil dos informantes que empregarão os usos conjuncionais de *assim* (e perífrases), que transitam entre os níveis textual e expressivo (cf. Longhin-Thomazi (2006) e Lopes-Damásio (2008)), tendo em vista que são usos inovadores (cf. Martelotta, Nascimento e Costa (1996), Ilari *et al.* (2002), Longhin-Thomazi (2006), Lopes-Damásio (2008) e Souza (2009)) aos quais esses indivíduos estão expostos e, portanto, menos sujeitos à prescrição de programas formais de educação linguística.

Por fim, estimamos que o MD *assim*, relativo ao componente expressivo (cf. Longhin-Thomazi (2006) e Lopes-Damásio (2008)), seja mais frequente entre os informantes femininos mais jovens, menos escolarizados, considerando os estudos de Macedo e Silva (1996) e Freitag (2007).

Essas hipóteses serão apresentadas mais detalhadamente no capítulo 6.

Questão 3

É possível traçar uma trajetória de gramaticalidade de *assim* (e perífrases) a partir da análise das amostras sincrônicas de fala e de escrita do português de Chapecó-SC?

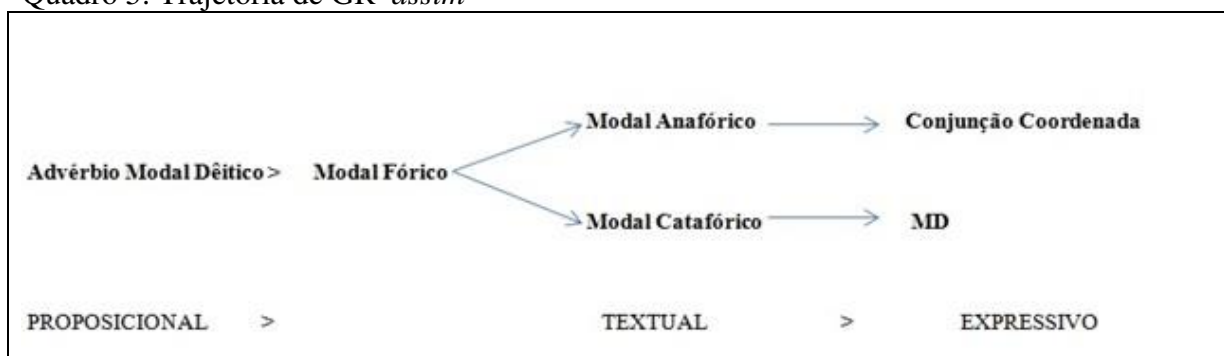
Hipótese

Hopper e Traugott (1993) destacam que o recorte sincrônico permite o arranjo de um *continuum* de gramaticalidade, capaz de refletir a multifuncionalidade do item ou da construção em estudo, mas não etapas da sua mudança.

Longhin-Thomazi (2006) representou os usos de *assim* em dois clines, considerando, com base em Traugott (1989) e Traugott e Dasher (2005), o caminho semântico **proposicional > textual > expressivo**: no primeiro, advérbio espaço-temporal > advérbio anafórico > conjunção; e no segundo, advérbio espaço-temporal > advérbio catafórico > MD. No primeiro, *assim*, ao longo do tempo, assumiu novas funções gramaticais no percurso chegando ao estágio atual como conjunção derivada do advérbio modal anafórico. Já no segundo cline, *assim*, ao longo do tempo, adquiriu novas funções gramaticais no percurso chegando ao estágio atual como MD derivado do advérbio modal catafórico.

Lopes-Damásio (2008), conhecendo a trajetória de gramaticalidade de usos sincrônicos de *assim* e reconhecendo a coerência dessa trajetória com o processo diacrônico de mudança do item, esquematizou a multifuncionalidade de *assim* no quadro 5:

Quadro 5: Trajetória de GR *assim*



Fonte: Adaptado de Lopes-Damásio (2008, p. 125).

Em resumo, quanto ao critério morfológico, o item *assim* transita em três categorias gramaticais: **adverbial**, descrito nos dicionários Gregorim (2008), Ferreira (2009) e Houaiss e Villar (2009), nas gramáticas de cunho normativo Cunha e Cintra (2008), Bechara (2009) e Lima (2011) e nos estudos descritivos do PB por Martelotta, Nascimento e Costa (1996), Silva e Macedo (1996), Oliveira Neto (1997), Longhin-Thomazi (2006), Lopes-Damásio (2008), Souza (2009); **conjuncional**, também identificada por Houaiss e Villar (2009), Martelotta, Nascimento e Costa (1996), Silva e Macedo (1996), Oliveira Neto (1997), Longhin-Thomazi (2006), Lopes-Damásio (2008) e Souza (2009); e **MD**, segundo os estudos descritivos do português de Martelotta, Nascimento e Costa (1996), Silva e Macedo (1996), Oliveira Neto (1997), Longhin-Thomazi (2006), Lopes-Damásio (2008), Souza (2009), Castelano e Ladeira (2010), Castelano e Luquetti (2011), Castelano (2013) e Bonfim (2014).

Quanto ao critério sintático, identificamos que o item *assim*, na classe dos **advérbios**, revelou-se maleável, isto é, apareceu nas posições inicial, mediana e final, exceto no caso do advérbio anafórico e catafórico simultaneamente em que o emprego foi exclusivamente

medial. Comparando o nosso levantamento bibliográfico acerca desse parâmetro, confirmou-se que o resultado foi condizente com os dicionários Gregorim (2008), Ferreira (2009) e Houaiss e Villar (2009), na gramática de cunho normativo Bechara (2009), e nas gramáticas de cunho descritivo Neves (2011) e Bagno (2012), mas apenas esta última gramática inclui os advérbios em posição inicial, enquanto os demais materiais de consulta apontaram a posição da classe como mediana e final. Por outro lado, no estudo descritivo do PB, Lopes-Damásio (2008) também atestou a flexibilidade sintática do advérbio *assim*.

Em contrapartida, a categoria de **conjunção** assume a posição mediana, fixa nas sentenças, o que coincide com os resultados dos dicionários Gregorim (2008), Ferreira (2009) e Houaiss e Villar (2009), as pesquisas de Martelotta, Nascimento e Costa (1996), Longhin-Thomazi (2006), Lopes-Damásio (2008) e Souza (2009). Para encerrar, quanto a classe dos **MDs**, revelou-se em posição inicial e mediana concordante com os estudos das gramáticas descritivas de Ilari *et al.* (2002), Castilho (2010) e Bagno (2012) referente a primeira posição mediana, e também com os estudos de Martelotta, Nascimento e Costa (1996), Longhin-Thomazi (2006), Lopes-Damásio (2008) e Souza (2009).

Quanto ao critério semântico-pragmático, identificamos, na primeira classe, a dos **advérbios**, que o sentido com que *assim* foi empregado variou entre anafórico, catafórico, anafórico e catafórico, temporal e espacial, já expostos na literatura específica pelos dicionários Gregorim (2008), Ferreira (2009) e Houaiss e Villar (2009), pelas gramáticas de orientação normativa Castilho (2010) e Neves (2011) e nos estudos descritivos do PB por Martelotta, Nascimento e Costa (1996), Longhin-Thomazi (2006), Lopes-Damásio (2008) e Souza (2009).

Avançando para categoria **conjuncional** que, além de valor conclusivo, assumiu em determinados contextos significado temporal, adversativo e comparativo, também identificados nos dicionários de Gregorim (2008), Ferreira (2009) e Houaiss e Villar (2009) e nos estudos do PB por Martelotta, Nascimento e Costa (1996), Longhin-Thomazi (2006), Lopes-Damásio (2008) e Souza (2009).

Já os MDs foram empregados com sentido geral que envolve adicionar informações ao verbo ou sintagma nominal, intensificando porção tópica retrospectiva, atenuando porções tópicas, sinalizando pedidos de esclarecimento, sinalizando a construção de uma representação imaginária para o dito, indicando conteúdo expressivo, de acordo com o dicionário Houaiss e Villar (2009)⁵³ os estudos das gramáticas descritivas Ilari *et al.* (2012),

⁵³ O dicionário classificou o *assim* MD como conjunção aditiva.

Neves (2011) e Bagno (2012) e as pesquisas do PB realizadas por de Martelotta (1996), Longhin-Thomazi (2006), Lopes-Damásio (2008) e Souza (2009). Posteriormente, sintetizamos os empregos de *assim*, na amostra de escrita segundo os critérios morfológicos, sintático e semântico-pragmático.

Com base nesse levantamento, postulamos que, alicerçados nos aspectos formais e funcionais de *assim* (e perífrases), é possível projetar uma trajetória de gramaticalidade do item a partir da análise quali-quantitativas das amostras sincrônicas do português falado e escrito de Chapecó.

4 REFERENCIAL TEÓRICO

Apresentaremos, neste capítulo, breve contextualização dos pressupostos teóricos do Funcionalismo norte-americano, postulados especialmente por Givón (1995, 1979, 2002), Traugott (1982, 1989, 1995, 2001, 2007, 2010), Traugott e König (1991), Brinton e Traugott (2005), Traugott e Dasher (2005), Heine e Kuteva (2007) e Bybee (2003, 2010). No Brasil⁵⁴, como menciona Neves (1999, p. 71), estudos como os de Castilho, na década de 80 do século XX, ampliaram os aspectos teórico-metodológicos funcionalistas ao incluir o caráter discursivo textual como ponto de análise. Neves (1999, p. 74) destaca a relevância dos estudos de Castilho (2010 [1984, 1993]) sobre a classe dos advérbios:

(Castilho, 1984); sobre a modalização operada por advérbios, identificando-se as categorias epistêmica, deôntica e afetiva dessa modalização (Castilho e Moraes, 1992; Castilho, 1993); sobre a predicação adverbial, em tese de livre-docência defendida na Universidade de São Paulo - USP (Castilho, 1993), na qual se estudam os advérbios modalizadores, os qualificadores e os quantificadores, tema retomado e sintetizado em trabalho posterior (Castilho, 1994b).

Também Ilari *et al.* (2002 [1990]) forneceram significativas contribuições em relação à descrição dos advérbios no PB, como vimos no capítulo 2 deste trabalho. Depois, na esteira do movimento funcionalista, passamos ao detalhamento do processo de GR, que subsidia a análise empreendida neste estudo.

4.1 FUNCIONALISMO

O Funcionalismo, corrente teórica que derivou dos ensinamentos da Escola Linguística de Praga (1930), estabelece como objeto de estudo a língua baseada no uso. Em vista disso, o foco das pesquisas recai sobre a análise das funções que assumem determinadas unidades linguísticas no contexto de uso (CUNHA; OLIVEIRA; MARTELOTTA, 2003, p. 23).

A vertente funcionalista norte-americana iniciou seus estudos em 1970, derivados da linguística cognitivo-funcional⁵⁵. Sua base teórica originou-se essencialmente de uma de suas

⁵⁴ Os estudos funcionalistas brasileiros iniciaram aproximadamente na década de 60, mas foi em 90 que ocorreu uma expansão para São Paulo (SP), Rio de Janeiro (RJ) e Minas Gerais (MG), conforme Neves (1999).

⁵⁵ Segundo Bybee (2010), a linguística cognitivo-funcional une correntes teóricas e “O resultado é uma teoria integrada do uso da linguagem e da mudança linguística que tem implicações no processo cognitivo e na evolução da linguagem” (BYBEE, 2010, p. 3, tradução nossa) (The result is an integrated theory of language use and language change which has implications for cognitive processing and language evolution (BYBEE, 2010, p.

vertentes: “A teoria baseada no uso desenvolveu-se diretamente a partir do funcionalismo americano e é, em certo sentido, apenas um novo nome para ele”⁵⁶ (BYBEE, 2010, p. 195, tradução nossa), porque as principais teorias funcionalistas provêm de autores norte-americanos, como Givón (1995, 1979, 2002), Traugott (1982, 1989, 1995, 2001), Traugott e König (1991), e Bybee (2003, 2010).

Givón (1995) expõe nove características consideradas pelos estudiosos da corrente funcionalista, dentre as quais se incluem sua concepção de língua e gramática:

- a língua é uma atividade sociocultural
 - a estrutura linguística serve a funções cognitivas ou comunicativas
 - a estrutura é não-arbitrária, motivada, icônica
 - a mudança e a variação estão sempre presentes
 - o significado é dependente do contexto e não atômico
 - as categorias são não-discretas
 - a estrutura é maleável, não rígida
 - as gramáticas são emergentes
 - as regras da gramática permitem algumas exceções (flexibilidade)⁵⁷
- (GIVÓN, 1995, p. 9, tradução nossa).

A língua, na visão funcionalista, segundo Cunha, Oliveira e Martelotta (2003, p. 19), é um sistema funcional que possui finalidades específicas em sua utilização. Já para Givón (1995), as línguas naturais têm funções sociais e culturais que as regem e, por conseguinte, não há como o ser humano empregar determinada língua em seu cotidiano, sem um objetivo delimitado, visto que o sentido se constrói na interação social, em outras palavras, no uso. Por isso, o significado deriva do contexto e não está preso ao signo como admitiam os estruturalistas.

Dessa forma, a gramática, segundo Cezário, Furtado da Cunha (2013, p. 19), na concepção funcionalista, é moldada a partir do discurso e não o revés, ela constitui-se como um aglomerado de recursos empregados pelo falante para chegar à comunicação ideal em que o significado proposto é transmitido. Justamente por emergir da língua em uso, especificamente da comunidade de fala, a gramática da língua sempre estará suscetível a variações e mudanças, impulsionadas por pressões de uso da língua, pois ela é estruturada a partir de novos discursos e assim sucessivamente. Bybee (2003, p. 145) afirma que “A

3). Ademais, Cezario e Furtado da Cunha (2013) confirmam que esta parte do funcionalismo une a linguística funcional e a linguística cognitiva.

⁵⁶ Usage-based theory developed directly out of, and is in a sense just a new name for, American functionalism (BYBEE, 2010, p. 195).

⁵⁷ Em inglês: language is a social-cultural activity; structure serves cognitive or communicative function; structure is non-arbitrary, motived iconic; change and variation are ever-present; meaning is context-dependent an non-atomic; categories are less-than-discrete; structure is malleable, not rigid; grammars are emergent; rules of grammars allow some leakage (GIVÓN, 1995, p. 9).

gramática não é um sistema estático, fechado ou autônomo, mas é altamente suscetível a mudanças e altamente afetada pelo uso da linguagem”⁵⁸, por isso está constantemente em construção.

Acerca de questionamentos sobre o que constituem as pressões de uso da língua e quais suas motivações, Bybee (2003) responde que o desgaste de determinadas formas é gerado pelo aumento da frequência de uso, que desencadeia processos de mudança na língua. Contudo, vale enfatizar a advertência de Bybee (2003) de que a alta frequência não é um resultado da gramaticalização de itens ou de construções, mas tão somente um indício para a sua identificação. Portanto, segundo ressalva Longhin-Thomazi (2003), amparada em Meillet (1965 [1912]) e Hopper e Traugott (1993), não é somente a frequência de uso que implica a mudança, já que, naturalmente, a língua falada é expressiva, isto é, os falantes sempre estão inovando na forma de dizer algo já existente. Por isso, a resposta está na busca pela expressividade das formas já desgastadas. Como observamos nas palavras de Longhin-Thomazi (2003, p. 81):

Meillet defende que a renovação das palavras é uma tendência universal, despertada pela necessidade que os falantes têm de imprimir expressividade à linguagem. Ele argumenta que o valor expressivo das palavras é sempre transitório, pois é atenuado pela ação, não necessariamente conjunta, de dois fatores: a redução do volume fonético (abreviação das palavras), que acarreta perda de intensidade; e a frequência de emprego, que leva ao desgaste e que faz com que a significação básica da palavra seja gradativamente esquecida. Assim, quer pela via fonética, quer pela via semântica, ou pela combinação das duas, todas as palavras tendem a tornar-se menos expressivas. Como a língua falada não existe sem um apelo constante à atenção e à sensibilidade do interlocutor, diz Meillet, os falantes são naturalmente estimulados a reagir contra qualquer falta de expressividade, buscando novas alternativas nos processos de renovação.

Assim, nas palavras de Longhin-Thomazi (2003), Meillet (1965 [1972]) justifica a criação de novas funções para formas já existentes devido à constante busca pela expressividade que acompanha a natureza da língua, sendo que não há necessidade de se criar todas as vezes forma nova: em alguns casos, basta reformular o sentido da antiga. A ressignificação dos sentidos de palavras, na língua, é um procedimento cíclico, e repete-se infinitamente: Ganho de expressividade > Esvaziamento de expressividade > Reabilitação da expressividade (atribuindo-se novo sentido a formas antigas).

A autora explica que Meillet dividiu as palavras em: principais, acessórias, gramaticais. Sendo que as acessórias e gramaticais não possuem por natureza caráter

⁵⁸ Grammar is not a static, closed, or self-contained system, but is highly susceptible to change and highly by language use (BYBEE, 2003, p. 145).

expressivo (transmissão de afetividade / percepção). Provavelmente, foi o desgaste de uso que fez com que a forma assumisse novas funções. Em outras palavras, o falante criará novos valores semântico-pragmáticos para *assim* em busca de resgatar novamente a expressividade.

Em decorrência disso, a variação e a mudança na língua são processos naturais, inconscientes e regrados, como propõe Givón (1995), e estão sempre presentes na língua. Sem dúvida, as normas linguísticas da língua são majoritariamente fixas, no entanto, por consequência das pressões do uso, uma porção das regras pode sofrer modificações (variação) e, conseqüentemente, resultar em mudanças que, gradualmente, tornam-se estáveis. As mudanças ocorrem nos quatro níveis da língua: morfológico, sintático, semântico e pragmático. Givón (2002) afirma que a variação é parte integrante da competência do falante:

As pressões adaptativas que dão forma à estrutura sincrônica ('idealizada') da língua são exercidas durante o desempenho on-line. É aí que a língua emerge e muda. É aí que as formas se ajustam constantemente a novas funções e a significados estendidos. É aí que a variação e a indeterminação são componentes indispensáveis dos mecanismos que modelam e remodelam a competência⁵⁹ (GIVÓN, 2002, p. 5, tradução nossa).

Um dos processos de mudança linguística é a GR, recurso que, em linhas gerais, é responsável pela transformação de itens lexicais em itens gramaticais. Desse modo, itens gramaticalizados têm sua classe gramatical e significado semântico-pragmáticos alterados em decorrência da busca pela expressividade linguística. Atentemo-nos, na próxima seção, no detalhamento de alguns dos princípios da GR.

4.2 GRAMATICALIZAÇÃO

A GR⁶⁰ é um tipo de mudança linguística. Embora Meillet (1912) seja pioneiro⁶¹ na referência à GR, não se trata de um fenômeno novo no campo da linguística. Inicialmente concebida como “a passagem de uma palavra autônoma para a função de um elemento

⁵⁹ The functional-adaptive pressures that shape the synchronic ('idealized') structure of language are exerted during on-line performance. This is where language emerges and changes. This is where form adjusts itself constantly to novel functions and extended meanings. This is also where slop, variation and indeterminacy are indispensable components of the developmental mechanisms that shape and reshape “competence” (GIVÓN, 2002, p. 5).

⁶⁰ Diferentemente de outros autores, para Castilho (1997, p. 26), “a gramaticalização é apenas um dos processos constitutivos da língua”, juntamente com a semanticização e a discursivização, pois denuncia a criatividade linguística da fala que está sempre em um processo ativo em que variações ocorrem a todo o momento.

⁶¹ Embora Meillet seja considerado o precursor dos estudos sobre GR por muitos teóricos, “[...] a noção de gramaticalização é bastante antiga, anterior até mesmo ao artigo de Meillet” (LONGHIN-THOMAZI, 2003, p. 47).

gramatical”⁶² (MEILLET, 1912, p. 131, tradução nossa), seu estudo inspirou, segundo Longhin-Thomazi (2003), muitos outros pesquisadores (Talmy Givón, Bernd Heine, Paul Hopper, Elizabeth Traugott, Ekkehard Köng, para citar alguns) a criarem ou reformularem teorias que buscavam conceituar o fenômeno ou encontrar padrões prototípicos e, a partir destes, conceber seus parâmetros gerais, ou seja, critérios aplicáveis na identificação do fenômeno.

Desde Meillet, as acepções acerca do termo GR variam entre os estudiosos. Essa discussão poderia estender-se na presente pesquisa em virtude da extensa bibliografia, mas nosso objetivo, primeiramente, centrou-se apenas em citar alguns pesquisadores para conhecimento e depois apresentar a proposta que norteará nosso trabalho.

Givón (1979), por exemplo, conceituou a GR como a transição de elementos pragmáticos para sintáticos, adicionando que o **processo se inicia no discurso**, representado pelo *cline* **discurso > sintaxe > morfologia > morfofonêmica > zero**. Heine (1991, 2003), por sua vez, acresce que a gramaticalização pode concluir-se não apenas quando um item lexical passa a gramatical, mas quando um item já gramatical torna-se mais gramatical. Para o autor, o objetivo primordial da GR centra-se na descrição de como as formas gramaticais originaram-se e progrediram ao longo do tempo e do espaço.

Compartilhamos da posição de Longhin-Thomazi (2003, p. 48), que atenta para o fato de que os autores das teorias da GR “não partem dos mesmos pressupostos, nem se ocupam dos mesmos exemplos”. Por isso, não é possível atribuir um *status* a elas de corretas ou incorretas, visto que o objeto investigado, o tipo de trabalho ou o método adotado pode ser diferente em cada estudo. Então, cabe ao pesquisador fazer uma escolha pessoal e delimitar qual das teorias da GR é mais compatível com o fenômeno que pretende investigar.

Desse modo, para a análise da dinâmica de usos de *assim*, julgamos mais adequado o trajeto teórico de Traugott (1995, 2001, 2007, 2010), Brinton e Traugott (2005) e Traugott e Dasher (2005) sobre a GR. Primeiramente, Traugott (2010) conclui que a mudança via GR atua sobre dois campos: 1º **morfossintático**: em que, inicialmente, a “Gramaticalização é o processo pelo qual um item lexical, em contextos pragmáticos e morfossintáticos altamente restritos, torna-se gramatical”⁶³ (TRAUGOTT, 1995, p. 2, tradução nossa). Em 2001, Traugott amplia seu conceito para: “[...] mudança pela qual itens lexicais e **construções** chegam a certos contextos linguísticos para servir a funções gramaticais ou itens gramaticais

⁶² “[...] the passage of an autonomous word to the role of a grammatical element” (MEILLET, 1912, p. 131).

⁶³ Grammaticalization is the process whereby lexical material in highly constrained pragmatic and morphosyntactic contexts becomes grammatical (TRAUGOTT, 1995, p. 2).

desenvolvem novas funções gramaticais⁶⁴” (TRAUGOTT, 2001, p. 1, tradução nossa). Resumidamente, os itens lexicais ou construções oracionais seguem o caminho “item/construção lexical > item gramatical⁶⁵” (TRAUGOTT, 2007, p. 7, tradução nossa); 2º **semântico-pragmático**: neste, por sua vez, são os significados dos itens lexicais ou construções oracionais que evoluem de “significado menos subjetivos > significado mais subjetivo⁶⁶” (TRAUGOTT, 2007, p. 7, tradução nossa), ou também chamados subjetivos e intersubjetivos (termos mais usuais nos estudos do século XXI). Tais estudos se iniciaram nas discussões de Traugott (1982).

Porém, desde o estudo de Meillet (1912), passando por Traugott (1993, 1995, 2001), Heine (1991, 2003), para citar alguns, as mudanças oriundas via processo de GR não são consideradas instantâneas. Segundo esses estudos, a GR se constitui como um processo historicamente situado, uma trajetória evolutiva natural das formas, um *continuum* ininterrupto em que não ocorrerão apenas alterações de itens lexicais para gramaticais ou para mais gramaticais (categorial), mas haverá também mudança de significado.

Gonçalves *et al.* (2007, p. 16) recomendam que é preciso considerar o recorte temporal que será feito para investigar a mudança linguística sob o viés da GR, em virtude de que o investigador pode observá-la a partir de um dos dois enfoques: (i) a GR como um paradigma, quando o pesquisador centra suas preocupações na descrição de como surgem e são usadas as formas gramaticais; ou (ii) a GR como um processo na medida em que centraliza seus objetivos para identificar e analisar os itens que adquirem um caráter mais gramatical.

A GR também pode ser analisada a partir de duas perspectivas metodológicas:

[...] a *diacrônica*, se a preocupação estiver voltada para explicação de como as formas gramaticais surgem e se desenvolvem na língua, ou *sincrônica*, se a preocupação estiver voltada para identificação de graus de gramaticalidade que uma forma linguística desenvolve a partir dos deslizamentos funcionais a ela conferidos pelos padrões fluidos de uso da língua, portanto sobre o enfoque discursivo-pragmático. A combinação dessas duas perspectivas (*pancrônica*) também é uma possibilidade metodológica (GONÇALVES *et al.*, 2007, p. 16, grifos do autor).

Por conseguinte, o pesquisador acabará optando pela perspectiva sincrônica, diacrônica ou pancrônica, a depender da disponibilidade de dados para consulta e dos interesses da pesquisa. Hopper e Traugott (1993) destacam que o recorte sincrônico permite o

⁶⁴ Grammaticalization is the change whereby lexical items and constructions come in certain linguistic contexts to serve grammatical functions or grammatical items develop new grammatical functions (TRAUGOTT, 2001, p. 1)

⁶⁵ Lexical item/construction > grammatical item (TRAUGOTT, 2007, p. 7).

⁶⁶ less subjective > more subjective meaning (TRAUGOTT, 2007, p. 7).

arranjo de um *continuum* de gramaticalidade, capaz de refletir a multifuncionalidade do item ou da construção em estudo, mas não etapas da sua mudança. Por essa razão, no presente trabalho, em virtude de não encontrarmos preservados, em Chapecó, amostras orais e escritas anteriores ao século XX, optamos pelo recorte sincrônico, como já anunciamos no capítulo introdutório, visando à identificação da gramaticalidade do item *assim* nas duas amostras.

Justamente pelo fato de o processo de GR ser considerado constante nas línguas, Meillet (1912), Givón (1995), Traugott (1995, 2001, 2007, 2010), Heine (1991) e Heine (2003) qualificam-no como um processo gradual evolutivo unidirecional⁶⁷. Em vista disso, toda mudança via GR possui uma trajetória evolutiva irreversível, nomeada *cline* por Givón (1979).

No nível morfossintático, Hopper e Traugott (1993) representam a evolução categorial de um item pelo *cline*: “**item lexical > item gramatical > clítico > afixo flexional**”⁶⁸ (HOPPER; TRAUGOTT, 1993, p. 7). De outro modo, ocorre, especificamente, uma mudança contextual, alterando-se a classe gramatical em que a palavra atua.

No PB, a mudança categorial de *assim* descrita por Longhin-Thomazi (2006) é representada por dois *clines*: o primeiro, **advérbio espaço-temporal > advérbio anafórico > conjunção**, e o segundo, **advérbio espaço-temporal > advérbio catafórico > MD**. No primeiro *cline*, *assim*, ao longo do tempo, assumiu novas funções gramaticais no percurso chegando ao estágio atual como conjunção derivada do advérbio modal anafórico. Já no segundo, *assim*, ao longo do tempo, adquiriu novas funções gramaticais no percurso chegando ao estágio atual como MD derivado do advérbio modal catafórico. Então, quanto mais à direita do *cline*, mais gramaticalizada será a forma.

Hopper e Traugott (1993) diferenciam palavras de conteúdo, que também são nomeadas de itens lexicais, de palavras funcionais ou gramaticais. As primeiras, os itens

⁶⁷ A mudança procede do mais alto para o mais baixo, nunca do mais baixo. Hopper e Traugott (1993) afirmam que a mudança categorial das palavras segue: Nomes e verbos > adjetivos e advérbios > preposições, conjunções auxiliares e pronomes. Então, segundo essa teoria, uma forma com valor de advérbio, que passou a funcionar como conjunção, nunca retornará a ser somente advérbio, uma vez que ocorre da esquerda para a direita. Nesse ponto teórico, há polêmicas envolvidas, pois autores como Newmeyer (1998, 2001), Campbell (2001) e Janda (2001) não concordam com o caráter unidirecional da mudança e consideram-no cíclico. Todavia, Heine (2003) declara que, nos estudos sobre GR, não se encontram casos em que, depois de concretizado, o processo tenha sido revertido.

⁶⁸ Salientamos que, apesar de parecer pela representação do *cline* que uma categoria gramatical substitui imediatamente a outra na GR, a realidade envolve a multifuncionalidade de uma forma que pode prosseguir por tempo indeterminado, ou uma função se sobressairá às outras e resistirá após a extinção das demais. Lopes Damásio (2008, p. 25) alerta que “o estudo sincrônico evidencia a mudança, uma vez que são distinguidas acepções mais ou menos gramaticais de um item/construção, mas não é suficiente para comprovar as relações de derivação, o que justifica a ênfase dada à perspectiva diacrônica nos trabalhos relacionados à GR.”

lexicais⁶⁹, “[...] são usadas para relatar ou descrever coisas, ações ou qualidades.”⁷⁰ (HOPPER; TRAUGOTT, 1993, p. 4, tradução nossa). Lopes Damásio (2008), embasada em Hopper e Traugott (1993), acresce que, nesta classe, encaixam-se os substantivos, verbos e adjetivos. Já as segundas, as palavras *gramaticais*, realizam uma determinada função, servindo para indicar relações entre nomes (preposições), unir partes do discurso (conectivos), indicar, nele, as entidades já mencionadas ou por mencionar, ou seja, que constituem a informação dada ou nova (pronomes e artigos), etc. Portanto, os advérbios, em especial o item “*assim*”, são itens lexicais que possuem um sentido (referindo-se a objetos, processos ou localizações do mundo real) agregado a si.

Longhin-Thomazi (2003) observa ainda que, após novas investigações, Traugott e König (1991) reanalisam alguns de seus pressupostos e reforçaram que as mudanças semânticas advindas da GR são desencadeadas pelos componentes semântico-funcional da linguagem, ou seja, é a comunidade linguística que determinará os significados pela função que terão no uso (discurso). Então, os significados partem do mundo real (concreto), evoluem para o nível da construção textual e podem se estender para aqueles que são fundamentados na opinião do falante. Vejamos como os autores explicam a mudança de significados:

[...] Mais recentemente ela revisou esta formulação e especificou a mudança como a dos significados fundamentados na criação do texto (por exemplo, conectivos, marcadores anafóricos, etc.) para significados fundamentados na atitude do falante ou em sua opinião sobre o que é dito e mostrou que é parte, em geral, de um mecanismo maior de mudança semântica⁷¹ (TRAUGOTT; KÖNIG, 1991, p. 189, tradução nossa).

Por isso, do ponto de vista analítico adotado por König e Traugott (1991) um novo *cline* pode ser formulado e simbolizado como: “**significados identificáveis em situações extralinguísticas > significados fundados na marcação textual > significados fundados na atitude ou crenças do falante a respeito do que é dito**” (LONGHIN-THOMAZI, 2003, p. 39, grifos da autora). Assim sendo, quanto mais à direita do *cline*, mais o sentido será acrescido de subjetividade e esvaziado de sentidos associados ao mundo real.

⁶⁹ Os itens lexicais, segundo Hopper e Traugott (1993), dividem-se em categorias maiores, substantivo, verbo e pronomes, e categoria mediana, adjetivo e advérbio. Enquanto os gramaticais encaixam-se na categoria menor: preposição e conjunção.

⁷⁰ “[...] are used to report or describe things, actions or qualities” (HOPPER; TRAUGOTT, 1993, p. 4).

⁷¹ “[...] More recently she has revised this formulation and specified the shift as one from meanings grounded in text-making (for example connectives, anaphoric markers, etc.) to meanings grounded in the speaker’s attitude to or belief about what is said, and shown that it is part of the larger mechanism of semantics change in general (TRAUGOTT; KÖNIG, 1991, p. 189).

Para exemplificar, Longhin-Thomazi (2003, p. 39) cita que Traugott e König (1991, p. 191) mencionam a trajetória do advérbio “*while*” (enquanto). Inicialmente, a forma era *pa hwile pe* e correspondia ao uso adverbial “no tempo em que”. Depois, essa forma passou a *while* com valor de “durante / enquanto” funcionando como conector textual temporal e finalizou com o valor de “embora” que expressa a atitude de um falante, funcionando como conectivo concessivo.

No campo semântico-pragmático, é exatamente “o sentido” de um item que se alterna no processo de GR, e possibilita a criação do segundo *cline*, no âmbito da interface entre sintaxe e semântica. Segundo Traugott (1989), os itens lexicais se gramaticalizam ao percorrerem o caminho semântico **proposicional** > **textual** > **expressivo**⁷², mas essa concepção foi reformulada em Traugott e Dasher (2005), visto que perceberam que os significados são intensificados pragmaticamente e revelam crenças e atitudes do falante quando a forma já está no último estágio de evolução do *cline*.

Em suma, Longhin-Tomazi (2003) aponta que Traugott (1982, 1989) delimita que, no componente **proposicional**, sintetizam-se as estratégias da linguagem que permitem falar do mundo exterior a ela, o mundo físico ou real. Nesse nível, estão inclusos os dêiticos de lugar, tempo e pessoa. Por outro lado, temos o nível **textual**, que inclui recursos de coesão textual como: conectivos anafóricos, catafóricos, complementizadores e outros, cuja função contribuirá com a melhor compreensão do texto, ou seja, sua construção. Por fim, o nível **expressivo** aglomera os recursos linguísticos responsáveis por revelar as atitudes ou avaliações do falante referentes ao discurso proferido no momento. Aqui, encaixam-se os MDs, juntamente com modalizadores, marcadores de pressuposição e os índices de polifonia, segundo Longhin-Tomazi (2003, p. 1773). Desse modo, verifica-se a evolução da mudança de um significado mais concreto (proposicional) para o mais abstrato (textual e expressivo).

No entendimento de Traugott (2010), no último nível, o expressivo, as informações são divididas em dois tipos: as subjetivas e intersubjetivas, que expomos a seguir:

Subjetivação é o desenvolvimento de significados que expressam atitude ou ponto de vista do falante, enquanto intersubjetivação é o desenvolvimento da atenção do falante para a auto-imagem do destinatário. Isso requer repensar Halliday e significados “interpessoais” de Hasan como tendo funções duplas: subjetivos e orientados em direção ao falante, e intersubjetivo, orientado em direção ao destinatário⁷³ (TRAUGOTT, 2010, p. 21, tradução nossa).

⁷² Traugott (1989) amparou-se no modelo semântico-funcional da linguagem de Halliday e Hasan para criar sua proposta. Eles utilizaram a representação: Ideacional > textual > interpessoal.

⁷³ Subjectification is the development of meanings that express speaker’s attitude or viewpoint, while intersubjectification is the development of the speaker’s attention to addressee self-image. This requires

O significado das palavras ou expressões subjetivas, segundo Traugott (2010), é fundado em opiniões e/ou atitudes do falante: *That must be wrong*” (Isso deve estar errado) ou *in fact* (na verdade). Os exemplos incluem o valor de verdade pessoal do locutor. Para Traugott (2010), o uso da construção *I mean* (quer dizer), por exemplo, é sempre subjetiva, pois chama a atenção do ouvinte para a reformulação da opinião do falante. Além disso, em alguns casos bem específicos, seu uso contextual pode se tornar ainda mais intersubjetivo, como em: *You know what I mean?* (você sabe o que quero dizer?). Nesse caso, o aumento da intersubjetivação ocorre devido à ênfase que o falante dá a sua fala chamando a atenção do ouvinte.

Nesse ponto, o processo de GR relaciona ganhos e perdas simultâneos. Traugott e König (1991), citados por Longhin-Tomazi (2003), defendem que o crucial na análise da GR é o ganho de subjetivação que adquire a forma ao longo do processo, isto é, o julgamento pessoal do falante a respeito do tema discutido torna-se mais aparente à medida que há avanços no *cline*. Em vista disso, na mudança linguística, não há só perda de significado original como acreditava Meillet, mas também sua redução, acompanhada do aumento da subjetivação.

Portanto, a metáfora e a metonímia se configuram como recursos representativos de ganhos e perdas, na mudança via GR. Heine e Kuteva (2007, p. 34) explicam que as perdas acontecem de distintas formas nos usos linguísticos:

- a. extensão, i.e. o surgimento de novos significados gramaticais quando expressões linguísticas são estendidas a novos contextos (reinterpretação induzida pelo contexto);
- b. dessemantização (ou apagamento semântico), i.e. perda (ou generalização) em conteúdo de significado;
- c. descategorização, i.e. perda em propriedades morfossintáticas características de formas lexicais ou de outras formas menos gramaticalizadas;
- d. erosão (redução fonética), i.e. perda em substância fonética.

A metáfora consiste basicamente na expansão semântica de um sentido A em B, porém sem desligar-se totalmente do sentido original, ou seja, integra a dessemantização proposta por Heine e Kuteva (2007). No caso do advérbio *assim*, segundo Lopes-Damásio (2008, p. 236), seu sentido inicial dêitico corresponde a experiências sensoriais (indicativas de tamanho e modo) e espaciais, derivado do latim *ad sic* que significava “dessa maneira” e “em

direção a” “para a”, ou seja, significados atrelados ao mundo físico proposicional. Com o início do processo de GR, *assim* passa, metaforicamente, a atuar como modal anafórico/catafórico incidindo diretamente na construção coerente do texto, por meio de retomadas de partes textuais anafóricas e catafóricas. Por fim, *assim* atua no nível expressivo o qual possui subjetividade ou intersubjetividade, funcionando como conjunção coordenativa conclusiva que se originou do advérbio anafórico e MD que proveio do advérbio catafórico. Abaixo, exemplificamos o emprego do MD *assim*, em que o seu sentido original dêitico amenizou-se:

(52) F: Inf.: olha... gravidez né?... *assim*... éh::... gravidez é muito bonito é um momento muito bonito ser mãe... eu TENHO vontade de ter filho mas *assim* agora... tenho vinte anos ainda estudo faço faculdade creio que isso... ia atrapalhar minha vida... (LOPES-DAMÁSIO, 2008, p. 169, grifo da autora).

O que podemos observar, na ocorrência (52), é que mesmo o MD *assim* atuando com o propósito de antecipar o que será dito, isto é, a posição pessoal em relação à pergunta do entrevistador, relacionado à compreensão e não ao ato físico de informar como é algo, o seu valor original “dessa maneira” não se perde, apenas diminui – mesmo em um contexto abstrato.

Ao contrário da metáfora, na metonímia um sentido B é reconstruído, mas não tem nenhuma relação com o sentido original do item, pois é o contexto que possibilita a interpretação de um significado específico. As conjunções, frequentemente, derivam de metonímia, logo o item *assim* empregado como conjunção conclusiva é um exemplo, pois o primeiro uso de *assim*, como já mencionado anteriormente, era dêitico, quer dizer, o valor que *assim* exprimia, inicialmente, era modo tempo/espço. Então, por metonímia, *assim* passou a funcionar com valor de conclusivo⁷⁴, estabelecendo relação causa/consequência entre uma sentença A e outra B, logo, equivale, semanticamente, a *por conseguinte* e *portanto* sem manter qualquer resquício do significado modal, vejamos: “Indústrias que têm compras comuns associam-se em cooperativas, centralizando, por meio destas suas aquisições. *Assim*, obter melhores preços e maiores prazos pelo aumento do volume de transações” (LONGHIN-THOMAZI, 2003, p. 1774, grifo da autora).

Passaremos, a seguir, a detalhar os procedimentos metodológicos desta pesquisa.

⁷⁴ Longhin-Thomazi (2003) reitera que, em alguns casos, apesar de *assim* associar conclusivamente o conteúdo de uma oração A diretamente a B, o item não reúne todas as características prototípicas da classe conjuncional, conforme comprovou Neves (2002). Nesses casos, “*assim* tangencia as categorias de advérbio e conjunção, já que apresenta mobilidade posicional ou co-ocorre com outras conjunções” (LONGHIN-THOMAZI, 2003, p. 1774).

5 METODOLOGIA

Descrevemos, neste capítulo, os procedimentos metodológicos que nortearam a análise do comportamento multifuncional do item *assim* nas duas amostras sincrônicas do português investigadas. Inicialmente, relatamos brevemente a constituição do projeto VMPOSC e, em seguida, detalhamos a amostra de fala e de escrita selecionada para esta investigação. Delineamos, ao final, o tratamento de dados conferido à presente análise.

Esta pesquisa de cunho funcional centrou seus objetivos na identificação da gramaticalidade (cf. HOPPER; TRAUGOTT, 1993; GONÇALVES *et al.*, 2007) de *assim* em duas amostras sincrônicas do português de Chapecó. Por essa razão, este trabalho consiste em uma pesquisa quali-quantitativa de base empírica. Na análise qualitativa, procedemos ao levantamento de todas as ocorrências de *assim* (e perífrases) e traçamos, a partir da dinamicidade de usos identificada, uma possível trajetória funcional de gramaticalidade do item. Já na análise quantitativa, consideramos a frequência e o percentual de uso do item *assim* nas duas amostras investigadas. A frequência de uso constitui um fator relacionado à mudança linguística que merece destaque. Contudo, vale enfatizar a advertência de Bybee (2003) de que a alta frequência não é um resultado da gramaticalização de itens ou de construções, mas tão somente um indício para a sua identificação.

A seguir, detalharemos o projeto maior do qual extraímos o *corpus* investigado.

5.1 VMPOSC

O projeto VMPOSC iniciou-se em 2012 e é uma iniciativa proveniente de pesquisadores do Grupo de Pesquisa (GP) Estudos Sociolinguísticos do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL) da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS). Certificado pela UFFS e pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), é coordenado pela Professora Cláudia Andrea Rost Snichelotto.

O projeto tem como meta

- (i) a constituição de uma amostra de fala composta de 32 entrevistas sociolinguísticas com informantes de Chapecó/SC, monolíngues em português; (ii) a coleta e à catalogação do gênero discursivo ‘carta de leitor’, publicado a partir da década de 50 do século XX⁷⁵, em jornais do município, a fim de contribuir com o

⁷⁵ Inicialmente, escolheu-se para a coleta de dados “O jornal do Povo”, pois este era o mais antigo veículo de imprensa da região arquivado e também o que mais dispunha quantitativamente de exemplares no acervo

trabalho do Projeto Interinstitucional Para a História do Português Brasileiro de Santa Catarina (PHPB-SC)⁷⁶; (iii) a descrição e a análise do funcionamento de fenômenos linguísticos do português falado e escrito embasados na Teoria da Variação e Mudança e do Funcionalismo Linguístico, com vistas à contribuição da descrição do PB contemporâneo, em especial o PB da região fronteira, ainda pouquíssimo estudado (ROST SCNICHELOTTO, 2012, p. 4)

A amostra sincrônica de fala, conforme citado em (i), é constituída por entrevistas sociolinguísticas com informantes chapecoenses, monolíngues em português, estratificados de acordo com as células sociais detalhadas no Quadro 6.

Quadro 6 – Distribuição da amostra de fala do VMPOSC segundo o perfil dos informantes

ESCOLARIDADE								
Idade/Sexo ⁷⁷	Ensino Fundamental 1º Ciclo		Ensino Fundamental 2º Ciclo		Ensino Médio		Ensino Superior	
	M	F	M	F	M	F	M	F
C (De 7 a 14 anos)	2	2	2	2	-	-	-	-
J (De 15 a 24 anos)	2	2	2	2	2	2	2	2
B (De 25 a 49 anos)	-	-	-	-	-	-	2	2
A (mais de 50 anos)	-	-	-	-	-	-	2	2
Total Parcial	4	4	4	4	2	2	6	6
Total	8		8		4		12	
Total de 32 informantes⁷⁸								

Fonte: Rost Snichelotto (2012, p. 6).

Ao final do período de coleta das entrevistas sociolinguísticas, o projeto vislumbra alcançar 32 entrevistas semidirigidas. Para isso, na seleção dos informantes do projeto VMPOSC, foram considerados os seguintes critérios, conforme Rost Snichelotto (2012, p. 2):

- (i) possuir como língua materna o português; (ii) residir em Chapecó pelos menos $\frac{2}{3}$ da vida; (iii) não ter morado fora da cidade por mais de um ano; (iv) quanto ao seu dialeto, que ele não cause estranheza aos demais

mediático do Centro de Memórias do Oeste (CEOM). Porém, como não se encontrou o gênero carta de leitor nos exemplares disponíveis do jornal, alterou-se a pesquisa para os semanários “A voz de Chapecó” e “O Imparcial”.

⁷⁶ Projeto coordenado pela Profa. Izete Lehmkuhl Coelho, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), com o propósito de: (i) levantar e catalogar documentos que constituirão um *corpus* representativo da escrita dos catarinenses dos séculos XIX e XX; (ii) editar e disponibilizar os gêneros textuais coletados; (iii) descrever aspectos da realidade sócio-histórica e fenômenos de variação/mudança linguística do português de Florianópolis, Lages, Blumenau e Chapecó, dos últimos dois séculos. O Projeto para a História do Português de Santa Catarina (PHPB-SC) está atrelado ao Projeto Nacional para a História do Português Brasileiro (PHPB).

⁷⁷ Aqui o fator sexo refere-se ao aspecto biológico (masculino e feminino). Não fazemos, para os propósitos deste estudo, distinção entre sexo e gênero.

⁷⁸ Até este momento, foram coletadas 60% (19 das 32) das entrevistas previstas em virtude da dificuldade de encontrarem-se informantes chapecoenses com o perfil necessário.

falantes da localidade; (v) os pais do informante deviam ter nascido na localidade.

Esta amostra de fala busca complementar os dados do projeto Variação Linguística na Região Sul (VARSUL)⁷⁹. As entrevistas seguiram o modelo adotado pela Sociolinguística tradicional, mas, antes da coleta⁸⁰ propriamente dita, buscou-se, na comunidade, o perfil social desejado, por meio de um contato prévio com os informantes ou responsáveis (em caso de menores de idade). Depois de identificados, prosseguiu-se com a assinatura do termo de autorização de gravação em áudio da fala para posterior análise e uso de dados, cedidos pelos participantes da pesquisa.

Na etapa de execução, a gravação das entrevistas ocorreu, entre os anos de 2013 e 2017, em locais indicados pelos informantes, a fim de deixá-los mais à vontade. O grupo de entrevistadores constituiu-se por estudantes do curso de graduação⁸¹ em Letras Português e Espanhol e de História e por alunos do curso de mestrado⁸² em Estudos Linguísticos da UFFS, integrantes do GP Estudos Sociolinguísticos. Na sequência, as entrevistas foram transcritas⁸³ para facilitar a consulta de dados.

A amostra sincrônica de escrita⁸⁴, conforme citado em (ii), é composta por 391 exemplares de três gêneros discursivos: 88 cartas de leitores, publicadas nas décadas de 40 a 90 do século XX⁸⁵, extraídas dos jornais *A voz de Chapecó*, *O Imparcial*, *Folha d'Oeste e Diário da Manhã*; 68 cartas pessoais escritas nas décadas de 20 a 90 e 30 a 90 do mesmo século e 235 anúncios publicados nos jornais *A voz de Chapecó* e *O Imparcial*, nas décadas de 30 a 90 do século XX, conforme o Quadro 7 a seguir:

⁷⁹ O projeto VARSUL visa à descrição do português falado e escrito de áreas socioculturalmente representativas do Sul do Brasil. O projeto é resultado de parceria entre a Universidade Federal do Rio Grande do Sul, a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, a Universidade Federal de Santa Catarina e a Universidade Federal do Paraná. Para mais informações acesse: <http://www.varsul.org.br>.

⁸⁰ As etapas de coleta das entrevistas sociolinguísticas abrangeram, primeiramente, o preenchimento da ficha social do informante, seguida da entrevista oral, quando se utilizaram de metodologia que induzia o falante a produzir (i) narrativas: de experiência pessoal e recontada; (ii) relatos de descrição, de opinião e de procedimento. Os temas incluíram assuntos sobre a cidade de Chapecó, como bairros, festas de família, preparação de receitas, descrição de moradia, opiniões políticas, entre outros.

⁸¹ Gabriel Augusto Scheffer, Grazieli Pigatto e Carlos Eduardo Cardoso.

⁸² Eliane Scherer, Kelly Trapp, Eduardo Berger, André Fabiano Bertozzo e Greici Moratelli Sampaio.

⁸³ Jezebel Batista Lopez, Leila Teixeira Strapazon e os acadêmicos da disciplina Oficina I (Introdução à Pesquisa em Sociolinguística), ministrada pela docente Cláudia Andrea Rost Snichelotto, em 2015, no curso de Letras – Português e Espanhol da UFFS.

⁸⁴ Segundo as Normas de Transcrição de Documentos Manuscritos e Impressos (Edição Semidiplomática) do PHPB, o *corpus* mínimo básico de impressos, no século XX (1ª e 2ª metade), deveria conter 10 gêneros por década.

⁸⁵ Após consulta aos semanários, observou-se a seção “A pedido” que continha cartas de leitores. No entanto, em publicações anteriores à década de 40 do século XX, não se identificaram ocorrências do gênero. Com relação aos anúncios, não os encontramos na década de 20, pois não há exemplares conservados de periódicos da época.

Quadro 7 – Distribuição da amostra escrita do VMPOSC segundo o gênero

Gênero escrito	Nº total de gêneros por década 1ª metade do século XX				Nº total de gêneros por década 2ª metade do século XX				Total
	20	30	40	50	60	70	80	90	
Carta de leitores	0	0	10	35	10	23	6	4	88
Carta pessoal	3	22	28	0	2	7	3	3	68
Anúncio	0	29	55	60	18	48	14	11	235

Fonte: Elaborado pela autora.

As cartas de leitores e anúncios foram coletados em Chapecó no Centro de Pesquisa e Memórias do Oeste Catarinense (CEOM) e na Biblioteca Municipal de Chapecó Neiva Andreatta Costela. Quanto às cartas pessoais, algumas foram coletadas no CEOM, outras são provenientes de arquivos pessoais cedidos para o projeto VMPOSC. O período de coleta compreendeu os anos de 2013 a 2017.

Os textos coletados⁸⁶ foram fotografados com câmera digital. Depois de fotografados, foram catalogados da seguinte maneira: data de publicação, no caso das cartas de leitores e anúncios, ordenando-os, cronologicamente, dos mais antigos para os mais recentes; veículo de publicação; local; edição; e acervo em que o material foi resgatado – referente às cartas pessoais, a data em que se catalogou foi a de autoria. Após esta etapa, passou-se à transcrição das cartas e dos anúncios, conforme as especificações do Projeto PHPB. No anexo A, apresentamos um exemplo da imagem da publicação e sua respectiva transcrição segundo as normas de transcrição do PHPB.

Vale salientar que a amostra escrita se constituiu aleatoriamente, em virtude de gêneros como jornais, revistas e cartas pessoais, de séculos anteriores, não se encontrarem preservados em grande número em Chapecó, e também pelo fato de que, em 2017, a cidade completou 100 anos de história. Logo, pesquisadores que se propõem ao estudo de diferentes gêneros do português e/ou de sua evolução enfrentam tal problema, visto que não há registro de português arcaico.

Detalhadas as duas amostras que constituem o VMPOSC, passamos ao delineamento do nosso *corpus*.

⁸⁶ Textos coletados por Cláudia Andrea Rost Snichelotto, Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott e Leila Teixeira da Rosa Strapazzon.

5.2 CORPUS

A seleção do *corpus* compreende uma amostra oral e outra escrita do português as quais se justificam tendo em vista as características distintas de produção de cada modalidade. Dessa forma, ao se examinar diferentes tipos de amostras, será possível captar a dinâmica de usos de *assim* em Chapecó.

Nossa amostra oral foi constituída por 19 entrevistas sociolinguísticas semidirigidas com informantes chapecoenses, estratificados em idade, sexo/gênero e escolaridade. Tradicionalmente, nos estudos funcionalistas do PB sobre *assim*, são empregadas entrevistas sociolinguísticas como instrumento de coleta de dados, mas, raramente, fatores sociais são controlados em busca de uma justificativa social para essa mudança linguística. O único registro de que temos conhecimento é de Silva e Macedo (1996), que controlaram os fatores idade e sexo. Portanto, justificamos a inserção de fatores sociais em nossa análise com base no questionamento de Gonçalves *et al.* (2007, p. 163): “Haveria um gatilho social para a expansão de usos na comunidade de fala?”, ou seja, a mudança linguística de *assim* é encabeçada por fatores extralinguísticos como idade, sexo e escolaridade?

Os pressupostos teóricos de Labov ([1972] 2008, 2001)⁸⁷ e de Weinreich, Labov e Herzog, (2006) comprovam que o surgimento e a propagação da mudança linguística, nas comunidades de fala, está diretamente ligado a fatores linguísticos e extralinguísticos. Por isso, segundo os autores, a pesquisa empírica é tão relevante, pois consegue demonstrar a ligação entre uma regularidade de determinado uso e a vida social e cultural de grupos delimitados segundo idade, sexo, escolaridade, entre outros.

Apresentamos, no Quadro 8, a distribuição do perfil social dos 19 informantes da amostra oral:

⁸⁷ A pesquisa pioneira foi realizada por Labov ([1972] 2008), a qual descreveu a centralização da primeira vogal dos ditongos *ay/ aw*, na ilha de Martha's Vineyard, estado de Massachusetts, na década de 1960. O autor comprovou a influência de motivação social na concretização de uma mudança sonora. Quando um vineyardense utilizava a centralização fonética, que anteriormente era apenas encontrada no inglês arcaico, “[...] está inconscientemente expressando o fato de que pertence à ilha: de que é um dos nativos a quem a ilha realmente pertence.” (LABOV, 2008, p. 57). Desse modo, essa marca linguística identitária os diferenciava dos turistas ou dos habitantes locais que desejam abandonar a ilha em busca de outro espaço para residir.

Quadro 8 – Distribuição da amostra oral segundo o perfil do informante

ESCOLARIDADE								
Idade/Sexo	Ensino Fundamental 1º Ciclo		Ensino Fundamental 2º Ciclo		Ensino Médio		Ensino Superior	
	M	F	M	F	M	F	M	F
C (De 7 a 14 anos)	2	2	2	2	-	-	-	-
J (De 15 a 24 anos)	-	-	2	-	1	1	1	2
B (De 25 a 49 anos)	-	-	-	-	-	-	2	2
Total parcial	4		6		2		7	
Total	19							

Fonte: Adaptado de Rost Snichelotto (2012, p. 6).

Nossa amostra escrita será constituída por 343⁸⁸ exemplares de gêneros escritos (cartas de leitores, cartas pessoais e anúncios), como se pode conferir no Quadro 9. No PB, pesquisas como as de Martelotta, Nascimento e Costa (1996), Longhin- Thomazi (2006), Lopes-Damásio (2008) e Souza (2009) também investigaram a dinâmica de usos de *assim* em amostras escritas de diferentes sincronias.

Quadro 9 – Distribuição da amostra escrita segundo o gênero

Gênero escrito	Nº total de gêneros por década 1ª metade do século XX				Nº total de gêneros por década 2ª metade do século XX				Total
	20	30	40	50	60	70	80	90	
Carta de leitores	0	0	10	35	10	23	6	4	88
Carta pessoal	3	0	2	0	2	7	3	3	20
Anúncio	0	29	55	60	18	48	14	11	235

Fonte: Elaborado pela autora.

Acreditamos que esta amostra de escrita composta por 88 cartas de leitores, 20 cartas pessoais e 235 anúncios acrescida das 19 entrevistas da amostra de fala constituem uma amostra sincrônica representativa do português utilizado pelos chapecoenses. Por meio delas, foram revelados resultados interessantes sobre a dinâmica de usos de *assim*.

A seguir, detalhamos o tratamento dos dados das duas amostras.

⁸⁸ Salientamos que a última coleta de cartas pessoais, especificamente das décadas de 30 e 40, está em fase de transcrição visto que a mesma ocorreu em novembro de 2017 e não houve tempo hábil para realização desta tarefa, por isso, optamos por não incluí-las em nossa análise.

5.3 TRATAMENTO DOS DADOS

Os dados de *assim* na amostra oral foram apurados por meio da audição e da leitura da transcrição das entrevistas, com o objetivo de levantar todas as ocorrências de *assim*. Semelhante ao tratamento dos dados de fala foi o tratamento dos dados de escrita, visto que, a partir da leitura integral de cada uma das cartas de leitor, cartas pessoais e dos anúncios, foi possível a seleção das ocorrências de *assim* para, em seguida, agrupá-las em padrões funcionais e contextos de uso.

Cabe informar que não descartamos usos ambíguos que o item pode veicular a depender do contexto em que está inserido. Tais usos se situaram, em termos morfológicos, entre a categoria de advérbio e conjunção ou entre conjunção e MD nas amostras oral e escrita, porém também utilizamos os critérios sintático e nocional para classificação dos dados. De acordo com Sweetser (1988, 1991 *apud* LOPES-DAMASIO, 2008, p. 52), a ambiguidade experimentada “[...] por um item, num mesmo recorte temporal, ou seja, numa perspectiva analítica sincrônica, pode sugerir importantes correlações com as mudanças semânticas sofridas por ele diacronicamente”.

Passamos a detalhar os padrões utilizados para classificação do item *assim*, conforme os critérios morfológico, sintático e nocional, segundo as gramáticas de cunho normativo e descritivo Ilari *et al.* (2002), Cunha e Cintra (2008), Bechara (2009), Castilho (2010), Lima (2011), Neves (2011) e Bagno (2012) e os estudos sobre o uso de *assim*, no PB, entre eles: Martelotta, Nascimento e Costa (1996), Silva e Macedo (1996), Oliveira Neto (1997), Longhin-Thomazi (2006), Lopes-Damáσιο (2008), Souza (2009), Castelano e Ladeira (2010), Castelano e Luquetti (2011), Castelano (2013) e Bonfim (2014).

Inicialmente, o *assim* advérbio, segundo o **critério morfológico** é de origem pronominal e não varia em grau número e gênero, do mesmo modo, o *assim* classificado como conjunção e MD, no entanto, as diferenças que encontramos para classificar o objeto de nosso estudo entre essas três distintas classes gramaticais estão localizadas no nível sintático e nocional como especificaremos a seguir.

No critério sintático, o *assim* **advérbio** age associado a um verbo, adjetivo, outro advérbio (intensificador) ou a uma oração inteira e apresenta maior mobilidade sintática, sendo dessa maneira, pode ser empregado em posição sintática, inicial, mediana e final; o item *assim* **conjuncional** interliga duas orações coordenadas, portanto ocupa a posição medial, e, para finalizar, o *assim* **MD** que é empregado em posição pós-verbal, isto é, antes do complemento verbal ou inserido em um sintagma nominal (mediana) e tem a função geral de

anunciar ao ouvinte a próxima parte do discurso; pois como explica Urbano (1997) os são “[...] elementos que ajudam a construir e a dar coesão e coerência ao texto falado, especialmente, dentro do enfoque conversacional” (URBANO, 1997, p. 85).

No **critério nocional**, o item *assim* que atua como **advérbio** tem a propriedade semântica da dêixis e foricidade e, a depender do contexto, pode expressar relações espaciais, temporais e modais; enquanto, funcionando como **conjunção** sua propriedade semântica estabelece relação de causa, consequência ou conclusão, por sua vez, os significados que o **MD** *assim* adquire na interação comunicacional têm valor que poderá corresponder à adição, dúvida, aproximação e probabilidade, visto que, Urbano (1997) alerta que, além de estabelecer coesão entre as unidades textuais, também constroem relações entre os interlocutores, no nível interacional e pragmático, em que os elementos servem para manter a atenção do interlocutor na conversa e revelam seu posicionamento em relação ao discurso proferido.

Depois, pós-levantamento de dados nas amostras, utilizamos o programa estatístico *Microsoft Excel* para mapear a frequência e os percentuais de ocorrência de *assim* em Chapecó.

Por fim, controlamos a frequência e os percentuais de *assim* conforme idade, sexo/gênero e escolaridade dos informantes da amostra oral, a fim de mensurar a dinâmica social do uso do item. Embora os cálculos de frequência não constituam um bom instrumento de mensuração, os resultados percentuais permitirão traçar um perfil estatístico do fenômeno em termos de distribuição do perfil social que contribui (ou não) com a expansão de *assim* na comunidade chapecoense. Prosseguimos, então, com o capítulo 6, resultado da análise das amostras de fala e escrita chapecoense.

6 A DINÂMICA DE USOS DE *ASSIM* EM CHAPECÓ

Neste capítulo, passamos à apresentação da descrição e da análise da multifuncionalidade de *assim* (e perífrases) nas amostras sincrônicas do português de Chapecó/SC. Inicialmente, categorizamos, sob a ótica funcionalista, a dinamicidade de usos associada ao item *assim* (e perífrases) na fala e na escrita de Chapecó. Num primeiro momento, desenvolvemos uma análise essencialmente qualitativa e, num segundo momento, centramos nosso olhar nos resultados quantitativos a fim de evidenciar aquilo que o uso consagra como tendência em um determinado contexto e em uma determinada sincronia.

Na subseção 6.1, resumimos, primeiramente, os usos de *assim* identificados em nossas amostras e descritos no levantamento bibliográfico do capítulo 2, apresentando a frequência de emprego do item separada por amostra e, posteriormente, quantificamos a frequência de ocorrência de apresentação formal do item.

Na subseção 6.2, considerando o critério formal, descrevemos os contextos de uso de *assim* de acordo com o aspecto morfológico e detalhamos sua frequência e seu percentual de ocorrência; em 6.3, ainda considerando o critério formal, descrevemos os contextos de uso de *assim* de acordo com o aspecto sintático e detalhamos sua frequência e seu percentual de ocorrência; logo após, na seção 6.4, considerando o critério funcional, descrevemos os usos de *assim* de acordo com o aspecto semântico-pragmático e aferimos a frequência e o percentual de ocorrências em cada contexto e em cada amostra.

Na sequência, apresentamos, na subseção 6.5, a dinâmica social dos usos de *assim* na amostra de fala, associando os critérios morfológico e semântico-pragmático à faixa etária, em 6.6.1, ao nível de escolaridade, em 6.6.2, e ao sexo/gênero dos informantes, em 6.6.3. Por fim, na última subseção deste capítulo, procuramos traçar uma possível trajetória de gramaticalidade do item guiada à luz da teoria da GR, a partir dos resultados qualitativos apurados.

6.1 *ASSIM* NA FALA E NA ESCRITA DE CHAPECÓ

Nesta subseção, nosso interesse recaiu sobre a descrição da dinâmica de usos de *assim* segundo levantamento em dicionários, gramáticas e estudos descritivos realizados com *corpora* do português, bem como incluímos os usos inovadores do item detectados nas duas amostras. Alertamos o leitor de que os usos descritos, a seguir, não seguem a trajetória histórico-evolutiva do item, bem como estamos prevendo sobreposição de sentidos, uma vez

que eles se distribuem num *continuum* multifuncional. Os Quadros 10 e 11 contêm, resumidamente, esse levantamento segundo os critérios morfológico, sintático e semântico-pragmático. Em seguida, nosso olhar incidiu sobre a apresentação formal e a frequência de ocorrência de *assim* (e perífrases) nas duas amostras, que resumimos nos Gráficos 1 e 2.

Quadro 10: Síntese da dinâmica de usos de *assim* e perífrases na amostra oral

Tipo de usos Nível	Morfológico	Sintático	Semântico-pragmático
USOS DESCRITOS	Advérbio	Inicial/ mediana/final	Dêitico temporal (imediatamente)
		Inicial/ Mediana/Final	Dêitico espacial (desse tamanho, desse formato)
		Inicial/ mediana/final	Anafórico modal (dessa maneira, desse jeito)
		Inicial/ mediana/final	Catafórico modal (desse jeito, desse modo)
		Mediana	Anafórico e Catafórico modal (desse modo)
USOS INOVADORES	Perífrase adverbial (<i>assim mesmo</i>)	Final (pós-verbo)	Anafórico modal (desse jeito, dessa maneira)
USOS DESCRITOS	Conjunção	Mediana	Conclusivo (portanto)
	Perífrase conjuncional (<i>assim como</i>)	Inicial e mediana	Comparativo (do mesmo modo que)
	Perífrase conjuncional (<i>assim que</i>)	Inicial	Temporal (imediatamente)
	Perífrase conjuncional (<i>mesmo assim</i>)	Mediana	Enfatização (apesar disso)
	MD	Inicial/ mediana/final	Focalizador
	MD	Inicial	Atenuador
	MD	Mediana e final	Sinalizador de pedido de esclarecimento (desse tipo)
	MD	Inicial ou mediana	Intensificador
	MD	Mediana	Sinalizador de quadro de construção mental (desse jeito, dessa forma ou dessa maneira)
	MD	Inicial ou mediana	Indicador de conteúdo expressivo (entretanto)

Fonte: A autora

Como podemos verificar no Quadro 10, o item pode ser expresso por um só vocábulo ou sob a forma de perífrases compostas pela junção de *assim* com outras palavras (*mesmo, como e que*) na amostra oral.

Quanto ao critério morfológico, em resumo, constatamos, de modo geral, as três categorias de *assim*: **adverbial**, descrito nos dicionários Gregorim (2008), Ferreira (2009) e Houaiss e Villar (2009), nas gramáticas de cunho normativo Cunha e Cintra (2008), Bechara (2009) e Lima (2011) e nos estudos descritivos do PB por Martelotta, Nascimento e Costa (1996), Silva e Macedo (1996), Oliveira Neto (1997), Longhin-Thomazi (2006), Lopes-Damásio (2008), Souza (2009); **conjuncional**, também identificada por Houaiss e Villar (2009), Martelotta, Nascimento e Costa (1996), Silva e Macedo (1996), Oliveira Neto (1997), Longhin-Thomazi (2006), Lopes-Damásio (2008) e Souza (2009); e **MD**, segundo os estudos descritivos do português de Martelotta, Nascimento e Costa (1996), Silva e Macedo (1996), Oliveira Neto (1997), Longhin-Thomazi (2006), Lopes-Damásio (2008), Souza (2009), Castelano e Ladeira (2010), Castelano e Luquetti (2011), Castelano (2013) e Bonfim (2014).

Quanto ao critério sintático, identificamos que *assim* ocupa posições variadas, conforme previsto por Gregorim (2008), Ferreira (2009), Houaiss e Villar (2009), Bechara (2009), Neves (2011) e Lopes-Damásio (2008), entre outros. De modo geral, o **advérbio** se situou nas três posições, exceto no caso do advérbio anafórico e catafórico simultâneo – em que o emprego foi exclusivamente medial – e da perífrase conjuncional *assim que* – que se localizou em posição final. Em contrapartida, a **conjunção** de valor conclusivo apresentou posição mediana fixa nas ocorrências, o que coincide com Gregorim (2008), Ferreira (2009), Houaiss e Villar (2009), Martelotta, Nascimento e Costa (1996), Longhin-Thomazi (2006), Lopes-Damásio (2008) e Souza (2009). Essa também foi a posição das perífrases conjuncionais, que também ocorrem em posição inicial. Por fim, os **MDs**, da mesma forma que os advérbios, revelaram flexibilidade sintática, como previsto por Ilari *et al.* (2002), Castilho (2010), Bagno (2012), Martelotta, Nascimento e Costa (1996), Longhin-Thomazi (2006), Lopes-Damásio (2008) e Souza (2009).

Quanto ao critério semântico-pragmático, de modo geral, *assim* tende a apresentar diferentes acepções a depender do contexto. Os **advérbios** têm a propriedade semântica da dêixis e foricidade, e, a depender do contexto, podem expressar relações espaciais, temporais e modais, como já exposto por Gregorim (2008), Ferreira (2009), Houaiss e Villar (2009), Castilho (2010), Neves (2011), Martelotta, Nascimento e Costa (1996), Longhin-Thomazi (2006), Lopes-Damásio (2008) e Souza (2009). As **conjunções** e as perífrases conjuncionais, além de valor conclusivo, também têm valor temporal, adversativo, consecutivo e comparativo, também identificados por Gregorim (2008), Ferreira (2009), Houaiss e Villar (2009), Martelotta, Nascimento e Costa (1996), Longhin-Thomazi (2006), Lopes-Damásio (2008) e Souza (2009). Por fim, os **MDs** apresentam uma propriedade geral, que é resquício

da sua origem adverbial, que envolve os movimentos de retrospectão e de prospecção. Dessa propriedade mais ampla, decorrem diferentes valores dos MDs, a depender do contexto: focalização, atenuação, esclarecimento, intensificação, sinalização de quadro da construção mental e indicação de conteúdo expressivo. Alguns desses valores foram descritos por, por exemplo, Houaiss e Villar (2009)⁸⁹, Ilari *et al.* (2012), Neves (2011), Bagno (2012), Martelotta (1996), Longhin-Thomazi (2006), Lopes-Damásio (2008) e Souza (2009).

Na sequência, sintetizamos os empregos de *assim*, na amostra de escrita, segundo os critérios morfológicos, sintático e semântico-pragmático.

Quadro 11: Síntese da dinâmica de usos de *assim* e perífrases na amostra escrita

Tipo de usos Nível	Morfológico	Sintático	Semântico-pragmático
USOS DESCRITOS	Advérbio	Inicial/ mediana/ final	Dêítico
	Advérbio	Inicial/ mediana/ final	Anafórico (desse modo)
		Inicial/ mediana/ final	Catafórico (desse modo)
		Mediana	Anafórico e Catafórico (desse modo)
	Conjunção	Mediana	Conclusivo (portanto)
	Perífrase conjuncional (<i>assim como</i>)	Inicial e Mediana	Comparativo “Do mesmo modo que”
USOS INOVADORES	Perífrase Adverbial (<i>assim por diante</i>)	Mediana	Anunciador de acréscimo catafórico “aguarde o que será dito”

Fonte: A autora.

Conforme o Quadro 11, *assim* pode ser expresso por um só vocábulo ou sob a forma de perífrases formadas pela junção de *assim* com outras palavras (*como* e *por diante*) na amostra escrita tal qual verificado na amostra oral.

Em resumo, constatamos, quanto ao critério morfológico, duas (das três) categorias de *assim*: **adverbial** e **conjuncional**. Localizamos ocorrências de usos inovadores das perífrases adverbiais (*assim mesmo* e *assim por diante*).

Quanto ao critério sintático, **os advérbios** apresentam mobilidade sintática e se situam no início, meio ou fim das ocorrências, do mesmo modo como apontado na amostra oral. As **conjunções**, por sua vez, apresentaram posição mediana fixa, exceto a perífrase com valor comparativo que foi localizada na posição inicial, conforme Gregorim (2008), Ferreira

⁸⁹ O dicionário classificou como conjunção aditiva o que consideramos MD na nossa amostra.

(2009), Houaiss e Villar (2009), Longhin-Thomazi (2006), Lopes-Damásio (2008), Souza (2009) e Martelotta, Nascimento e Costa (1996).

Quanto ao critério semântico-pragmático, *assim* tende a apresentar diferentes acepções a depender do contexto. Os **advérbios** veiculam valor anafórico, catafórico e anafórico e catafórico, como descrito por Gregorim (2008), Ferreira (2009), Houaiss e Villar (2009), Castilho (2010), Neves (2011), Martelotta, Nascimento e Costa (1996), Longhin-Thomazi (2006), Lopes-Damásio (2008) e Souza (2009); já as **conjunções** podem ter valor conclusivo ou comparativo, conforme Martelotta, Nascimento e Costa (1996), Longhin-Thomazi (2006), Lopes-Damásio (2008) e Souza (2009), ou com valor de anunciador de acréscimo catafórico, o qual não foi apresentado em nenhum trabalho do PB de nosso levantamento bibliográfico.

Vejam agora a frequência de uso de *assim* (e perífrases) nas duas amostras. Nossa hipótese é de que a ocorrência do item será maior nos contextos de fala do que de escrita, conforme também atestaram as pesquisas de Martelotta, Costa e Silva (1996), Martelotta (2004), Longhin-Thomazi (2006), Lopes-Damásio (2008) e Souza (2009). Porém, admitimos que essas modalidades (oral e escrita) são distintas considerando a finalidade comunicativa de cada gênero (oral ou escrito), as relações entre interlocutores e demais fatores das condições de produção dos textos falados ou escritos. Também sabemos que, na história da humanidade,

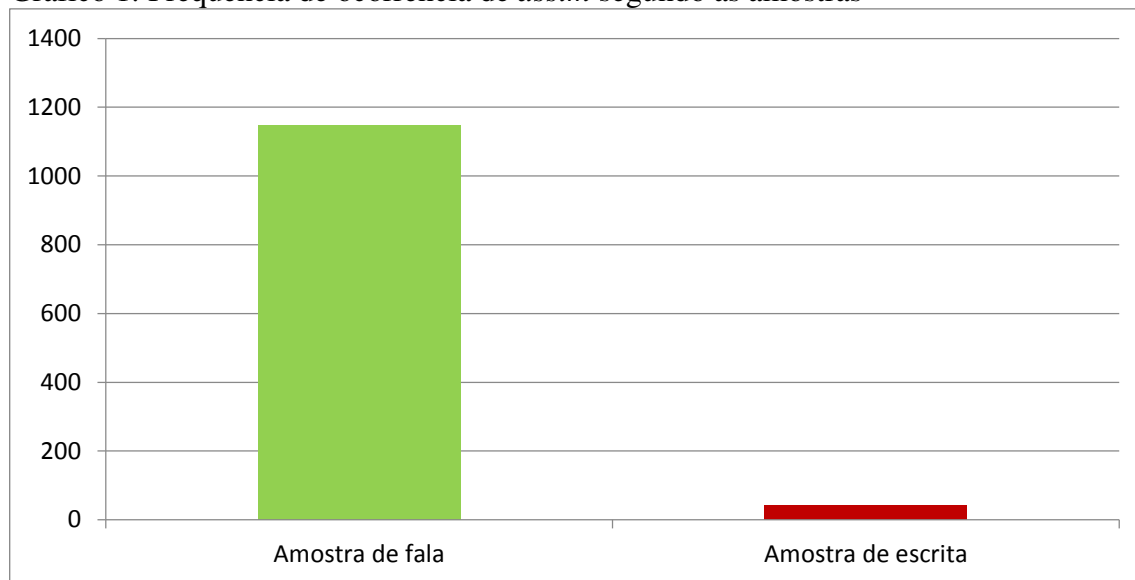
Todas as línguas desenvolvem-se em primeiro lugar na forma oral e são *assim* aprendidas por seus falantes. Só em segundo lugar desenvolve-se a escrita, mas a escrita não representa a fala nem é dela derivada de maneira direta (MARCUSCHI; DIONÍSIO, 2007, p. 8).

Assim como o surgimento da escrita é sempre posterior ao da oralidade, conforme Marcuschi e Dionísio (2007), *assim* também é o processo de mudança linguística, que principia na forma oral (LABOV ([1972], 2008). Com o tempo, se, em algum momento, as formas ou funções inovadoras se tornarem muito recorrentes e atingirem os falantes de dialetos mais prestigiados, como expõe Trudgill (2000), hipoteticamente, devido à aquisição de um maior *status*, considera-se que a forma inovadora foi aceita pela comunidade linguística e tende a espalhar-se e fixar-se também na escrita. Desse modo, tem-se um indício de que pode haver uma mudança linguística em andamento, pois quando uma forma inovadora atinge a escrita, isto é, a modalidade da língua mais conservadora, admite-se que este uso já está incorporado entre os seus falantes.

Reunimos, no Gráfico 1, a frequência de ocorrência de *assim* levantada nas duas amostras. Alertamos o leitor de que o *assim* pode ser expresso por um só vocábulo ou sob a

forma de perífrases, mas, no Gráfico 1, as duas formas foram agrupadas para que se visualize a totalidade de ocorrências do item nas duas amostras.

Gráfico 1: Frequência de ocorrência de *assim* segundo as amostras



Fonte: A autora

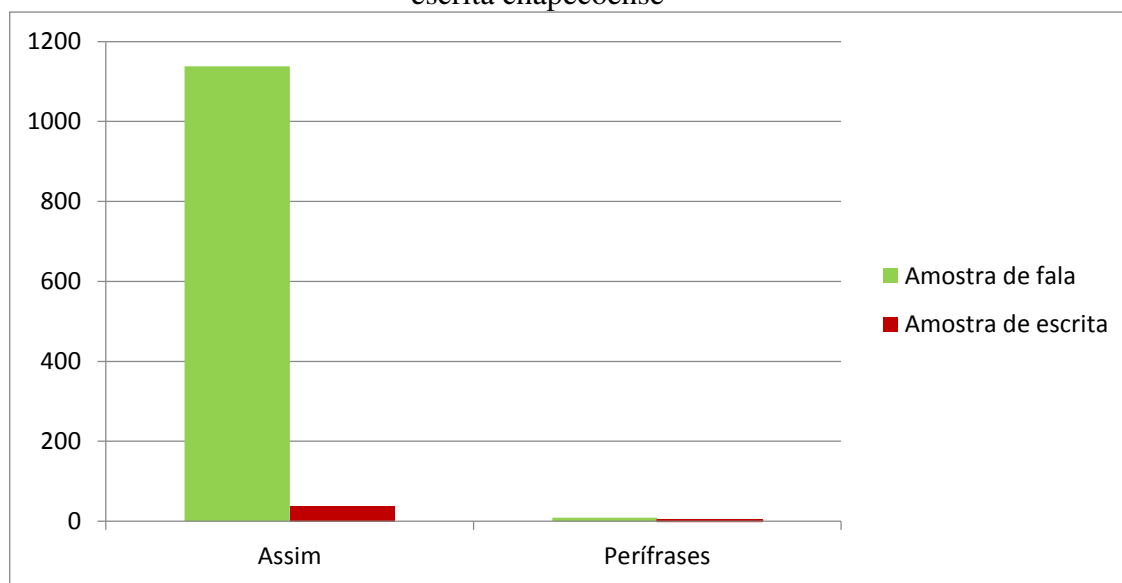
Conforme o Gráfico 1, *assim* foi localizado em 1147 ocorrências da amostra de fala, mas em apenas 37 da amostra escrita. Essa discrepância entre a frequência de uso de *assim* em ambas as amostras converge com nossa hipótese. É importante lembrar que o número elevado de ocorrências de *assim* na fala decorre dos usos inovadores, que incluem as conjunções, que surgiram a partir do século XII, e os MDs, que aparecem só no século XX no português (cf. LONGHIN-THOMAZI, 2006). Com relação à baixa recorrência do item na escrita, supomos que seja um indício do conservadorismo da escrita em relação à inserção de usos inovadores da fala (FREITAG, 2007).

Como pode ser visualizado nos Quadros 10 e 11, *assim* pode ser expresso de duas formas distintas nas duas amostras. Said Ali (1964, p. 104) explica, por exemplo, que “A maior parte das conjunções resultaram de adaptações e combinações de palavras de outras categorias”. É o que ocorre com as perífrases de *assim*, segundo Gregorim (2008), Ferreira (2009), Houaiss e Villar (2009), Bechara (2009), Martelotta, Nascimento e Costa (1996), Longhin-Thomazi (2006) e Souza (2009).

Quanto à forma preferencial de apresentação do item, nossa hipótese é de que a forma composta por um só vocábulo seria mais frequente em relação às perífrases, que tenderiam a ter menor frequência de uso. Quanto à modalidade (oral ou escrita), nossa hipótese era de que a forma única do item seria mais frequente na amostra de fala e as perífrases na amostra

escrita. Todavia, nenhum dos trabalhos descritos em nossos levantamentos controlou quantitativamente a frequência e a modalidade de uso de *assim* e suas perífrases. No Gráfico 2, separamos as duas formas de apresentação de *assim* a fim de aferir sua frequência de ocorrência em cada amostra:

Gráfico 2: Frequência de ocorrência de *assim* e perífrases segundo a amostra oral e escrita chapecoense



Fonte: A autora.

No geral, do total de 1147 ocorrências do item na amostra de fala, a forma única de *assim* foi localizada em 1138 (99%) ocorrências, enquanto que as perífrases ocorreram em 9 (1%); do total de 37 ocorrências de *assim* na amostra escrita, 34 (92%) são da forma única, enquanto 3 (8%) são de perífrases. Esses resultados confirmam a nossa primeira hipótese visto que os usos do item expressos por um só vocábulo foram mais recorrentes que o das perífrases na amostra de fala; porém, quanto à frequência de uso das perífrases, nossa hipótese não se confirmou dado que localizamos apenas 3 ocorrências na escrita.

Na sequência, detalhamos a análise de *assim* segundo o critério morfológico.

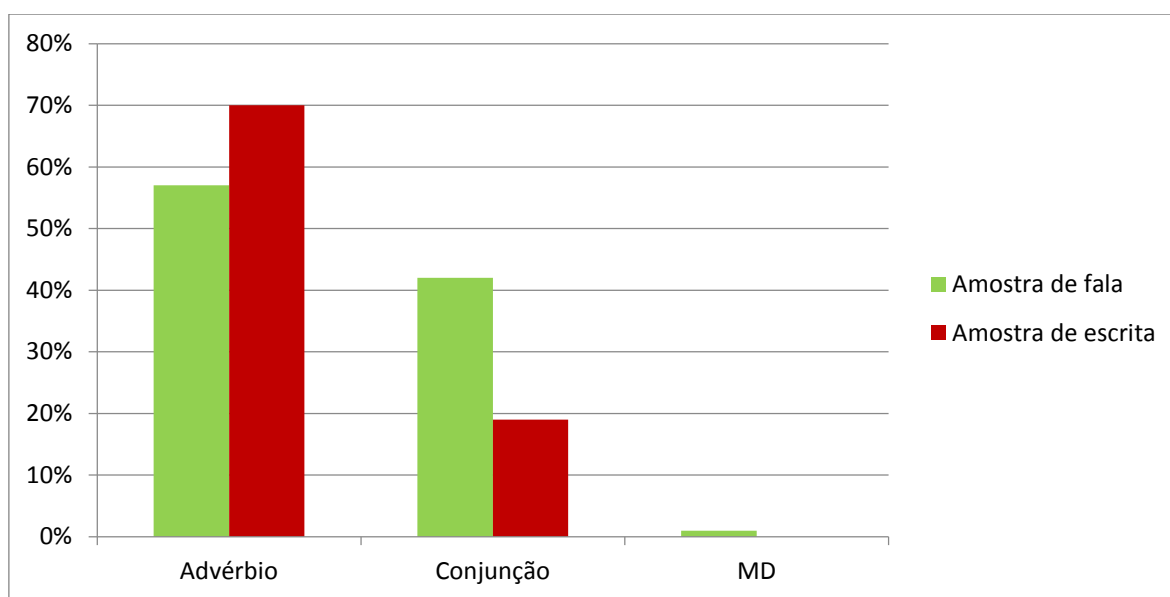
6.2 ASSIM SEGUNDO O CRITÉRIO MORFOLÓGICO

Nesta subseção, nosso interesse recaiu sobre o levantamento da frequência das ocorrências de *assim* (e perífrases) nas duas amostras considerando o critério morfológico. Como podemos verificar no Quadro 10, *assim* pode transitar entre três categorias: adverbial, conjuncional e MD, na amostra oral; e adverbial e conjuncional na amostra escrita.

Na amostra de fala, nossa hipótese era de que os empregos adverbiais de *assim* seriam mais produtivos do que os usos conjuncionais e de MD, dado que estas duas categorias são usos inovadores do item, conforme Longhin-Thomazi (2006) e Lopes-Damáσιο (2008). Nossa hipótese se apoia no gênero oral de onde extraímos os dados desta amostra: a entrevista sociolinguística. Nesse tipo de gênero, “[...] interação dois ou três participantes: entrevistador (identificado como estudante universitário), entrevistado e, em muitos casos, uma terceira pessoa, rotulada como interveniente, que voltam sua atenção visual, auditiva e cognitiva, durante um tempo, para uma tarefa comum.” (ROST, 2002, p. 11). Devido à natureza dêitica gestual do advérbio *assim*, acreditamos que o informante fez algum gesto que indicou a ação desejada ao falar com o entrevistador. “Trata-se de um uso gestual, de caráter extralinguístico, que só pode ser inferido com alguma informação contextual” (MARTELOTTA, 2004, p. 129).

Na amostra escrita, nossa hipótese era de que os empregos adverbiais de *assim* seriam menos produtivos do que os usos conjuncionais, justamente em razão da carência de informação contextual desse gênero. Nossa hipótese se baseia nos estudos de Longhin-Thomazi (2006) e Lopes-Damáσιο (2008), em que constataram recorrência do *assim* adverbial em amostras desde o português arcaico até o português moderno e baixa frequência do uso conjuncional.

Por fim, postulamos, ainda, que os MDs, por serem categorias altamente recorrentes na oralidade e por serem estigmatizados na escrita (FREITAG, 2007), não seriam localizados na amostra escrita, principalmente por se tratar de uma amostra de textos escritos publicados a partir das décadas de 20 a 90 do século XX. Os resultados estão expostos no gráfico 3.

Gráfico3: Frequência de ocorrência de *assim* nas amostras segundo a categoria gramatical⁹⁰

Fonte: A autora

Na amostra de fala, do total de 1147 ocorrências do item, 659 (57%) ocorrências se inseriram sob o rótulo de advérbio, 479 (42%) itens foram classificados como MDs e 9 (1%) dados situaram-se na classe das conjunções. Esse comportamento do item é significativo e ratifica os resultados encontrados por Lopes-Damáσιο (2008) que, apesar de não controlar a frequência de usos das categorias nas quais *assim* se insere no PB contemporâneo, aponta que a classe dos advérbios convive com a das conjunções e dos MDs. A hipótese sobre a maior frequência de uso de *assim* adverbial se confirmou também devido ao fato de os dados da amostra terem sido coletados de uma situação comunicativa face a face, que favorece o emprego de gestos para sinalizar informação do contexto extralinguístico.

Na amostra de escrita, do total de 37 ocorrências do item *assim*, 29 (70%) ocorrências foram classificadas na categoria advérbio e 8 dados (19%) de *assim* pertenciam à classe das conjunções. Esse comportamento do item corrobora os resultados encontrados em Martelotta, Nascimento e Costa (1996), Longhin-Thomazi (2006), Lopes-Damáσιο (2008) e Souza (2009) em que usos conjuncionais já são empregados, embora em menor recorrência, na escrita do português arcaico. Cabe destacar a inexistência do MD *assim* nos gêneros escritos da amostra.

Em síntese, considerando o critério morfológico, o emprego de *assim* (e perífrases), em Chapecó, transita entre as categorias de advérbio, conjunção e MD na amostra oral, e funciona como advérbio e conjunção na amostra escrita. Portanto, nas duas amostras sincrônicas analisadas, os resultados revelaram usos tradicionais e inovadores convivendo. Isso ratifica o

⁹⁰ Alertamos que os percentuais foram considerados conforme a totalidade de ocorrência em cada amostra (oral e escrita), portanto, há uma discrepância entre as duas amostras que deve ser considerada pelo leitor.

princípio da estratificação de Hopper (1991, p. 22), em que se evidencia, na sincronia, a convivência entre usos antigos (advérbio) e inovadores (conjunção e MDs).

Na próxima subseção, veremos o comportamento de *assim* (e perífrases) quanto a outro critério formal: o aspecto sintático.

6.3 ASSIM SEGUNDO O CRITÉRIO SINTÁTICO

Nesta subseção, nosso interesse recaiu sobre a categorização das posições de *assim* (e perífrases) nas duas amostras bem como incidiu sobre o levantamento da frequência das ocorrências do item considerando o critério sintático. Como podemos verificar, resumidamente, no Quadro 10, *assim* (e perífrases) pode ocupar três posições sintáticas quando atua como advérbio e, de modo predominante, pode ocorrer em posição medial quando opera como conjunção⁹¹ ou MD na amostra oral. Já com base no Quadro 11, identificamos que o *assim* (e perífrases) adverbial e conjuncional pode se encontrar, na maior parte dos contextos, na posição medial na amostra escrita.

A classe dos advérbios, sintaticamente, como demonstraram os levantamentos de Ilari *et al.* (2002), Mira Mateus (2003), Castilho (2010), Perini (2010), Neves (2011), Bagno (2012, 2013), entre outros, é extremamente complexa e apresenta grande mobilidade, podendo ocupar posições iniciais, medianas ou finais nas sentenças; em contrapartida, outras classes gramaticais como, por exemplo, as conjunções, revelam posição sintática fixa (mediana), enquanto os MDs também, como os advérbios, apresentam posições mais flexíveis.

Consideramos como unidade de análise a frase, que, segundo Urbano (1999, p.201), é:

[...] aqui considerada uma unidade comunicativa entonacionalmente delimitada e segmentada conforme os propósitos do falante e/ou as condições discursivas da produção coletiva do texto. Frequentemente tem feição oracional. Ainda que muitas vezes sem a estrutura e a completude gramatical canônicas.

Portanto, embasado nesse posicionamento teórico de Urbano (1999), primeiramente, a posição inicial, na oralidade, corresponde àquela em que o falante toma o turno de fala e, na escrita, diz respeito àquela em que o item inicia uma frase; a posição medial, nas duas modalidades, refere-se à localização de *assim* no meio do turno ou no interior de frases,

⁹¹ Admitimos que, na literatura especializada, há longos debates em torno da posição da conjunção coordenativa, por isso não vamos detalhar estes trabalhos, visto a extensão da discussão, resumidamente, Becharra (2004) e Neves (2000) postulam que a conjunção coordenada começa o segundo membro oracional da construção situando-se em posição inicial, enquanto, Cunha & Cintra (2001) acreditam que ela é independente de ambos os membros e se situa em posição medial entre dois segmentos coordenados distintos ligando-os, desse modo, optamos pela segunda posição teórica.

inclusive inserido em sintagmas; por fim, a final condiz com a finalização do turno do falante, na fala, ou com a frase, na escrita.

Na amostra de fala, como podemos verificar no Quadro 10, quanto à posição sintática, o *assim* adverbial converge com a descrição de dicionários, gramáticas e estudos descritivos sobre o português (MARTELOTTA, NASCIMENTO; COSTA, 1996; SILVA; MACEDO, 1996; OLIVEIRA NETO, 1997; LONGHIN-THOMAZI, 2006; LOPES-DAMÁSIO, 2008; SOUZA, 2009; CASTELANO; LADEIRA, 2010; CASTELANO; LUQUETTI, 2011; CASTELANO, 2013; BONFIM, 2014; BECHARA, 2009; LIMA, 2011), ou seja, apresentou grande mobilidade nas ocorrências e ocupou as três posições sintáticas: inicial, medial e final.

Vejam algumas ocorrências do *assim* adverbial nas três posições destacadas extraídas da amostra de fala:

(52) E: E ali, os moradores da tua rua, eles se reúnem pra alguma atividade no final de tarde, alguma coisa assim?

I: Hummm, *assim* não, mas, às vezes, os vizinhos eles se reúnem p[a]ra, na casa de um *assim*, p[a]ra fica[r] conversando essas coisa[s] (CH02FCEFI).

Em (52), consideramos que a primeira ocorrência do item *assim*⁹² ocupa posição inicial no turno, após a hesitação do falante para esclarecer que os vizinhos não têm o hábito de reunir-se para fazer alguma atividade juntos, apenas o fazem para conversar; em contrapartida, atribuímos à segunda ocorrência do item a posição medial, isto é, localiza-se junto a um termo acessório da oração. Com exceção do *assim* advérbio anafórico e catafórico concomitante, que sempre ocupa posição mediana, os demais usos adverbiais podem ocorrer em uma das três posições.

A posição final do advérbio *assim* pode ser visualizada em (53): “E: O que que tem de comida lá? I: Tem sobremesa, daí a gente faz uma janta, daí a gente come, daí é *assim*.” (CH01MCEEFI). Nessa ocorrência, o informante emprega o *assim* para finalizar seu comentário acerca da pergunta do entrevistador.

A posição sintática predominante do *assim* conjuncional, por sua vez, é a posição medial, conforme o Quadro 10. Vejam algumas ocorrências:

(54) E: Como que você foi essa situação ali de conversa[r] o Portunhol?

I: Bom eu estava num ponto de lotação, esperando o ônibus p[a]ra vim p[a]ra Caxambu, ali na frente do Big, do Big e o Brasão e o cara chego[u] e começo[u] a puxa[r] assunto comigo, aí ele falava aquele portunhol deles lá que ele, dialeto deles que não é nem o espanhol e nem uma e nem um haitiano, né?, é um portunhol como digo e: hum, foi *assim* uma experiência muito boa porque eu consegui entende[r]

⁹² Este uso de *assim* está precedido de MD não linguístico (Hummm), denominado por Urbano (1997).

bastante o que ele falava, ele também conseguiu entende[r] um pouco do meu português, até, às vezes, algumas palavras que eu me lembrava do espanhol eu arranhava um po[u]quinho ali, mas foi muito muito legal *assim* foi uma experiência muito boa p[a]ra mim. (CH16FJES)

Em (54), o *assim* conjuncional está localizado em posição medial, ou seja, entre duas orações coordenadas (“mas foi muito legal” e “foi uma experiência muito boa p[a]ra mim”), que descrevem a experiência da informante sobre seu contato com um morador de Chapecó.

Vejam algumas ocorrências das perífrases *assim que*, *assim como* e *mesmo assim* em posição medial:

(55) I: É ... essa casa que a gente morou lá no Presidente Médice foi com certeza a que mais marcou, *assim que*... foi ... que logo que o meu vô faleceu que houve preocupação com com o inventário ... coisa e tal e é uma família grande né, o vô tinha bastante dinheiro na época, então para dividi[r] tudo foi bem complicado...(CH07FCEFI)

(56) E: E isso você avalia que se deve mais ao estado ou... ou... o estado enquanto governo ou a família ou a própria atitude do idoso?

I: Eu acho que... que vem, é uma... é um somatório. Mas eu ainda acredito que foi hã, a influência do estado que fez com que reorganizasse *assim como* hã, a atividade física, né? a gente vai tendo vários programas de atividade física, a gente vai, ou o SUS, né? que tem vários programas, várias inserções p[a]r[a] os idosos também, então a modificação ela não vem de dentro da casa do sujeito ela veio de fora, foi o estado que proporcionou e aí foi mexendo nas estruturas, antigamente as pessoas diziam não vá prá lá é só pra, pra que que vai lá, né é um desperdício, ah não agora as pessoas dizem não, você tem que i lá porque você vai se envolvê vai fazê a faculdade do idoso vai aprendê a mexê no computador, vai aprendê a nadá, vai fazê hidroginástica, sei lá tem que fazê alguma atividade pra podê é, estar ocupado né? Qué dizê se envolvê porque acho que muitos idosos também é tinham muita crises depressivas e coisas *assim* [por conta]... (CH14FJEES)

(57) E: Hã, na tua opinião, em relação ao comportamento dos jovens em relação aos pais, ao[s] namoricos, ao estudo, ao trabalho, o que você falo[u] que você opina?

I: Bom, tem jovens e jovens né?, e tem pais e pais também, tem jovens que só querem sabe[r] de tira[r] os pais do sério, aí fazem de tudo, sabem que [es]tá errado, mas *mesmo assim* vai lá e faz p[a]ra tira[r] o pai do sério, tira[r] os pais do sério... E tem jovens que... Os que já são mais centrados, que sabem o que querem da vida e tal né?, então é isso, tem jovens e jovens né?, não dá p[a]ra opina[r] muito porque cada um é cada um né?, cada ca... cada um, diz aquele ditado “Cada cabeça uma sentença!” (CH16FBEES)

As perífrases conjuncionais de *assim*, apresentadas acima, se situam na posição mediana. Em (55), *assim que* está no meio do turno do falante, o qual discorre sobre o falecimento do avô. Em (56), também se situa no meio do turno em que o informante diz acreditar que foi o Estado que influenciou a melhora na qualidade de vida dos idosos do mesmo modo que influenciou a prática de atividades físicas. Por fim, em (57), *mesmo assim*, inserido em posição mediana no turno em que o falante trata da intenção de muitos adolescentes. Contudo, em (58), consideramos que *assim mesmo* ocorre em posição final:

(58) I: No momento quando eu ganhei meu celular. Eu fiquei muito feliz mesmo. Ah mas, tem os momentos com a família também que são importantes, alguns chatos quando brigam, mas família é *assim mesmo*. Quanto eu [es]to[u] com os amigos também é legal. (CH07FCEFI)

Em (58), a perífrase adverbial se situa na posição final pós-verbo. Trata-se, neste caso, de uma ocorrência em que a perífrase é um predicativo do verbo “ser” e que resume a explicação sobre as brigas e momentos chatos que existem nas famílias. Essa ocorrência difere de (55), (56) e (57), que pertencem à classe das conjunções, e que, por isso, se situam na posição mediana.

Por fim, o *assim* MD, conforme o Quadro 10, tende a ocupar a posição sintática medial⁹³, embora alguns empregos também tenham ocorrido na posição inicial. Em (59), a posição sintática do MD é mediana: (59) “E: Uhum... E daí que tipo de festa era? I: Ah era tipo de música *assim* evangélica quadrangular.” (CH15MJEFII). Portanto, nessa ocorrência o MD *assim* focaliza o tipo de música, que é evangélica. Vejamos outras ocorrências em que o MD *assim* ocorre em posição medial:

(60) E: Hã que você acha das pessoas que vem visita[r] Chapecó? De outros outros lugares?

I: Tem pessoas *assim* que vem porque gostam da cidade, porque têm parentes, hã tem pessoas que vem p[a]ra estuda[r], que acabam vindo mora[r] p[a]ra cá, mas no contexto geral acho que são pessoas *assim* a grande maioria que vem visita[r] Chapecó é porque vem visita[r] algum parente (CH14FFJEES)

(61) I: é, não sei é por que a minha vida acontece muito aqui nessa região *assim* da cidade mas, é eu vejo *assim* que nem agora né?, eu tenho uma possibilidade de i[r] mora[r] lá no santa, lá perto p[a]ra lá do Regional, né?, tem um apartamento ali. (CH18MBEES)

(62) E: E você sabe como que faz arroz?

I: Sei.

E: Como que é?

I: Você pega, hã bota arroz né? Depois pega sal, água, depois você bota azeite, daí você tem que fica[r], cuida[r], daí se começa, daí se tem que mexe[r], daí se começa *assim* queima[r] você tem que pega[r] uma xícara d’água e bota[r] dentro pra ele não queima [r] (CH08MCEFI)

⁹³ Lopes-Damásio (2008) apresenta uma análise minuciosa da posição em que o MD *assim* ocorre: (1) Nome ou Pronome + *assim* + Oração relativa/sintagma preposicionado, adverbial ou adjetival; (2) Oração + *assim* + Oração; (3) Sintagma adverbial + *assim* + [Oração]; (4) Nome + *assim* + [Oração]; (5) Oração + *assim*; (6) Marcador discursivo ou Ø + *assim* + [Oração]; (7) Verbo + *assim* + Predicativo/complemento verbal; (8) Nome + Pronome Relativo + *assim* + [Oração relativa]; (9) Verbo + Conjunção integrante + *assim* + [Oração completiva]; (10) Verbo + *assim* + sintagma adverbial / sintagma adverbial + *assim*. Contudo, não vamos nos ater a esse detalhamento em nosso trabalho. Julgamos, para os propósitos desta dissertação, considerar apenas, de modo geral, as três posições prototípicas dos MDs, conforme, por exemplo, Longhin-Thomazi (2006) e Souza (2009).

Em (60) e (61), o MD *assim* aparece em posição mediana: em (60), o MD se situa entre um nome (*pessoas*) e uma oração relativa (*que vem porque gostam da cidade*) e, em (61), o MD está posicionado entre um nome (região) e um sintagma⁹⁴ preposicionado (*da cidade*). Nessas duas ocorrências, o MD *assim* se coloca ou no interior de um sintagma, ou entre orações. Todavia, em (62), confere-se outra posição do MD *assim* entre o verbo “começar” e seu complemento “queimar”.

Em (63), o *assim* MD, ocupa posição inicial na frase, vejamos: (63) “E: E o seus avós, moram pra lá também? Em São Miguel? I: Sim. E: E...o que eles fazem? I: *Assim*, fica[m] em casa o dia todo. Às vezes eles saem p[a]ra algum amigo.” (CH08MCEFII). O MD *assim* anuncia a resposta ao questionamento do entrevistador.

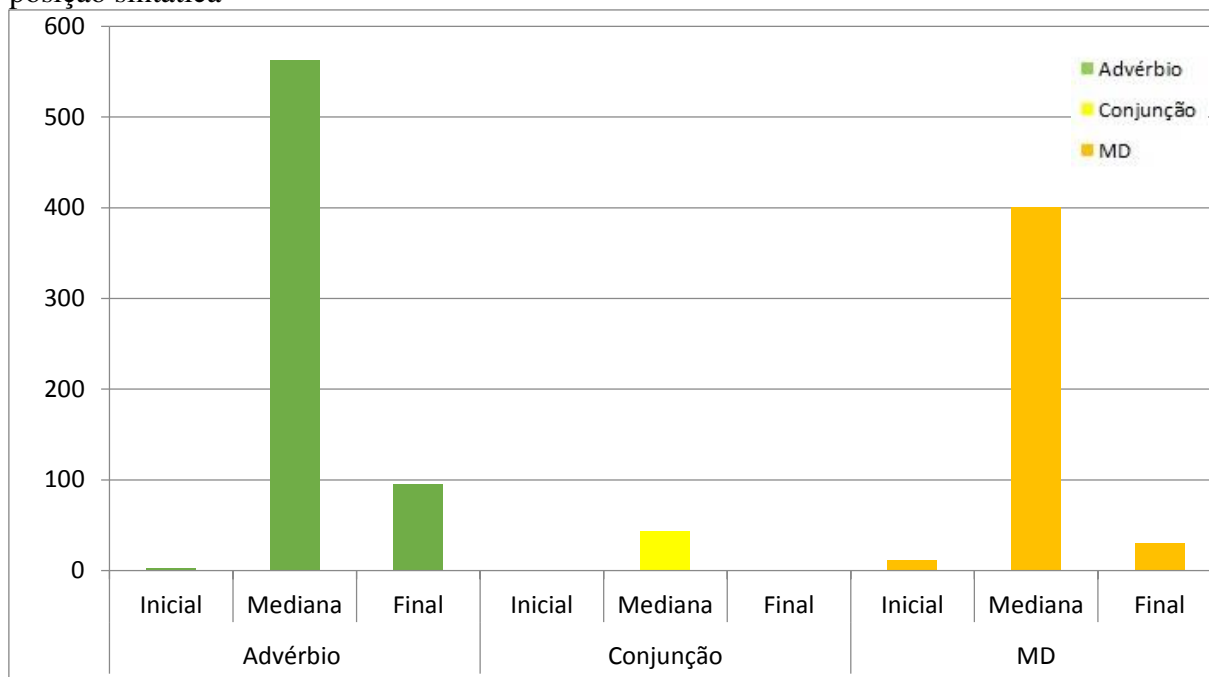
Em (64), todavia, o MD assume posição final, depois de uma frase: (64): “I: Bão, por um lado é bom por um lado é ruim, mas, maio... maioria das mulheres hoje, hã ... elas querem estuda[r], se formá[r] em alguma coisa né, já não pensam mais em ah... sê[r] dona de casa coisa *assim*” (CH13MJEFII). Neste caso, *assim* está após o nome “coisa” resumindo que as mulheres modernas se desinteressam por profissões que envolvem trabalho doméstico.

Conhecidas as posições em que as três categorias do *assim* se realizam na amostra de fala, nossa hipótese era de que o advérbio *assim* ocorresse em posição sintática flexível, variando entre a inicial, mediana e final, conforme Martelotta, Nascimento e Costa (1996), Silva e Macedo (1996), Oliveira Neto (1997), Longhin-Thomazi (2006), Lopes-Damásio (2008), Souza (2009), Castelano e Ladeira (2010), Castelano e Luquetti (2011), Castelano (2013) e Bonfim (2014). Para o *assim* conjuncional, postulamos que a posição sintática mediana prevaleceria sobre as demais, baseados em Martelotta, Nascimento e Costa (1996), Longhin-Thomazi (2006), Lopes-Damásio (2008) e Souza (2009); por fim, no que tange à hipótese para o *assim* MD, consideramos que a posição mediana se sobressairia sobre as demais, segundo os estudos de Lopes-Damásio (2008), Longhin-Thomazi (2006) e as gramáticas descritivas Ilari *et al.* (2002), Castilho (2010) e Bagno (2012).

Os resultados das posições sintáticas ocupadas por *assim* (e perífrases) na amostra de fala estão expostos no Gráfico 4.

⁹⁴ Sintagmas são constituintes que associam forma e significado.

Gráfico 4: Frequência de ocorrência de *assim* (e perífrases) na amostra de fala conforme a posição sintática



Fonte: A autora

De modo geral, de acordo com os resultados do Gráfico 4, a posição mediana preponderou dentre as três categorias de *assim* (e perífrases) na amostra oral. Levando-se em conta o total de 1147 ocorrências do item *assim* (e perífrases), 1007 (88%) usos se situaram na posição mediana, 125 (11%) dados estavam localizados na posição final e 15 (1%) itens ocorreram em posição inicial.

De modo específico, do total de 659 ocorrências do item *assim* adverbial, 563 (85%) dados se localizaram na posição mediana, 95 ocorrências (14%) estavam situadas em posição final e 3 ocorrências (0,4%) se situam na posição inicial. Embora os usos adverbiais do item se situem nas três posições, nossa hipótese referente à posição sintática do *assim* adverbial se confirmou parcialmente tendo em vista uma predominância para fixação sintática dessa categoria na posição mediana. Souza (2009) também constatou que a maioria dos advérbios anafórico ou catafórico se centraram em posição mediana (pós-verbal) e, no caso dos anafóricos e catafóricos simultâneo, se posicionaram entre orações. Do total de 9 ocorrências de usos conjuncionais de *assim*, 9 ocorrências (100%) se situaram em posição mediana. Confirmamos, portanto, nossa hipótese de que os usos conjuncionais seriam favorecidos pela posição mediana em relação às demais posições. Esse resultado também ratifica os encontrados em estudos descritivos de Longhin-Thomazi (2006), Lopes-Damáio (2008) e

Souza (2009), que apontam a posição sintática medial como prototípica dessa categoria. Por fim, do total de 479 ocorrências do MD *assim*, 437 ocorrências (91%) ocorreram na mediana, 30 dados (6%) estavam localizados na posição final e 12 ocorrências (3%) se situaram na posição inicial. Esse resultado também confirmou nossa hipótese de que o MD *assim* seria empregado mais em sua posição mediana, conforme os estudos de Lopes-Damásio (2008), Longhin-Thomazi (2006) e as gramáticas descritivas Ilari *et al.* (2002), Castilho (2010) e Bagno (2012).

Na sequência, detalhamos a posição sintática de *assim* (e perífrases) segundo as ocorrências da amostra escrita.

Na amostra escrita, como podemos verificar no Quadro 11, quanto à posição sintática, o *assim* adverbial converge com dicionários, gramáticas e estudos sobre o português, ou seja, apresenta grande mobilidade na sentença e ocupa as três posições sintáticas: inicial, medial e final; o *assim* conjuncional, por sua vez, predomina na posição medial, mas alguns empregos perifrásticos também ocorreram em posição inicial. Vejamos algumas ocorrências das duas categorias (advérbio e conjunção) de *assim* na amostra escrita:

Em (65), o *assim* adverbial encontra-se em posição inicial: (65) “*Assim* vou finalizar desejando-lhe muitas felicidades. || Um abraço do teu amigo D. L. L.⁹⁵” (Carta pessoal, 01, 2^a met. séc. XX). O autor da carta anuncia sua despedida com o advérbio *assim*. Já, em (66), o *assim* adverbial é empregado em posição mediana:

(66) A Pedido || A verdade é a luz | dos homens || afirm de que o povo de | Chapecó, que me conhe- | ce atraves dos anos que | aqui resido, não venha, | agora, fazer um juízo fal- | so a respeito de minha | pessoa face a uma Por- | taria da Prefeitura Muni- | cipal, 24-10-55 publicada | no O IMPARCIAL, de | domingo último, orde- | nando-me que devolvesse | uns tamboretos de lixo | do HOTEL SANDER, pas- | so a expor: || a) realmente os referi- | dos tamboretos foram re- | colhidos, juntamente com | o lixo, e jogados no de- | pósito, e *assim* o fizemos | de acordo com as instru- | ções recebidas, quando a | Prefeitura, por seu De- | partamento de Obras Pú- | blicas, iniciou esse servi- | ço; (O Imparcial, carta de leitor 12, 1^a met. séc. XX)

Em (66), o advérbio *assim*, que se situa na posição medial, retoma as instruções que os funcionários da prefeitura de Chapecó receberam para proceder com os tamboretos e com o lixo descartado.

Para finalizar a posição sintática dos usos adverbiais de *assim*, na amostra escrita, demonstramos a posição final com a ocorrência a seguir: (67) “Você acredita que profissionais capacitados, e equipamentos modernos e tecnologia avançada | são essenciais no

⁹⁵ Nas cartas pessoais apenas as iniciais dos autores ou dos nomes citados neles são usadas.

serviço de análises clínicas? | **NÓS TAMBÉM PENSAMOS ASSIM... Laboratório Bergmann**” (Diário da Manhã, anúncio, 2ª met. séc. XX). Nessa ocorrência, o *assim* adverbial situa-se no fim da sentença referindo-se à crença do laboratório de que a capacitação profissional, a modernidade dos equipamentos e a tecnologia são essenciais nesse tipo de estabelecimento.

Quanto à posição sintática do *assim* conjuncional (e perífrases), na amostra escrita, como podemos verificar no Quadro 11, a mais recorrente, também descrita em outros estudos de Longhin-Thomazi (2006) e Lopes-Damáσιο (2008), é a mediana, à exceção de Martelotta, Nascimento e Costa (1996) e Longhin-Thomazi (2006), que localizaram algumas ocorrências de *assim* conjuncional (e perífrases) em posição inicial. Vejamos ocorrências em que essa categoria do item se situou nas duas posições mencionadas na amostra escrita:

(68) 2º.- Quanto ao chamado “PLANO DE **ÔBRAS** E | EQUIPAMENTOS”, apresentado por S.Excia. | o Snr. Governador do Estado á apreciação da Assembleia Legislativa, devo declarar que | o mesmo, até o dia em que sai de Florianópolis | (2 do corrente mês) não tinha sido apreciado | pelo plenário daquela casa legislativa. *Assim*, | como é claro, não poderia ter eu votado contra | referido plano.... (O Imparcial, carta de leitor 02, 2ª met. séc. XX)

(69) Os homens de emprêsa do Oeste Catarinense, desejam, | também, manifestar a alegria e a honra que nos causam os ilus- | tres visitantes, ao virem sentir de perto as vibrações da gente do | Oeste e *assim* poderem aquilatar o quanto faz, o quanto quer e o | que dá, a gente do Oeste, em favor de Santa Catarina e do Brasil. (Folha d'Oeste, carta de leitor, 09, 2ª met. séc. XX)

Em (68), o *assim* conjuncional ocupa posição sintática mediana, dentro de um mesmo turno de fala sobre o assunto da votação plenária em que o deputado informa a data que saiu de Florianópolis. Em (69), por sua vez, o *assim*, antecedido da conjunção “e”, ocorre em posição inicial. Nessa ocorrência, o autor da carta informa a satisfação dos homens do oeste em receber um ilustre visitante. Cabe destacar que Longhin-Thomazi (2006, p. 1174) considera que o *assim* acompanhado de outras conjunções, neste caso “e”, ou com mobilidade posicional em posição inicial quando tipicamente ocorre em posição mediana, tangencia entre as categorias advérbio e conjunção, como em (69), tal evidência demonstra que este *assim* associa um argumento a uma conclusão, porém não possui todas as características que o incluem na classe de conjunção, em virtude de apresentar uma mobilidade posicional ou co-ocorrer com outras conjunções, desse modo, a ambiguidade categorial é um vestígio do processo de GR do item *assim*, visto que, neste percurso Said Ali (1964) afirma que a maior parte das conjunções originou-se de outras categorias gramaticais, neste caso, do advérbio

assim, que desde o latim, era empregado como termo assessório na sentença originou-se a conjunção *assim*.

Vejamos, a seguir, duas ocorrências da perífrase conjuncional *assim como* e da perífrase adverbial *assim por diante* na amostra de escrita:

(70) | O Redator diz, co-| mo quem tem receio de alguma | coisa, que o meu <<quartel gene-| ral >> é entre os rios Chapecó e das | Antas, sendo eu visto frequente-| mente em S. Carlos, Palmitos e | Mondai e ainda frequentando fes-| tas. Quero sómente acrescentar que is- | to: Meu domicilio é no Distrito | de S. Carlos onde tambem resi-| do. Viajo muito, pois o meu ga-| nha-pão é comprar e vender ob-| jetos de uso pessoal. Sou estima-| do pela grande maioria dos que | me conhecem. E *assim como* V.S. | sr. Diretor comparece em festas e | baile, tambem eu compareço. (A voz de Chapecó, carta 09, 1ª met. séc. XX)

(71) || Os combustiveis tem que ser pagos, e os operado- | res do Trator do mesmo modo, bem como *assim por di- | ante* o Zelador do Campo e outras despesas necessarias. || Chapecó, 10/08/949. || PAULO MARQUES || Presidente. (A voz do Chapecó, carta de leitor 10, 1ª met. séc. XX)

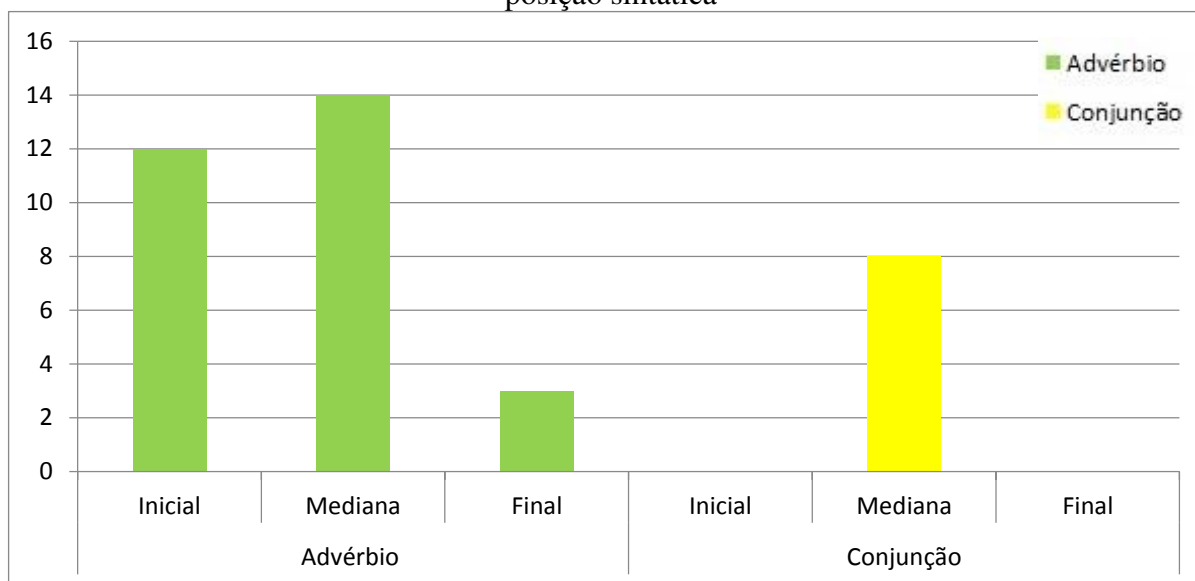
Em (70), o *assim* perifrástico está situado em posição inicial enquanto em (71) a posição é medial. Em (70), identificamos novamente o rastro do processo de mudança linguística devido a flexibilidade posicional do item e co-ocorrência junto com a conjunção “e”, o autor da carta introduz o *assim como* depois da porção textual em que explica que possui residência fixa em São Carlos, trabalha com compras e vendas, por isso viaja muito e tem prestígio social, em consequência disso insere *assim como* para justificar que igualmente ao diretor do jornal também comparece a festas; já em (71), a perífrase *assim por diante* posiciona-se no meio de uma lista de elementos que devem ser pagos adicionando mais dois “o Zelador do Campo e outras despesas necessárias”. Destaca-se que este último uso adverbial da perífrase não foi descrito em nenhum dos estudos do PB de que temos conhecimento, porém este uso apresenta um indício da mudança linguística de *assim*, no PB, que comprova que do advérbio com sentido catafórico surgiu o MD *assim*, pois Ilari *et al.* (2002), Castilho (2010) e Bagno (2012), descreveram que o MD *assim* tem o sentido de “assim por diante” com valor de acréscimo e nota-se em (70) o mesmo valor de anúncio catafórico dos itens elencados pelo autor da carta, que possui a perífrase adverbial.

Conhecidas as posições em que as duas categorias do *assim* se realizam na amostra escrita, nossa hipótese era de que o advérbio *assim* apresentasse mobilidade sintática, de acordo com Martelotta, Nascimento e Costa (1996), Longhin-Thomazi (2006), Lopes-Damásio (2008) e Souza (2009), como ocorreu na amostra oral. Referente ao uso conjuncional do *assim*, nossa hipótese centrou-se no fato de que a classe, tal como na amostra

oral, assumiria uma posição sintática mediana, como observado nas pesquisas de Martelotta, Nascimento e Costa (1996), Longhin-Thomazi (2006), Lopes-Damásio (2008).

Os resultados das posições sintáticas ocupadas pelo *assim* (e perífrases) na amostra escrita estão expostos no Gráfico 5.

Gráfico 5: Frequência de ocorrência de *assim* (e perífrases) na amostra escrita conforme a posição sintática



Fonte: A autora

De modo geral, os resultados do Gráfico 5 evidenciam que *assim* (e perífrases) ocorreu na posição mediana nas duas categorias da amostra escrita. Levando-se em conta o total de 37 ocorrências do item *assim* (e perífrases), 22 (60%) usos se situaram na posição mediana, 12 (32%) dados se localizaram na posição inicial e 3 (8%) empregos do item ocorreram em posição final.

De modo específico, na classe advérbio, do total de 29 ocorrências de *assim*, 12 dados (41%) estão localizados em posição inicial, 14 itens (48%) situam-se em posição mediana e 3 empregos (11%) ocorreram em posição final. Quanto à categoria conjuncional, 8 ocorrências do item (100%) se situam em posição mediana. Esses resultados ratificam a afirmação de que, na escrita, o *assim* advérbio possui uma posição sintática mais flexível característica da classe (cf. MARTELOTTA; NASCIMENTO; COSTA, 1996; LONGHIN-THOMAZI, 2006; LOPES-DAMÁSIO, 2008), dado um relativo equilíbrio na distribuição das três posições na amostra escrita. Quanto à classe das conjunções, o *assim* (e perífrases), embora tenha menor número de ocorrências nessa amostra, situou-se, exclusivamente, na posição medial, o que confirma nossa hipótese baseada em Martelotta, Nascimento e Costa (1996), Longhin-

Thomazi (2006), Lopes-Damásio (2008) e Souza (2009). Esse resultado para os usos do *assim* conjuncional converge com a afirmação de Heine e Reh (1984, p. 68) acerca das características assumidas pelas formas que se encontram em processo de mudança linguística de que quanto mais gramaticalizada uma unidade linguística dada mais sua variabilidade sintática decresce, isto é, mais sua posição na oração torna-se fixa.

Na próxima subseção, passamos à apresentação dos usos de *assim* (e perífrases) segundo o critério semântico pragmático.

6.4 ASSIM SEGUNDO O CRITÉRIO SEMÂNTICO-PRAGMÁTICO

Nesta subseção, nosso interesse recaiu sobre a categorização da dinamicidade de usos associada ao item *assim* (e perífrases) na fala e na escrita de Chapecó à luz da perspectiva funcionalista. Para isso, considerando o critério semântico-pragmático, além da descrição dos diferentes valores de *assim* (e perífrases), procedemos à aferição da frequência e do percentual de ocorrências em cada contexto e em cada amostra investigada.

Na amostra de fala, conforme o Quadro 10, os usos de *assim* adverbial apresentam cinco diferentes valores a depender do contexto: dêitico (temporal, espacial e modal (anafórico, catafórico e anafórico/catafórico)). Martelotta, Nascimento e Costa (1996), Longhin-Thomazi (2006), Lopes-Damásio (2008) e Souza (2009) constataram que os significados de *assim* adverbial atrelados ao mundo físico (dêitico temporal e espacial), portanto mais concretos, são menos frequentes do que os significados atrelados à coesão textual (dêiticos anafórico, catafórico e anafórico/catafórico), por conseguinte, mais abstratos.

Seguindo o Quadro 10, apresentamos algumas ocorrências extraídas da amostra de fala em que o advérbio *assim* apresenta valor espacial. Esse uso foi descrito nos trabalhos de Martelotta, Nascimento e Costa (1996), Longhin-Thomazi (2006), Lopes-Damásio (2008) e Souza (2009).

(72) I: Tu não conheceu o pé de boche que morava aqui?

E:Não.

I:Um cara que tinha os pé[s] redondo *assim*.

E:É pé de bocha?

I: É não, mas, é que *assim*, é a história eu acho que é mais antiga do que ele, entendeu? E ele *assim* ele tem os pé[s], que ele não tinha tipo os dedos dos pés, né? Aí o pé dele se assemelhava *assim* mais redondo *assim*, e daí quando eu conheci a história eles falavam que era dele, mais hoje já por pesquisas por essa publicação de livro eu já sei que a história vinha de antes, né?. E... (CH18MBES)

Em (72), as duas ocorrências do advérbio *assim* remetem ao mundo físico (dêitico espacial) e indicam, portanto, o formato do pé de um homem (pé de boche), que era arredondado como uma bocha⁹⁶. Nessa ocorrência, o item pode ser parafraseado por redondo “dessa forma/desse formato”. Neste caso, supomos que o informante possa ter utilizado algum gesto que sinalize o formato arredondado do pé do sujeito para reforçar sua explicação. Avançamos com outra ocorrência do advérbio *assim*, que apresenta valor dêitico espacial:

(73) E: Aham, daí você estava falando das festas de natal.

I: E no meu pai a família é maior *assim*. Eles moram em três casas que têm o mesmo terreno, daí a festa geralmente é maior. Têm meus tios, meus avós, meus primos. (CH03FCEFII)

Na ocorrência (73), o advérbio *assim* também remete ao mundo físico (dêitico espacial) e corresponde a “desse tamanho”. O informante informa que a quantidade de membros da família de seu pai é maior.

Na próxima ocorrência, o advérbio *assim* equivale a “desse tamanho” ou “dessa altura”:

(74) E: E de brincadeiras que você gostava?

I: Eu lembro de uma boneca, quando eu era pequena, ela era do meu tamanho *assim*, ela era bem grande. E eu gostava muito dela, aí quando eu me mudei p[a]ra cá, eu tive que da[r] ela. (CH02FCEFII)

Em (74), a informante relata que sua boneca tinha a mesma altura que ela quando criança. Em (75), apesar de o advérbio *assim* também se referir a uma noção espacial, nessa ocorrência, alude à altitude do lugar (mais alto) em que o pai do informante reside:

(75) E: E como que é?

I: Ah...a gente...ah...a gente fica...o mês *assim* que a gente ficou, ah...com a minha mãe, né?, p[a]ra passada do ano, do ano retrasado, a gente foi p[a]ra águas, daí a gente passou lá e daí nesse ano aqui, né?, que veio p[a]ra 2014, a gente passo[u] no meu pai que daí ele mora num lugar bem mais alto *assim* da cidade, num lugar que dá p[a]ra ver toda cidade. Daí dá p[a]ra ver bem as coisas. (CH08MCEFII)

Na sequência do Quadro 10, apresentamos ocorrências extraídas da amostra de fala, em que o advérbio *assim* apresenta valor temporal. Esse uso também foi descrito por Martelotta, Nascimento e Costa (1996), Longhin-Thomazi (2006), Lopes-Damáio (2008) e Souza (2009).

(76) E: *Teria demorado um tempo?

⁹⁶ Tipo de bola típica de um jogo de origem gaúcha.

I: De... Logo de cara *assim*, eu teria realmente ficado um dois anos talvez sem estudar... analisando, estudando outras coisas, fazendo algumas coisas que na época eu estava fazendo e não tinha o devido tempo e depois eu não tive tempo mesmo... (CH19MBEM)

Em (76), o *assim* remete à expressão “logo de cara”, que indica imediatismo, ou seja, que o informante ficaria sem estudar durante um período de tempo.

Diferentemente dos valores dêiticos (espacial e temporal) descritos acima, o advérbio *assim* apresenta três outros usos (anafórico, catafórico e anafórico/catafórico), que remetem a partes textuais e contribuem com a coesão do discurso. Segundo Martelotta, Costa e Silva (1996), Longhin-Thomazi (2006), Lopes-Damásio (2008), Souza (2009) e Castelano (2013), há enfraquecimento do significado dêitico de base atrelado ao mundo físico e fortalecimento da função textual, que diz respeito à coesão discursiva.

Nas ocorrências a seguir, conforme o Quadro 10, o advérbio *assim* tem função anafórica e pode retomar porções textuais maiores ou menores:

(77) E: E na tua casa quem que costuma faze[r] a comida, cozinha[r]?

I: A minha mãe, e também ela fa[i]z o serviço tudo é ela que fa[i]z, meu pai ele só ajuda a lava[r] a lava[r] a lo[u]ça às vezes e eu seca[r]. E daí às vezes ela me pede para varre[r] o meu quarto, a sala, mas poucas vezes. Ma[i]s eu ajudo ela ela a seca[r] lo[u]ça e lava[r] também e arruma[r] a cama *assim*. (CH03FCEFII)

(78) E: E esse natal que passou agora tu lembra[s] de alguma coisa que aconteceu, como é que foi?

I: Hãã a gente não é muito de como é que eu posso dize[r]? De comemora[r], de faze[r] aquelas jantas *assim*, então foi como um dia normal. (CH02FCEFII)

Em (77), *assim* remete a toda porção anterior em que o informante relatou os serviços domésticos que a sua mãe desempenha e quais atividades os outros integrantes da casa auxiliam. Em (78), *assim* faz remissão à parte textual anterior “de faze[r] aquelas jantas”. Nessas ocorrências, a remissão é feita *para trás*, constituindo uma anáfora.

Também identificamos ocorrências da perífrase adverbial *assim mesmo*, que tem função anafórica, na amostra de fala:

(79) I: No momento quando eu ganhei meu celular. Eu fiquei muito feliz mesmo. Ah mas, tem os momentos com a família também que são importantes, alguns chatos quando brigam, mas família é *assim mesmo*. Quanto eu [es]to[u] com os amigos também é legal. (CH07FCEFII)

Em (79), a perífrase *assim mesmo* tem valor anafórico e pode ser parafraseada por “desse jeito” ou “dessa maneira”. Nesse contexto, a perífrase adverbial remete à porção

textual anterior na qual o informante explica que, em família, há momentos bons e outros nem tanto.

Já nas próximas duas ocorrências, a remissão é feita para frente, isto é, o advérbio *assim* tem função catafórica, ou seja, projeta partes textuais posteriores a si:

(80) E: Uhum. E você costuma ve[r] eles cozinhando?

I: Aham... não, só quando eu chego em casa *assim* o finalzinho, eu vejo o meu pai cozinha[r]. (CH02FCEFI)

(81) E: E onde que você passa as festas de Natal?

I: Eu passo um mês, *assim*, de cada ano ali, aqui c[om] a minha mãe e outro lá na minha vó ou no meu pai, né?, porque caso *assim* ele se mude lá do Mato Grosso e vem aqui só p[a]ra passa[r] uns dias, daí ele volta, depois sim, daí eu passo um mês lá, daí no próximo daí eu passo aqui. (CH02MCEFI)

Em (80), *assim* projeta para o trecho “o finalzinho”, quer dizer, ao chegar à sua casa, o informante vê o pai finalizar o preparo do almoço. Em (81), *assim* projeta para uma porção textual maior, em que o informante explica que, na hipótese de o seu o pai mudar a residência para outro lugar, poderá passar um mês em cada casa (da mãe e do pai).

Vejamos, a seguir, uma ocorrência em que o advérbio *assim*, que tem função fórica, remete a duas porções textuais simultaneamente anteriores e posteriores ao si na amostra oral de Chapecó.

(82) F: Bom uma infância em que: eu vivia... Em que eu vivia brigando com a minha prima, que até agora ela é falecida, mas eu vivia brigando com ela, nós não podia se separá[r] uma da o[u]tra se separava nós chorava[mos], mas nós [es]tava junto [es]tava sempre brigando, igual cão e gato... Eu adorava estuda[r] sempre gostei muito de estuda[r]... Gostava muito de faze[r] bolo no final de semana... E é *assim* minha infância resumido a isso brinca[r] estuda[r], e ajuda[r] a vó na nos afazeres de casa, lava[r] a loja varre[r] a casa, essas coisinha[s] *assim*, tirá[r] o pó. (CH16FJEES)

Em (82), o *assim* retoma, primeiramente, a parte textual em que a informante relata as atividades desenvolvidas em sua infância (brincava, estudava e realizava os serviços domésticos para ajudar a avó) e projeta para a parte textual posterior na qual é feito um acréscimo às tarefas elencadas anteriormente (tirar o pó).

Antes de passarmos à descrição dos usos conjuncionais de *assim*, apresentamos uma ocorrência em que consideramos que o item pode gerar sentido ambíguo, já que pode ser empregado tanto como advérbio dêitico espacial como advérbio dêitico anafórico. Observe:

(83) E: E como são os motoristas e os pedestres?

I: Olha, eu avalio como sendo bons *assim*, claro que tem as exceções, né?

E: Pode citar alguma?... Algum acontecimento?

I: Algum acontecimento geralmente os pedestres não atravessando na fa[i]xa de pedestre... Há, porém eu não posso fala[r] muito porque eu também quando não [es]to[u] de carro nunca atravesso na fa[i]xa, é muito difícil ... Mas há... No mais assim eu acho que eles são, claro que, às vezes, as moto[s] meia[o] apressada[s] acabam passando no meio, entre carros *assim*, mas são mais isso, são mais casos raros né?, que eu vejo assim em Chapecó. (CH14FFJEES)

Em (83), consideramos que *assim* apresenta dois sentidos nesse contexto: (i) faz alusão à posição (entre os carros) dos motociclistas ao se locomoverem no trânsito – neste caso, o falante pode ter utilizado gestos corporais para ajudar em sua explicação, o que corresponde a um emprego adverbial espacial; e (ii) retoma a porção textual anterior “passando no meio, entre carros” e pode ser parafraseado por “desse modo” ou “dessa maneira”, o que corresponde a um uso adverbial dêitico anafórico. Os contextos de ambiguidade e/ou de sobreposição de funções, de acordo com Hopper e Traugott (1993), são previstos e esperados nos processos de mudança linguística.

Passemos agora à descrição dos quatro empregos conjuncionais de *assim* que detectamos na amostra de fala, conforme o Quadro 10, os quais também foram descritos por Martelotta, Costa e Silva (1996), Longhin-Thomazi (2006), Lopes-Damásio (2008) e Souza (2009). Acreditamos que o uso mais recorrente de *assim* conjuncional será o conclusivo. Embasamos nossa hipótese nos estudos de Martelotta, Costa e Silva (1996) e Longhin-Thomazi (2006), visto que os autores perceberam que os usos de perífrases conjuncionais com valor temporal, consecutivo e comparativo eram mais recorrentes no português arcaico do que em relação ao português contemporâneo em que a frequência de uso foi muito baixa. Vejamos:

(84) E: Como que você, foi essa situação ali de conversa[r] o Portunhol?

I: Bom, eu estava num ponto de lotação, esperando o ônibus p[a]ra vim p[a]ra Caxambu, ali na frente do Big, do Big e o Brasão e o cara chego[u] e começo[u] a puxa[r] assunto comigo, aí ele falava aquele portunhol deles lá que ele, dialeto deles que não é nem o espanhol e nem uma e nem um haitiano, né?, é um portunhol como digo e: hum, foi assim uma experiência muito boa porque eu consegui entende[r] bastante o que ele falava, ele também conseguiu entende[r] um pouco do meu português, até, às vezes, algumas palavras que eu me lembrava do espanhol eu arranhava um po[u]quinho ali, mas foi muito muito legal *assim* foi uma experiência muito boa p[a]ra mim. (CH16FJES)

Em (84), *assim* apresenta valor conclusivo e pode ser parafraseado por “portanto”. Nessa ocorrência, o informante revela uma opinião positiva sobre sua experiência pessoal e emprega o item para anunciar a parte conclusiva dessa experiência: “foi uma experiência muito boa p[a]ra mim”. Nesse contexto *assim* incide sobre a experiência pessoal do falante.

Em nossa investigação, conforme o Quadro 10, também identificamos algumas perífrases conjuncionais de *assim* (*assim como*, *assim que*, *mesmo assim*) na amostra oral que analisamos. A perífrase *assim como*, que veicula comparação, já foi descrita por Martelotta, Costa e Silva (1996) e Souza (2009). Vejamos:

(85) E: Na tua opinião, como é o carnaval brasile[i]ro, o que você acha do carnaval brasile[i]ro?

F: Eu acho que é uma boa, hã... carnaval é uma manifestação cultural, acho que bem interessante se a gente fosse faze[r] um estudo dele, né?, hã, eu acho que tem muita coisa boa com o carnaval *assim como* tem muita coisa ruim, eu acho que muitas coisas se perderam ao longo dos anos, hoje a gente sabe que existe uma vulgarização do carnaval, a gente sabe que... que... não é um processo, sei lá, legal *assim*, né? (CH17FBES)

Em (85), *assim como* veicula sentido de comparação e pode ser parafraseado por “Do mesmo modo que”. Nesse contexto, o informante explana sua opinião de que, no carnaval, do mesmo modo que há coisas ruins existem coisas boas.

Vejamos, a seguir, uma ocorrência da perífrase conjuncional *assim que*, extraída da amostra oral:

(86) I: É ... essa casa que a gente morou lá no Presidente Médice foi com certeza a que mais marcou, *assim que*... foi ... que logo que o meu vô faleceu que houve preocupação com o inventário ... coisa e tal e é uma família grande né, o vô tinha bastante dinheiro na época, então para dividi[r] tudo foi bem complicado...(CH07FCEFI).

Na ocorrência acima (86), a perífrase *assim que* veicula tempo “imediatamente” tendo em vista que, na sequência do falecimento do avô do informante a preocupação da família foi dividir os bens. Todo este relato é parte da experiência pessoal do informante e até as pausas indicadas pelas reticências mostram a dificuldade em falar sobre um assunto pessoal.

A seguir, exibimos uma ocorrência da perífrase *mesmo assim* na amostra oral, descrita pelos dicionários de Houaiss e Villar (2009) e Ferreira (2009):

(87) E: Hã, na tua opinião, em relação ao comportamento dos jovens em relação aos pais, ao[s] namoricos, ao estudo, ao trabalho, o que você falo[u] que você opina?

F: Bom, tem jovens e jovens, né?, e tem pais e pais também, tem jovens que só querem sabe[r] de tira[r] os pais do sério, aí fazem de tudo, sabem que [es]tá errado, mas *mesmo assim* vai lá e faz p[a]ra tira[r] o pai do sério, tira[r] os pais do sério... E tem jovens que... Os que já são mais centrados, que sabem o que querem da vida e tal né?, então é isso, tem jovens e jovens né?, não dá p[a]ra opina[r] muito porque cada um é cada um né?, cada ca... cada um, diz aquele ditado “Cada cabeça uma sentença!” (CH16FBEES)

Em (87), a perífrase *mesmo assim* estabelece uma relação de contraste com a conjunção **mas**, desse modo, *mesmo assim* atua ao reforçar ou enfatizar o valor de oposição/adversidade expresso pela conjunção adversativa e equivale a “apesar disso”. Na opinião da informante, apesar de alguns jovens agirem de modo contrário ao orientado pelos pais e terem consciência disso, continuam a cometer erros para irritá-los. Portanto, *mesmo assim* denota a opinião pessoal do informante sobre o comportamento dos jovens.

Para finalizar a descrição da dinâmica de usos de *assim* (e perífrases), apresentamos, de modo detalhado a seguir, conforme o Quadro 10, o emprego do MD *assim* na amostra oral. Conforme Lopes-Damásio (2008), o MD *assim* possui uma função geral de retrospecção e prospecção textual, resquício da categoria de origem. Esse movimento, a depender do contexto, pode ocorrer isoladamente ou em concomitância.

Decorrem dessa função mais ampla, subfunções do MD *assim*: focalizador, atenuador, sinalizador de pedido de esclarecimento, intensificador, sinalizador de quadro de construção mental e indicador de conteúdo expressivo.

A primeira delas é a de focalizador em que o item anuncia elementos que complementam o sentido do verbo ou de um nome (substantivo), cujo anúncio sempre estará ligado a movimentos de retrospecção ou prospecção textual. Vejamos:

- (88) E: E alguma coisa assim na tua vida que você não gostasse ou que você queria mudar, que você faria diferente?
 I: Eu faria diferente algumas atitudes que não deixariam pessoas tristes assim.
 E: Por exemplo que atitudes?
 I: Atitude *assim* de briga com o pai e a mãe, assim que isso deixa eles triste[s].
 (CH06MCEFII)

Em (88), o MD *assim* se situa entre o substantivo (atitude) e a exemplificação (briga com seus pais), ou seja, projeta o tipo de atitude que entristece as pessoas, equivalendo semanticamente a “desse tipo”.

Em (89), identificamos uma ocorrência do MD *assim* em um contexto de atenuação, em que sinaliza o grau de verdade ou inverdade do conteúdo ou certeza e incerteza⁹⁷:

- (89) E: O que você acha das pessoas que são de fora e vem morar aqui p[a]ra Chapecó?
 I: Asss *Assim* eu acho que, no começo, elas vão te[r] um pouco de dificuldadezinha, até por não conhece[r] as ruas assim, mas depois eu acho que elas se acostumem e comecem a gosta[r]. (CH06MCEFII)

⁹⁷ Também pode haver casos, segundo Lopes-Damásio (2008), em que a incerteza recai sobre a escolha da forma ou expressão a ser utilizada na fala, mas não encontramos esse último uso em nossa amostra.

Em (89), o MD *assim* sinaliza, por meio da catáfora, certa hesitação do informante, já que a intenção parece ser a de amenizar sua opinião sobre o que será dito. Esse valor do MD *assim* também pode ser ratificado pelo uso do verbo *achar*, que demonstra certa insegurança quanto ao que será proferido. Outra informação contextual que pode nos levar a interpretar essa ocorrência em que o MD *assim* ocorre como de atenuação é o uso do diminutivo para a palavra dificuldade, que pode apontar uma tentativa de suavizar o discurso do informante.

Em outra ocorrência, a seguir, o MD *assim* atua como sinalizador metadiscursivo:

(90) E: E, agora vamos falar um pouco das festas de família assim na nossa conversa inicial. Quais festas vocês costumam fazer e como que são essas festas, né?
I: Festas de aniversário, *assim*? (CH17FBEEES)

Em (90), o MD *assim* pode ser caracterizado como um sinalizador metadiscursivo e pode ser parafraseado por “desse tipo”. Nessa ocorrência, o informante emprega o MD *assim* como um pedido de esclarecimento em relação à pergunta proposta pelo entrevistador, isto é, remete por anáfora ao tipo de festa. Verifica-se que o informante fica em dúvida sobre o tópico da pergunta do entrevistador. Ressaltamos que Lopes-Damásio (2008) encontrou apenas ocorrências do MD *assim* sinalizador metadiscursivo catafórico.

Na sequência, identificamos outro do MD *assim* na amostra de fala, também descrito por Lopes-Damásio (2008):

(91) E: *sim... e tem um local um lugar que você ache especial aqui em Chapecó?
*Que você “ah esse lugar é é: muito bonita, é especial p[a]ra mim”? *poderia lembra[r], tenta lembra[r] e fala[r] p[a]ra gente desse lugar?
I: *uhum...
E: *como é e descreve p[a]ra gente?
I: *uhum, eu tenho boas lembranças do Parque das Palmeiras porque algumas vezes eu fui com a escola ou com o pré-escolar ainda p[a]ra lá.
E: *uhum
I: *só que hoje quando eu vo[u] lá já não gosto tanto, há outro lugar que eu gosto bastante é lá na: na rodovia que vai p[a]r[a] o Rio Grande do Sul, não vo[u] sabe[r] agora qual é o número há que tem a vista para o Rio Uruguai lá, que eu acho muito bonito, *assim* eu acho um lugar bacana pra i[r] p[a]ra p[a]ra ve[r] o pôr do sol p[a]ra ve[r] p[a]ra, p[a]ra: curti[r] o rio que é, que eu acho bem bem bonito esses espaços (CH16FBEEES)

Em (91), o MD *assim* ressalta e enfatiza uma parte textual na qual explana sua opinião, ou seja, o item sinaliza toda a porção textual da sequência: “eu acho um lugar bacana”, “muito bonito”. Portanto, caracteriza-se pelo movimento de catáfora.

Na sequência dos usos do MD *assim*, identificamos o sinalizador de quadro de construção mental, também descrito por Lopes-Damásio (2008):

(92) E: E você conhece alguma história engraçada aqui de Chapecó? Alguém já te contou alguma coisa?
 I: ahamham.
 E: Não? E da família?
 I: Sim. (risadas)
 E: É? Qual que é?
 I: Ah...a mãe da minha mãe [es]tava andando c[om] a minha tia, né? Que é irmã da minha mãe e daí, ela [es]tava co[m] o] cadarço desamarrado, né? A irmã da minha mãe, e o “biciclete[i]ro” passo[u], pego[u] o cadarço, arrasto[u] ela sete metros *assim* pela esquina (risadas). (CH08MCEFII)

Em (92), o MD *assim* pode ser parafraseado por “dessa forma”, “desse jeito” ou “dessa maneira” e retoma toda porção textual que permite ao ouvinte reconstruir mentalmente como a tia do informante foi arrastada remetendo à parte textual (indica a distância) e projeta o local onde ocorreu o episódio (a esquina).

Para finalizar a descrição dos usos do MD *assim* na amostra de fala, apresentamos uma ocorrência em que esse item indica conteúdo expressivo, também identificado por Lopes-Damásio (2008):

(93) E: Tá, e e você trocaria esse bairro aqui em Chapecó por outro? Qual que você gostaria talvez de, de morar?
 F: Olha, trocaria, moro no Presidente Médici e sempre gostei muito do São Cristóvão que foi o bairro que eu cresci, então acho que é um bairro tranquilo também, tem o Jardim Itália, que eu também acho um bairro mais calmo *assim*, é se bem que no Presidente Médice aonde eu moro o bom de lá é estar próximo das diferentes coisas, né? Mercado, padaria e isso faz diferença, mas *assim* eu gosto de outros bairros também aqui do... não moraria no centro.(CH17FBES)

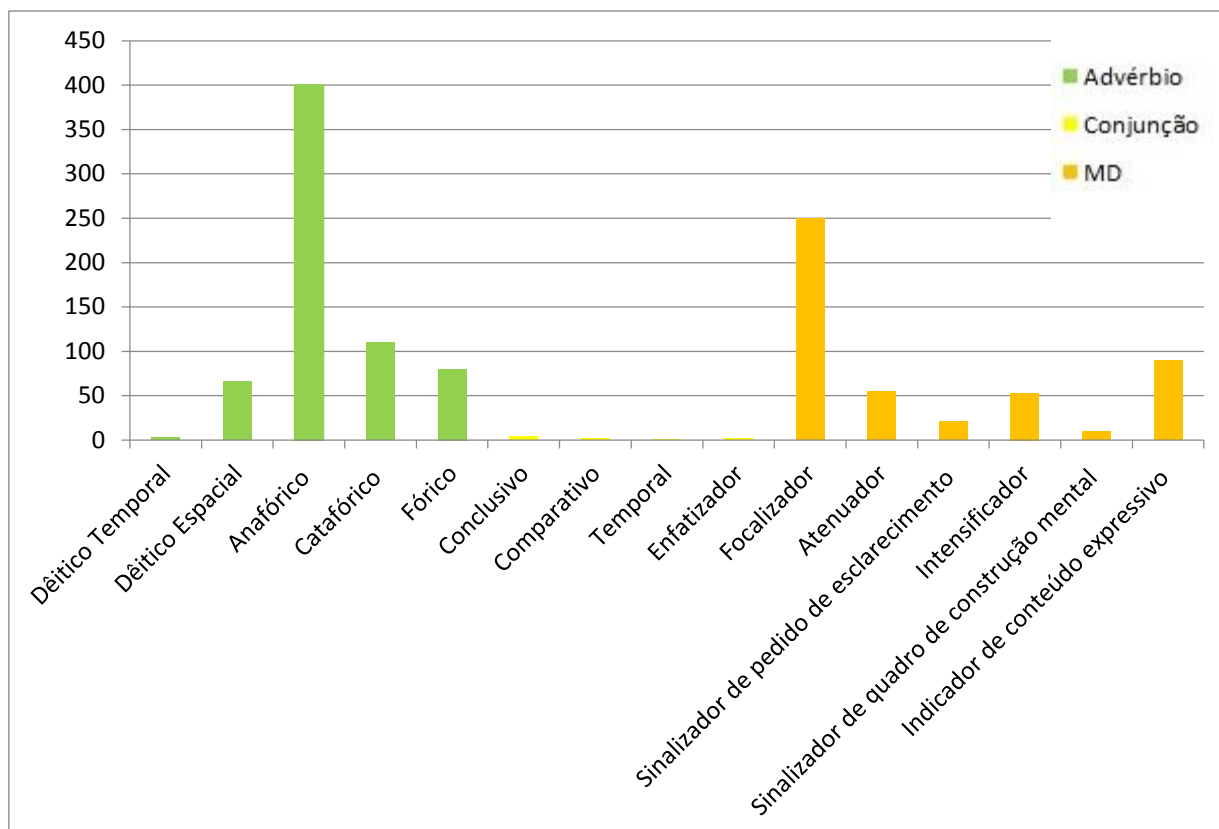
Em (93), o MD *assim* pode ser parafraseado por “entretanto” e relaciona o que foi dito a uma nova parte textual, que indica que, apesar de simpatizar com outros bairros, a informante justifica que gosta do bairro em que mora e, portanto, não iria morar em outro. Este uso utiliza-se tanto do movimento de retrospectção para que o falante associe o dito a nova parte textual que é anunciada prospectivamente.

Conhecidos os diferentes valores do *assim* na amostra oral, nossa hipótese era de que o advérbio *assim* (e perífrase) apresentasse maior ocorrência com o sentido de dêiticos anafórico, catafórico e anafórico e catafórico simultaneamente, como ocorreu nos estudos de Martelotta, Nascimento e Costa (1996), Longhin-Thomazi (2006), Lopes-Damásio (2008) e Souza (2009). Referente ao uso conjuncional do *assim* (e perífrases), nossa hipótese centrou-se no fato de que o valor conclusivo seria mais recorrente, como relatado por Martelotta, Nascimento e Costa (1996) e Longhin-Thomazi (2006). Por fim, quanto ao emprego do MD *assim*, postulávamos que o valor focalizador apresentasse maior frequência na amostra oral, segundo também constatou Martelotta, Nascimento e Costa (1996), Longhin-Thomazi (2006),

Lopes-Damásio (2008) e Souza (2009).

O Gráfico 6 sinaliza os resultados para os diferentes valores das três categorias do *assim* (e perífrases) na amostra oral:

Gráfico 6: Frequência de ocorrências das três categorias de *assim* na amostra oral considerando o critério semântico-pragmático



Fonte: A autora

Na amostra oral, de modo específico, de acordo com os resultados do Gráfico 6, do total de 659 (57%) ocorrências inseridas sob o rótulo de advérbio, 3 (0,2%) foram utilizadas com valor atrelado a tempo, 66 (5,8%) foram associadas a espaço, 400 (34%) apresentaram sentido de retrospecção textual, 110 (9,5%) de prospecção textual e 80 (7,2%) com os dois movimentos atuando simultaneamente. Tais resultados confirmam nossa hipótese de que os sentidos relacionados a funções textuais, ou seja, os sentidos inovadores do advérbio *assim* no português teriam maior frequência, conforme resultados averiguados por Martelotta, Nascimento e Costa (1996), Longhin-Thomazi (2006), Lopes-Damásio (2008) e Souza (2009). Já do total de 9 ocorrências da categoria conjuncional, 4 (44%) foram empregadas com valor conclusivo, 2 (22%) com valor de enfatizar o valor adversativo e 2 (22%) com

valor de comparação, e 1 (11%) equivale à perífrase conjuncional que mantém resquício temporal.

Nossa segunda hipótese, referente à maior recorrência do valor conclusivo das conjunções, como relatado por Martelotta, Nascimento e Costa (1996) e Longhin-Thomazi (2006), também foi confirmada. Para finalizar, do total de 479 dados do MD *assim*, 250 (52%) veicularam focalização, 55 (11%) dados inseriram-se em contexto de atenuação, 21 (4,5%) sinalizaram pedido de esclarecimento, 53 (11%) denotaram intensificação, 10 (2,5%) sinalizaram quadro de construção mental e 90 (19%) indicaram conteúdo expressivo. Esse resultado confirmou nossa expectativa, baseada em Martelotta, Nascimento e Costa (1996), Longhin-Thomazi (2006), Lopes-Damásio (2008) e Souza (2009), de que o MD *assim que* veicula focalização apresentaria maior frequência na amostra oral.

Na amostra escrita, conforme o Quadro 11, os usos de *assim* adverbial apresentaram três diferentes valores a depender do contexto: dêitico anafórico, catafórico e anafóricos/catafóricos concomitantemente; e o emprego do *assim* (e perífrases) conjuncional também denotou três significados distintos. Esses significados do *assim* também foram descritos por Martelotta, Nascimento e Costa (1996), Silva e Macedo (1996), Longhin-Thomazi (2006), Lopes-Damásio (2008) e Souza (2009). Como já alertamos, nessa amostra, não identificamos nenhuma ocorrência do MD *assim*.

Seguindo o Quadro 11, apresentamos algumas ocorrências extraídas da amostra escrita em que o advérbio *assim* apresenta valor dêitico. Os usos dêíticos de *assim* no gênero anúncio revelam que, remete a porções de textos não verbais (imagens), como podemos visualizar abaixo:

Ilustração 1: Anúncio de máquina de lavar roupas

Fonte: Jornal O Imparcial, 1957.

(94) Assim | Você | acaba com | a roupa ... | ... e assim | com sua | preciosa | saúde || Resolva | por completo | o problema de | lavar roupa | com a | **BENDIX** | Economat | A mais moderna | lavadeira | automática | do mundo | BENDIX trabalha, sozinha... | basta ligar! | **O melhor plano de pagamento** | Consulte a ca- | as nesta cidade | assista em nossa loja a uma demonstração da Bendix | Revendedores Autorizados. | **FORÇA E LUZ DE CHAPECÓ S/A** | **BENDIX** é conforto | e economia comprovada em | mais de **3.500.000 lares** | em todo o mundo. | Norton.1.046 (O Imparcial, anúncio 23, 2ª met. séc. XX)

Em (94), identificamos duas ocorrências do advérbio *assim*. No trecho “Assim você acaba com a roupa”, o item é um advérbio que tem valor dêitico e pode ser parafrazeado por “desse modo”. Trata-se de um contexto em que o leitor deve relacionar uma informação não verbal com outra verbal, característica do gênero anúncio. Nessa ocorrência, o texto não-verbal (a imagem) localiza-se no lado esquerdo do texto verbal. Na imagem, tem-se uma mulher que bate em uma peça de roupa diante de um tanque de lavar. No texto verbal, por sua

vez, o *assim* recupera a informação do texto não-verbal de que a maneira como a mulher lava a roupa pode danificá-la. Já no trecho “*e assim* com sua preciosa saúde”, o item em destaque também é um advérbio, com valor dêitico e pode ser parafraseado por “desse modo”. Novamente, *assim* situa-se em um contexto em que o leitor deve relacionar uma informação verbal com outra não verbal. Nessa ocorrência, o texto não verbal situa-se à direita do verbal. Na imagem, uma mulher está curvada sobre o tanque esfregando roupas. No texto verbal, o *assim* projeta o leitor para a imagem e pode levá-lo à conclusão de que curvar-se daquele modo para lavar as roupas, acabará com a saúde de quem assim o fizer.

O próximo uso do *assim* adverbial identificado na amostra escrita remete a duas porções textuais simultaneamente anterior e posterior ao item:

(95) || Julgo indispensavel tornar publico, e *assim* o faço, | que, não possuindo, como não possúo, reservas pecu-| niarias ou economias suficientes para completar essa | compra, o meu presado amigo Dr. Serafim Enos Ber-| tasso me emprestou a quantia que faltava. || Faço esta declaração para evitar o surto da ma-| ledicencia, a perfídia de suspeitas malevolas, daqueles | que não presam o decoro pessoal e dignidade, que é o | apanagio dos homens de bem. || Concluindo, comunico ao comercio em geral que | o dito caminhão está á disposição dos que precisarem. || Chapecó, 8-5-47. || JOÃO MARIA MACIEL (A voz do Chapecó, carta de leitor 05, 1ª met. séc. XX)

Em (95), *assim* recupera a porção textual anterior em que o autor da carta julga indispensável tornar pública uma informação a seu respeito ao mesmo tempo em que projeta também essa ação no texto da sequência. Trata-se de um emprego catafórico do item, que pode ser parafraseado por “desse modo”.

Seguindo o Quadro 11, apresentamos uma ocorrência extraída da amostra escrita em que a conjunção *assim* apresenta valor conclusivo. Cabe destacar que, segundo Longhin-Thomazi (2006), na trajetória de mudança semântica e categorial do item, a conjunção *assim* proveio do advérbio modal anafórico. Vejamos, abaixo, o uso conclusivo da conjunção *assim*:

(96) O Dep. Miranda | Ramos responde || Chapecó, 11 de maio de 1955 || Ilmo. Snr. Diretor de “O IMPARCIAL” NESTA || Li, com grande surpresa, na edição de 03 de abril, deste conceituado semanário, um editorial que | faz referências à minha pessoa e que não traduzem | a realidade dos fatos. || *Assim*, apréssome em esclarecer o seguinte: ... (O Imparcial, carta de leitor 02, 2ª met. séc. XX)

Em (96), *assim* apresenta valor de conclusão e pode ser parafraseado por “por isso” ou “portanto”. Nessa ocorrência, primeiramente, o autor da carta de leitor, publicada no jornal *O Imparcial*, diz que as informações divulgadas a seu respeito não são verdadeiras e, na sequência, após o item, passa a esclarecê-las.

Antes de passarmos à descrição dos usos conjuncionais de *assim*, apresentamos uma ocorrência em que consideramos que o item pode gerar sentido ambíguo, já que pode ser empregado tanto como advérbio dêitico anafórico e catafórico como conjunção conclusiva. Observe:

(97) Esperamos, contudo, que algumas pequenas reivindicações | da classe empresarial oestina, aliadas igualmente aos problemas da | classe agrícola, possam ser equacionados o mais breve possível per- | mitindo *assim*, a plenitude dos resultados da grande e meritória | campanha que o Gôverno lança em prol do aumento da | produção agrícola. || Chapecó, 12 de agôsto de 1.970 || [CLAIR ELOI DARIVA] | Presidente (Folha d'Oeste, carta de leitor 03, 2ª met/séc XX)

Em (97), consideramos que o item *assim* se situe em duas categorias e apresenta dois diferentes valores: (i) é um advérbio anafórico e catafórico, que retoma e anuncia uma porção textual que complementa o verbo. O item *assim* situa-se entre o verbo (*permitir* com valor de “tornar possível”) e seu complemento (a plenitude dos resultados da grande e meritória); (ii) outro é uma conjunção conclusiva, em que o autor da carta explica que, caso as reivindicações dos empresários e os problemas dos agricultores sejam resolvidos, permitirá “portanto” a concretização de aumento da produção agrícola proposta pelo governo.

Na sequência da descrição do Quadro 11, descrevemos dois valores das perífrases conjuncionais e adverbial de *assim* (*assim como* e *assim por diante*) localizados na amostra escrita:

(98) | O Redator diz, co-| mo quem tem receio de alguma | coisa, que o meu <<quartel gene-| ral >> é ontre os rios Chapecó e das | Antas, sendo eu visto frequente-| mente em S. Carlos, Palmitos e | Mondai e ainda frequentando fes-| tas. Quero sómente acrescentar que is- | to: Meu domicilio é no Distrito | de S. Carlos onde tambem resi-| do. Viajo muito, pois o meu ga-| nha-pão é comprar e vender ob-| jetos de uso pessoal. Sou estima-| do pela grande maioria dos que | me conhecem. E *assim como* V.S. | sr. Diretor comparece em festas e | baile, tambem eu compareço. (A voz de Chapecó, carta 09, 1ª met/séc XX)

Em (98), a perífrase conjuncional *assim como* indica comparação e pode ser parafraseada por “do mesmo modo que”. Nessa ocorrência, o autor da carta de leitor parece defender-se de acusações publicadas no jornal. Então, usa a comparação para justificar que tal como o diretor do jornal ou como qualquer cidadão, comparece a festas para se divertir e não para cometer crimes.

Outra ocorrência da perífrase adverbial de *assim* (*assim por diante*) pode ser verificada a seguir:

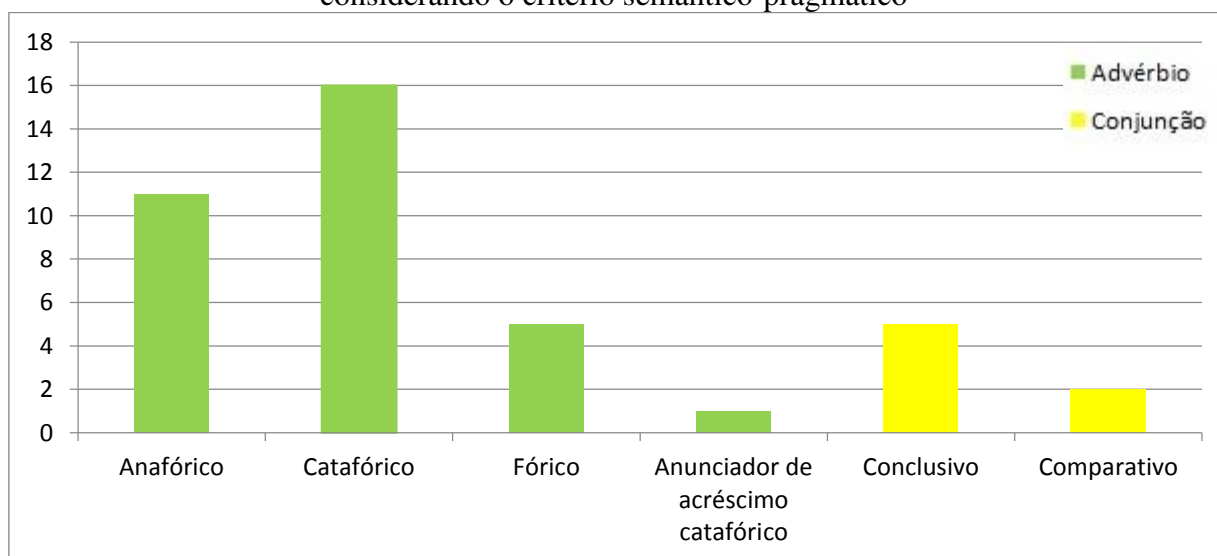
(99) || Os combustiveis tem que ser pagos, e os operado- | res do Trator do mesmo modo, bem como *assim por di- | ante* o Zelador do Campo e outras despesas necessarias. || Chapecó, 10/08/949. || PAULO MARQUES || Presidente. (A voz do Chapecó, carta de leitor 10, 1ª met/sec XX)

Em (99), a perífrase adverbial *assim por diante* anuncia acréscimo/continuidade de informações e pode ser parafraseada por “dentre outros”. Nessa ocorrência, o autor da carta de leitor enumera tudo aquilo que deve ser pago e anuncia, após a perífrase, “o Zelador do Campo e outras despesas necessarias (sic)”. Não localizamos a descrição dessa perífrase adverbial em outros estudos do PB.

Conhecidos os diferentes valores do *assim* na amostra escrita, nossa hipótese era de que o advérbio *assim* apresentasse maior frequência com os sentidos que veiculam movimentos de retrospecção ou prospecção, como também verificaram Martelotta, Nascimento e Costa (1996) e Longhin-Thomazi (2006) no português contemporâneo. Referente ao uso conjuncional do *assim* (e perífrases), nossa hipótese centrou-se no fato de que o valor conclusivo seria mais recorrente, visto que este significado era o mais frequente desde o português arcaico como relatado por Martelotta, Nascimento e Costa (1996) e Longhin-Thomazi (2006).

O Gráfico 7 sinaliza os resultados para os diferentes valores das duas categorias do *assim* (e perífrases) na amostra escrita:

Gráfico 7: Frequência de ocorrências das três categorias de *assim* na amostra escrita considerando o critério semântico-pragmático



Fonte: A autora

Na amostra escrita, de modo específico, de acordo com os resultados do Gráfico 7, do total de 29 ocorrências inseridas sob o rótulo de advérbio, contabilizamos 16 (43%) usos com valor catafórico, 11 (16%) ocorrências de usos anafóricos e 5 (5%) dados denotaram usos anafóricos e catafóricos concomitantes. Esses resultados convergem com nossa expectativa de que os sentidos que veiculam movimentos de retrospecção ou prospecção teriam maior recorrência, como também verificaram Martelotta, Nascimento e Costa (1996) e Longhin-Thomazi (2006) no português contemporâneo. Já do total de 8 ocorrências da categoria conjuncional, 5 (5%) usos apresentaram valor conclusivo, 1 (3%) dado foi contabilizado com valor de adição ou anunciador de acréscimo e 2 (6%) denotaram comparação. Esse resultado confirma nossa hipótese, pois o sentido conclusivo predominou sobre os demais.

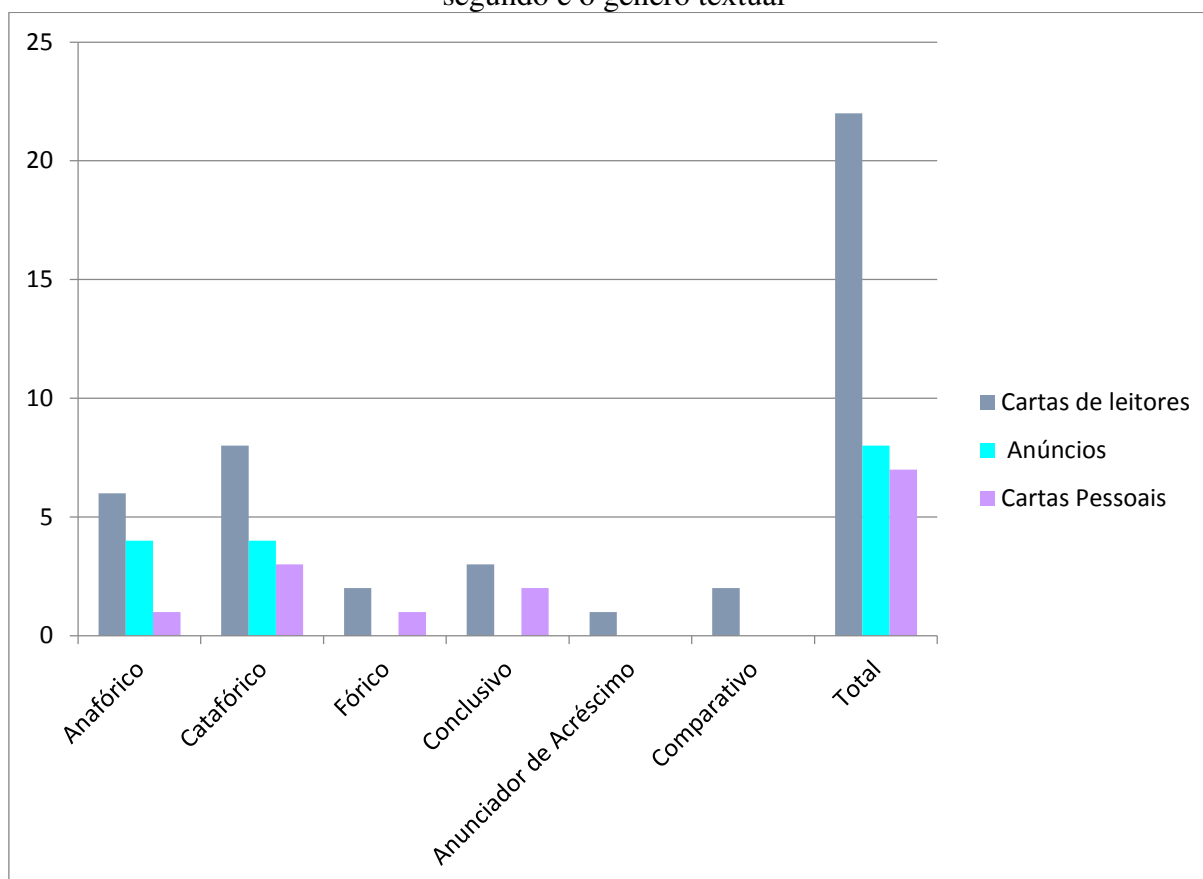
Na sequência, como nossa amostra foi composta por três gêneros escritos (cartas de leitores, anúncios e cartas pessoais), consideramos relevante apresentar os resultados em separado da aplicação do critério semântico-pragmático para verificar o comportamento de cada categoria em cada contexto. Lembramos que esta amostra totalizou a análise de 343 exemplares de gêneros escritos, distribuídos em 88 cartas de leitores, 20 cartas pessoais e 235 anúncios, que consideramos representativos do português utilizado pelos chapecoenses.

Os estudos de Martelotta, Nascimento e Costa (1996) sobre *assim*, no português arcaico, envolveram gêneros literários, que incluíam lendas e histórias. Foram identificadas as classes advérbio e conjunção, que apresentaram os seguintes valores: (i) advérbio: anafórico, catafórico; e (ii) conjunção: consecutivo, temporal e comparativo. Já Longhin-Thomazi (2006) investigou os seguintes gêneros: cartas, testamentos, cantigas, poesias, diários e textos dramáticos. Também foram localizadas as categorias advérbio e conjunção (e usos ambíguos) com os seguintes sentidos: (i) advérbios com valor dêitico espacial, anafórico, catafórico e anafóricos/catafóricos; (ii) conjunções com valor conclusivo ou consecutivo.

Nossa hipótese julga que nos gêneros textuais cartas de leitores, anúncios e cartas pessoais terão, na categoria dos advérbios, os significados anafóricos, catafóricos e anafóricos/catafóricos visto que estão atrelados à coesão textual. Desse modo, na organização da clareza do gênero textual e na categoria de conjunção, o significado mais encontrado será o conclusivo, pois está atrelado à exposição de opinião do falante e aparece em gêneros textuais que permitem tal inserção, como cartas de leitor e cartas pessoais, baseado no estudo de Longhin-Thomazi (2006) em que o valor conclusivo foi encontrado justamente em gêneros como cartas, testamentos, diários. Em contrapartida, Martelotta, Nascimento e Costa (1996) não encontraram esse valor de conjunção em gêneros literários e, portanto, mais distantes da língua usada no cotidiano dos falantes.

O Gráfico 8 sinaliza os resultados do uso de *assim* nos diferentes gêneros da amostra escrita:

Gráfico 8: Frequência de ocorrência de *assim* considerando o critério semântico-pragmático segundo e o gênero textual



Fonte: A autora

De modo geral, do total de 37 ocorrências de *assim*, localizados nos 343 exemplares de gêneros escritos, 22 (60%) ocorrências foram levantadas no gênero carta de leitor, seguidas de 8 (22%) usos nos anúncios e 7 (18%) dados nas cartas pessoais. Como pode ser visualizado no Gráfico 8, as cartas de leitores apresentaram maior frequência de ocorrência de *assim* na amostra escrita, no entanto, admitimos que se a discrepância na amostra de cada gênero textual não existisse talvez o resultado poderia ser diferente, mas apoiados nos estudos de Ilari *et al* (2002), Castilho (2010), Neves (2011) e Bagno (2012), cujos resultados demonstram o crescente uso de *assim* na oralidade do PB, é possível que a maior ocorrência do item no gênero carta de leitor justifica-se pela proximidade dele com a oralidade.

De modo específico, identificamos 29 (78%) ocorrências da categoria advérbio, dentre as quais 15/29 (52%) usos eram catafóricos, 11/29 (38%) anafóricos e 3/29 (10%) anafóricos e catafóricos simultâneos. A maior parte das ocorrências do advérbio com valor catafórico (8/15) ocorreu nas cartas de leitores. Das 8 (22%) ocorrências da classe das conjunções, identificamos 5/8 (62,5%) empregos que denotavam conclusão, 2/8 (25%) usos que veiculam comparação e 1/8 (23%) anúncio de acréscimo. Nesta categoria, as conjunções também prevaleceram no gênero carta de leitores.

Nossa hipótese, baseada nos estudos de Martelotta, Nascimento e Costa (1996) e Longhin-Thomazi (2006), é atestada visto que os usos na classe dos advérbios foram exclusivamente anafórico, catafórico e anafóricos/catafóricos concomitantes nos três gêneros textuais. Da mesma maneira, o valor conclusivo prevaleceu sobre os demais, sendo empregado em cartas de leitores e cartas pessoais.

6.5 A DINÂMICA SOCIAL DE USOS DE *ASSIM*

Nesta subseção, apresentamos a dinâmica social dos usos de *assim* na amostra de fala de informantes monolíngues em português, de Chapecó, associando os critérios morfológico e semântico-pragmático à faixa etária, na subseção 6.5.1, ao nível de escolaridade, na subseção 6.5.2, e ao sexo/gênero dos informantes, na subseção 6.5.3.

Nosso interesse recaiu na apuração dos fatores extralinguísticos que influenciaram os usos de *assim* na amostra de fala, isto é, desejávamos investigar se a expansão de usos de *assim* na comunidade chapecoense era encabeçada por fatores extralinguísticos como idade, sexo e escolaridade. Cabe destacar que localizamos, até este momento, apenas o estudo de Silva e Macedo (1996) e Macedo (1997), que controlou fatores sociais na investigação sobre os usos de *assim*. Porém, as autoras investigaram apenas o funcionamento do MD *assim*.

6.5.1 Faixa etária

Na amostra oral analisada, os 19 informantes foram distribuídos em três faixas etárias: crianças (de 7 a 14 anos), jovens (de 15 a 24 anos) e adultos (de 25 a 49 anos), o que nos permitiu testarmos a influência do fator idade no uso do *assim* (e perífrases) associando os critérios morfológico e semântico-pragmático.

Silva e Macedo (1996) constataram que a frequência de uso do MD *assim* diminuiu à medida que aumentou a faixa etária dos informantes, ou seja, houve maior frequência de uso

do MD *assim* na faixa etária mais jovem (7 e 14 anos) em comparação às outras faixas (de 15 e 24 anos; de 26 a 50 anos; e acima de 50 anos) controladas pelas autoras. Macedo (1997), por sua vez, examinou a frequência de uso do MD *assim* na fala de 12 crianças cariocas de 4 a 6 anos e de 8 a 10 anos, em fase de aquisição do português. Os resultados deste estudo revelaram que a frequência de uso dos MDs foi maior (78%) entre as crianças da faixa etária mais velha.

Nossa expectativa era de que os informantes mais jovens empregariam de modo mais recorrente o *assim* (e perífrases) adverbial, dado que os significados espacial e temporal (**advérbio 1**) estariam mais atrelados ao mundo físico. Essa hipótese se baseia no fato de que as crianças ainda não apresentam maturidade para compreender as complexas inferências envolvidas e funções discursivas da estrutura textual. Portanto, conforme Traugott (2002) e Traugott e Dasher (2005), muitas mudanças são iniciadas pelos adultos jovens, principalmente transmitidas pela força da autoridade educacional, jurídica, política ou religiosa.

Por essa razão, postulamos que o emprego adverbial do item relativo ao movimento de retrospecção e prospecção (**advérbio 2**) bem como o uso conjuncional da perífrase *assim que* (**conjunção 1**), o qual também reflete movimentos de prospecção textual, seriam mais frequentes entre os informantes das faixas etárias mais velhas, em razão desses significados estarem mais atrelados à coesão textual.

Quanto às conjunções e perífrases conjuncionais que veiculam significados conclusivo, comparativo, consecutivo e adversativo (**conjunção 2**) e acionam o componente expressivo da linguagem, nossa expectativa era de que devessem ser mais usadas pelos informantes mais velhos. Por fim, considerando os estudos de Macedo e Silva (1996), estimávamos que o MD *assim* fosse mais frequente entre os informantes mais jovens da amostra oral.

Vejamos, na Tabela 1, os resultados gerais relativos à frequência de *assim* (e perífrases) associando os critérios morfológico e semântico-pragmático à faixa etária.

Tabela 1: Frequência de ocorrência de *assim* na amostra de fala conforme a faixa etária

Faixa etária	Advérbio 1		Advérbio 2		Conjunção 1		Conjunção 2		MD		Total	
	Apl.	%	Apl.	%	Apl.	%	Apl.	%	Apl.	%	Apl.	%
C (de 7 a 14 anos)	32	9,5	171	50,5	-	-	2	0,5	134	39,5	339	29
J (de 15 a 24 anos)	7	3	132	58	1	0,5	9	4	78	34,5	227	20
B (de 25 a 49 anos)	30	5	287	49	-	-	10	2	254	44	581	51
Total	69	6	590	51,4	1	0,08	21	2	466	40,6	1147	100

Fonte: A autora

De modo geral, de acordo com os resultados da Tabela 1, do total de 659 ocorrências do item *assim* adverbial (**advérbio 1 e 2**), 69 (6%) dados são usos que veiculam significado espacial e temporal (**advérbio 1**) e 590 ocorrências (51,4%) denotam movimento de retrospecto e prospecção (**advérbio 2**); do total de 22 ocorrências do item *assim* conjuncional, 21 (2%) dados são usos que veiculam significados conclusivo, comparativo, consecutivo ou adversativo (**conjunção 2**) e somente 1 ocorrência (0,08%) do uso conjuncional da perífrase *assim que* (**conjunção 1**) foi identificada na amostra oral; e, por fim, 466 (40,6%) ocorrências do item *assim* correspondem aos usos como MD. Cabe destacar também que o item *assim* foi mais recorrente entre os informantes da faixa etária B (581/51%), seguida da faixa etária C (339/29%) e da faixa J (227/20%).

De modo específico, na categoria **advérbio 1**, do total de 69 ocorrências, 32 (45%) dados foram produzidos por informantes da faixa etária C, 30 (44%) ocorrências foram produzidas pela faixa etária B e 7 (11%) ocorrências foram empregadas pelos informantes da faixa etária J; do total de 590 ocorrências da categoria **advérbio 2**, 287 (49%) ocorrências atribuem-se à faixa etária B, 171 (29%) ocorrências foram utilizadas pelos informantes da faixa etária C e 132 (22%) ocorrências foram empregadas pelos informantes da faixa J; do total de 22 ocorrências da **conjunção 1**, apenas 1 dado (100%) foi empregado pelos informantes da faixa J e 21 ocorrências da **conjunção 2** se distribuíram da seguinte forma: 10 (49%) ocorrências foram empregadas pelos informantes da faixa etária B, 9 (42%) pelos informantes da faixa etária J e 2 (9%) dados foram produzidos pela faixa etária C. Por fim, do total de 466 MDs, 254 (54%) dados foram empregados pela faixa etária de 25 a 49 anos, 134 (29%) foram produzidos por informantes da faixa etária de 7 a 14 anos e 78 (17%) foram utilizados por informantes da faixa etária entre 15 e 24 anos.

Em geral, olhando os resultados percentuais, as três faixas etárias produziram de modo mais recorrente o **advérbio 2**. De modo resumido, pode-se dizer que o **advérbio 1** foi empregado de modo equilibrado entre os informantes das faixas etárias C e B; o **advérbio 2**

teve predominância na faixa etária B; a **conjunção 1** foi utilizada exclusivamente por um informante da faixa etária J; a **conjunção 2** foi usada de maneira equilibrada entre os informantes da faixa etária J e B; e, por fim, o **MD** preponderou entre os informantes da faixa etária B.

A primeira hipótese referente ao emprego do **advérbio 1** pelos informantes mais jovens se confirmou parcialmente, visto que houve equilíbrio na frequência de usos entre os informantes das faixas etárias C e B. Também nossa expectativa quanto ao emprego do **advérbio 2** entre os informantes das faixas etárias mais velhas foi satisfeita, em razão desses significados estarem mais atrelados à coesão textual (cf. TRAUGOTT, 2002; TRAUGOTT; DASHER, 2005). A hipótese de que os usos conjuncionais (conjunção 1 e 2) fossem empregados por informantes das faixas etárias mais velhas também se confirmou, visto que, se somarmos os usos conjuncionais das faixas etárias J e B, veremos que houve equilíbrio no uso do item entre os informantes dessa faixa de idade da amostra. Esse resultado pode estar relacionado à maior consciência das normas prescritivas da língua pelos informantes mais velhos. A última hipótese de que os MDs fossem mais frequentes entre os informantes mais jovens da amostra oral não se confirmou, considerando os estudos de Macedo e Silva (1996), pois foram os informantes mais velhos que empregaram mais essa categoria.

Passaremos, agora, à descrição dos resultados referentes à escolaridade.

6.5.2 Escolaridade

Na amostra oral analisada, os 19 informantes foram distribuídos em quatro níveis de escolaridade: ensino fundamental (1º ciclo), ensino fundamental (2º ciclo), ensino médio e ensino superior, o que nos permitiu testarmos a influência do fator escolaridade no uso do *assim* (e perífrases) associando os critérios morfológico e semântico-pragmático.

A escolaridade é um fator social extremamente importante na vida dos indivíduos se considerarmos que, a partir do ingresso no ensino regular da educação formal, o falante começa a sofrer pressão normativa do ambiente escolar, o que o leva a deixar de empregar formas menos prestigiadas, como os MDs, por exemplo, que tendem a ser estigmatizados pela tradição gramatical, “[...] sendo tratados como formas vazias e retardatárias do discurso”. (FREITAG, 2007, p. 22).

Silva e Macedo (1996) constataram que os falantes com maior nível de escolaridade evitavam a utilização do MD *assim* em um mesmo turno⁹⁸, como uma tentativa de monitoramento de fala em situação mais formal. Por essa razão, as autoras postularam que, quanto mais escolarizado o falante, menor seria o uso do MD. Porém, os resultados revelaram que não houve diferenças significativas entre os distintos níveis⁹⁹. As autoras justificaram esse resultado devido à escola da época não estar atenta à complexidade dos eventos discursivos, apenas à escrita e não à oralidade.

Nossa expectativa era de que os informantes mais escolarizados empregariam de modo mais recorrente o *assim* adverbial (**advérbio 1**), que diz respeito aos valores espacial e temporal, dado que são os usos prescritos por gramáticas e dicionários (CUNHA; CINTRA, 2008; BECHARA, 2009; LIMA, 2011; GREGORIM, 2009; FERREIRA, 2009; HOUAISS; VILLAR, 2009). Postulamos que o emprego adverbial do item relativo ao movimento de retrospicção e prospecção (**advérbio 2**) bem como o uso conjuncional de *assim que* referente à prospecção (**conjunção 1**) seria mais frequente entre os informantes menos escolarizados, tendo em vista que são usos inovadores (cf. MARTELOTTA; NASCIMENTO; COSTA, 1996; LONGHIN-THOMAZI, 2006; LOPES-DAMÁSIO, 2008; SOUZA, 2009) aos quais esses indivíduos estão expostos e, portanto, menos sujeitos à pressão prescritiva de programas formais de educação linguística. Quanto às perífrases conjuncionais (**conjunção 2**), que veiculam significados conclusivo, comparativo, consecutivo ou adversativo, nossa expectativa era de que também, por esse motivo, seriam menos recorrentes entre os informantes mais escolarizados. Por fim, considerando os estudos de Macedo e Silva (1996) e Freitag (2007), estimávamos que o MD *assim* fosse mais frequente entre os informantes menos escolarizados.

Vejamos, a seguir, na Tabela 2, os resultados gerais relativos à frequência de *assim* (e perífrases) associando os critérios morfológico e semântico-pragmático ao nível de escolaridade.

⁹⁸ Turno corresponde ao enunciado proferido pelo informante para responder uma pergunta.

⁹⁹ Os níveis controlados à época pelas autoras correspondiam ao primário (1ª a 4ª séries), ginásio (5ª a 8ª séries) e 2º grau (1ª, 2ª e 3ª séries).

Tabela 2: Frequência de ocorrência de *assim* na amostra de fala conforme a escolaridade

Escolaridade	Advérbio 1		Advérbio 2		Conjunção 1		Conjunção 2		MD		Total	
	Apl.	%	Apl.	%	Apl.	%	Apl.	%	Apl.	%	Apl.	%
Ensino Fundamental I ciclo	7	10	36	52	-	-	-	-	26	38	69	6
Ensino Fundamental II ciclo	30	8,3	179	51	1	0,2	11	3	131	37	352	31
Ensino Médio	1	6,5	2	12,5	-	-	-	-	13	81	16	1
Ensino Superior	31	4,5	373	52,5	-	-	10	1,5	295	41,5	709	62
Total	69	6,1	590	51,4	1	0,10	21	1,8	466	40,6	1147	100

Fonte: A autora

De modo geral, de acordo com os resultados da Tabela 2, o item *assim* foi mais recorrente entre os informantes com ensino superior (710/62%), seguido dos informantes com ensino fundamental 2º ciclo (352/31%), mas teve baixa frequência entre os informantes com ensino fundamental 1º ciclo (69/6%) e os informantes com ensino médio (16/1%).

De modo específico, na categoria **advérbio 1**, do total 69 ocorrências, 31 (46%) dados foram empregados pelos informantes do ensino superior, 30 (43%) ocorrências foram produzidas pelos informantes do ensino fundamental 2º ciclo, 7 (10%) dados foram empregados por informantes de escolaridade ensino fundamental 1º ciclo e 1 dado foi utilizado por um informante do ensino médio; na categoria **advérbio 2**, do total de 590 ocorrências, 373 (63%) ocorrências foram empregadas por informantes com o ensino superior, 179 (30%) dados foram utilizados por informantes do ensino fundamental 2º ciclo, 36 (6,6%) itens foram produzidos pelos informantes com ensino fundamental 1º ciclo e apenas dois (0,3%) dados foram usados pelos informantes com ensino médio; na classe **conjunção 1**, houve apenas 1 (100%) emprego por informante com ensino fundamental 2º ciclo; na categoria **conjunção 2**, do total de 21 ocorrências, 11 (53%) dados foram empregados pelos informantes com escolaridade do ensino fundamental 2º ciclo, e 10 (47%) usos foram produzidos pelos informantes com ensino superior; por fim, na categoria MD, do total de 466 dados, 295 foram produzidos por informantes com ensino superior, 131 por informantes com ensino fundamental 2º ciclo, 26 por informantes com ensino fundamental 1º ciclo, e 13 por informantes com ensino médio.

Em geral, olhando os resultados percentuais, os quatro níveis de escolaridade produziram de modo mais recorrente o **advérbio 2**. De modo resumido, pode-se dizer que o **advérbio 1** foi empregado de modo equilibrado pelos informantes com ensino fundamental 2º ciclo e com ensino superior; o **advérbio 2** teve predominância entre os informantes do ensino superior; a **conjunção 1** foi utilizada, exclusivamente, por um informante com ensino fundamental 2º ciclo; a **conjunção 2** foi usada de maneira equilibrada entre os informantes

com ensino fundamental 2º ciclo e com ensino superior; e, por fim, o **MD** preponderou entre os informantes com ensino superior.

Esses resultados convergem com a nossa hipótese relativa ao emprego do **advérbio 1**, pois seu uso aumentou conforme a escolaridade dado que são empregos do item prescritos por gramáticas e dicionários (CUNHA; CINTRA, 2008; BECHARA, 2009; LIMA, 2011; GREGORIM, 2009; FERREIRA, 2009; HOUAISS; VILLAR, 2009). Cabe destacar que a frequência de usos de *assim* foi menor entre os informantes com ensino médio, mas é válido lembrar também que nossa amostra é composta por apenas dois informantes em cada nível escolar. A hipótese relativa ao uso do **advérbio 2** e também da **conjunção 1** não se confirmou, visto que os falantes menos escolarizados empregaram 36 ocorrências dessas formas inovadoras.

Do mesmo modo, não se confirmou a expectativa quanto ao emprego da **conjunção 2** nem dos **MDs**, em virtude de que os informantes com ensino fundamental 1º e 2º ciclos apresentaram baixa frequência (157/466) desta última categoria que os informantes com ensino médio e ensino superior (308/466). Ademais, à medida que a escolaridade aumentou em nossa amostra, também cresceu a frequência de uso dos MDs. Concluimos, a partir desses resultados, que a grande frequência de uso de *assim* não é estigmatizada pelos falantes da amostra como ocorre com outros tipos de MDs nos estudos de Freitag (2007).

Passamos a apresentação dos resultados dos usos referentes ao sexo/gênero.

6.5.3 Sexo/gênero

Na amostra oral analisada, os 19 informantes foram distribuídos em dois sexos/gêneros: masculino e feminino, o que nos permitiu testarmos a influência do fator sexo/idade no uso do *assim* (e perífrases) associando os critérios morfológico e semântico-pragmático.

Silva e Macedo (1996) constataram que a frequência de uso do MD *assim* era maior entre as mulheres na interação com o sexo masculino em virtude de seu papel na sociedade da década de 90 do século XX em que, embora apresentassem transformações, ainda eram, em sua maioria, “modeladas” para serem submissas ao sexo oposto. Os resultados confirmaram a hipótese de maior recorrência do MD *assim* nas informantes femininas.

Por outro lado, Labov (2001) e Meyerhoff (2006) afirmam que o sexo feminino é mais conservador em relação às formas ou funções inovadoras da língua, pois tendem a empregar a variante que apresenta maior prestígio social. Em outras palavras: “[...] as mulheres se

conformam mais fortemente do que os homens às normas sociolinguísticas que são explicitamente prescritas, mas se conformam menos do que os homens quando as normas não são explicitamente prescritas” (LABOV, 2001, p. 293).

Nossa expectativa era de que as informantes mulheres empregariam de modo mais recorrente o *assim* adverbial (**advérbio 1**), dado que são os significados dessa categoria previstos pela tradição gramatical. Postulamos também que o emprego adverbial do item relativo ao movimento de retrospecção e prospecção (**advérbio 2**) bem como o uso conjuncional de *assim que* referente à prospecção (**conjunção 1**) seriam mais frequentes entre os informantes masculinos, em razão dessas categorias e significados serem inovadores (MARTELOTTA; NASCIMENTO; COSTA, 1996; LONGHIN-THOMAZI, 2006; LOPES-DAMÁSIO, 2008; SOUZA, 2009), isto é, não explicitamente prescritas.

Quanto às perífrases conjuncionais (**conjunção 2**), que veiculam significados conclusivo, comparativo, consecutivo ou adversativo, nossa expectativa era de que, por já estarem previstas em dicionários e gramáticas de orientação normativa, seriam mais recorrentes entre as informantes. Por fim, embora os MDs tendam a ser estigmatizados pela tradição gramatical (FREITAG, 2007), mas considerando os estudos de Macedo e Silva (1996), estimávamos que o MD *assim* fosse mais frequente entre os informantes do sexo feminino da amostra oral.

Vejamos, na Tabela 3, os resultados gerais relativos à frequência de *assim* (e perífrases) associando os critérios morfológico e semântico-pragmático ao sexo/gênero.

Tabela 3: Frequência de ocorrência de *assim* na amostra de fala conforme o sexo/gênero

Sexo/gênero	Advérbio 1		Advérbio 2		Conjunção 1		Conjunção 2		MD		Total	
	Apl.	%	Apl.	%	Apl.	%	Apl.	%	Apl.	%	Apl.	%
Feminino	29	7	203	47,5	0	0	13	3	182	42,5	428	37,4
Masculino	40	5,5	387	53,8	1	0,2	8	1,1	284	39,4	719	62,6
	69	6,1	590	51,4	0,10	1	21	1,8	466	40,6	1147	100

Fonte: A autora.

De modo geral, de acordo com os resultados da Tabela 3, o item *assim* foi mais recorrente entre os informantes masculinos (719/62,6%) do que entre os informantes femininos (428/37,4%).

De modo específico, na categoria de **advérbio 1**, do total 69 ocorrências, 40 (57%) dados foram produzidos por informantes do sexo masculino e 29 (43%) pelas informantes do sexo feminino; na classe **advérbio 2**, 387 (65,6%) dados foram utilizados pelos informantes

masculinos e 203 (34,4%) ocorrências foram empregadas pelo sexo feminino; na categoria **conjunção 1**, foi localizado apenas um dado produzido por informante do sexo masculino; na classe **conjunção 2**, do total de 21 ocorrências, 13 (61%) usos foram empregados pelos informantes do sexo feminino e 8 (29%) dados foram produzidos por informantes do sexo masculino; por fim, na categoria MD, do total de 466 dados, 284 (61%) ocorrências foram produzidas por informantes do sexo masculino e 182 (49%) pelos informantes do sexo feminino.

Em geral, olhando os resultados percentuais, os dois sexos produziram de modo mais recorrente o **advérbio 2** e os MDs. De modo resumido, pode-se dizer que as categorias **advérbio 1 e 2, conjunção 1 e MD** obtiveram maior recorrência entre os informantes do sexo masculino, ao passo que somente a classe **conjunção 2** foi usada de modo superior pelas mulheres em relação ao emprego pelos homens.

Os resultados para o uso do **advérbio 1** divergem de nossa hipótese, visto que as mulheres o utilizaram de modo menos frequente que os homens. A expectativa para o **advérbio 2** e para a **conjunção 1** se confirmou, visto que o sexo masculino os empregou com maior frequência do que o feminino, o que denota que as mulheres são mais conservadoras em relação às formas inovadoras, conforme Labov (2001) e Meyerhoff (2006). Por fim, nossa hipótese para o emprego do MD não se confirmou, considerando os resultados de Macedo e Silva (1996), visto que os homens o empregaram de modo mais recorrente do que as mulheres.

Ao final desta subseção, em que desejávamos investigar se a expansão de usos de *assim* na comunidade chapecoense era encabeçada por fatores extralinguísticos como idade, sexo e escolaridade, chegamos ao seguinte resultado: de modo geral, o **advérbio 2** foi mais frequente entre as três faixas etárias, os quatro níveis de escolaridade e os dois sexos. De modo resumido, pode-se dizer que o **advérbio 1** foi empregado pelos informantes masculinos das faixas etárias C e B, com ensino fundamental 2º ciclo e com ensino superior; o **advérbio 2** teve predominância entre informantes do sexo masculino, faixa etária B, com ensino superior; a **conjunção 1** foi utilizada exclusivamente por um informante masculino da faixa etária J e ensino fundamental 2º ciclo; a **conjunção 2** foi usada pelas informantes femininas da faixa etária J e B, com ensino fundamental 2º ciclo e com ensino superior; e, por fim, o MD preponderou entre os informantes masculinos da faixa etária B com ensino superior.

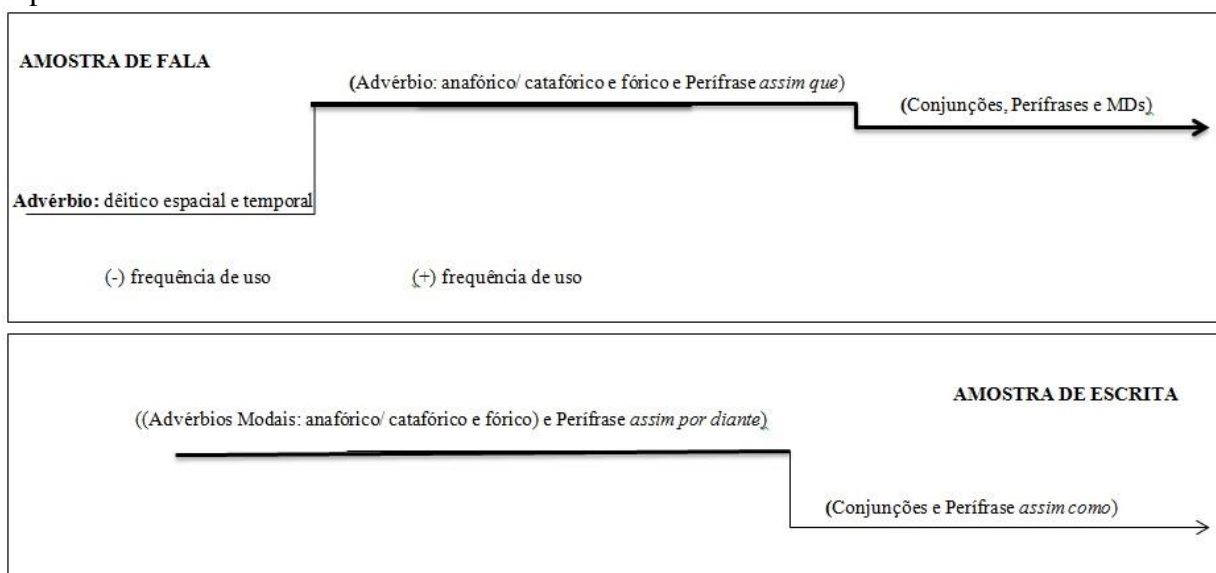
Os resultados desta seção também indicaram que usos proposicionais (**advérbio 1**) de *assim* foram menos recorrentes na fala dos chapecoenses da amostra, comparados aos usos relacionados ao nível textual (**advérbio 2 e conjunção 1**) e expressivo (**conjunção 2 e MD**).

Gonçalves *et al.* (2007) destacam que o aumento na frequência de uso está diretamente interligado à GR, ou seja, este resultado demonstra que os usos convivem na sincronia, conforme também desvendaram Martelotta, Nascimento e Costa (1996) e Longhin-Thomazi (2006).

6.6 A TRAJETÓRIA DE GRAMATICALIDADE DE *ASSIM* NA FALA E NA ESCRITA DOS CHAPECOENSES

Nesta subseção, nosso interesse recaiu sobre a construção da trajetória hipotética de gramaticalidade de *assim* na fala e escrita chapecoense com base nos resultados das amostras sincrônicas do século XX e XXI. Hopper e Traugott (1993) destacam que o recorte sincrônico permite o arranjo de um *continuum* de gramaticalidade, capaz de refletir a multifuncionalidade do item ou da construção em estudo, mas não etapas da sua mudança. É o que passamos a representar nos Quadros 10 e 11:

Quadro 12: Gramaticalidade de *assim* nas amostras de escrita e fala chapecoense quanto aos aspectos formais



Fonte: A autora.

No que tange ao critério morfológico, a categoria dos **advérbios** foi empregada com maior recorrência nas duas amostras analisadas. As classes que incluem as **conjunções** e os **MDs** obtiveram baixa recorrência (ou nenhuma desta última) na escrita, mas incremento do uso na fala. Entretanto, o uso da perífrase *assim por diante* é um indício de que os MDs surgiram dos advérbios catafóricos, enquanto a conjunção dos advérbios anafóricos. Esse

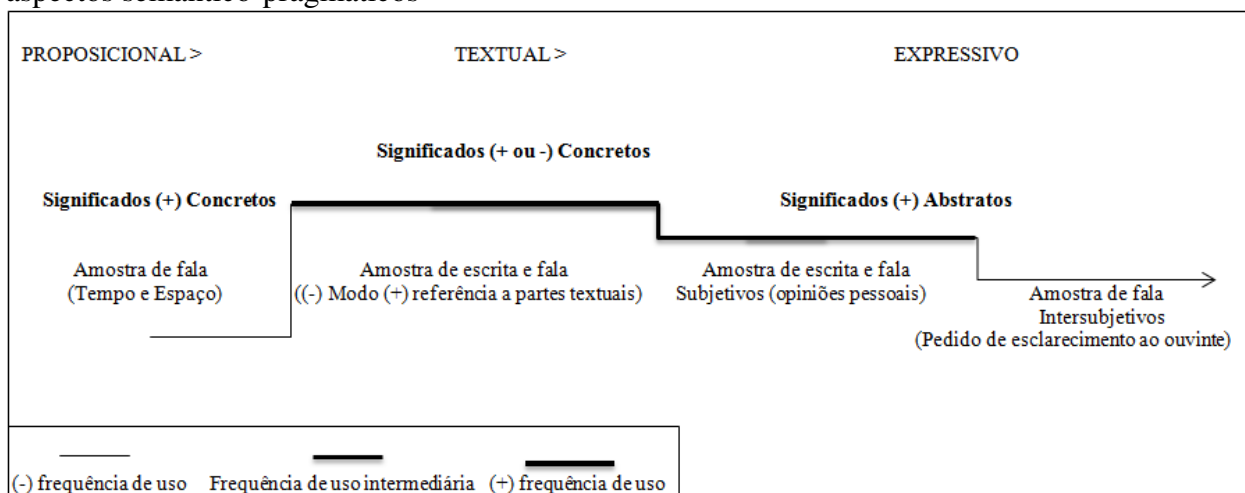
resultado confirma a hipótese de que a escrita é sempre mais conservadora em relação aos usos inovadores do que a fala.

Quanto ao critério sintático, nas duas amostras, a classe dos **advérbios** apresentou relativa flexibilidade posicional, à exceção dos advérbios que dizem respeito ao movimento de retrospecção e prospecção, que tendem a apresentar posição fixa. As classes que incluem as **conjunções** também apresentaram posição fixa nas duas amostras, e os **MDs** obtiveram posição maleável, salvo os com posição sintática prototípica.

Quanto ao critério semântico-pragmático, cabe lembrar que o *assim* passou por um processo de mudança linguística no PB, que, segundo constatou Longhin-Thomazi (2006), sob a perspectiva diacrônica, não é abrupto. Esse caminho evolutivo percorreu duas trajetórias distintas até os usos atuais desde o português arcaico até o contemporâneo. A autora evidenciou que os primeiros sentidos eram dêiticos espacial e temporal, depois outros significados emergiram no português, como fórico: anafórico e/ou catafórico. Para chegar aos usos inovadores (conjunção e MD), ocorreu uma bifurcação na trajetória de mudança do item. Primeiramente, do sentido anafórico, surgiu a conjunção; depois, do sentido catafórico derivou o MD.

A seguir, no Quadro 13, postulamos uma trajetória hipotética de gramaticalidade de *assim* em Chapecó, guiado pelo cline Proposicional > Textual > Expressivo (TRAUGOTT, 1993, 2010):

Quadro 13: Gramaticalidade de *assim* nas amostras de escrita e fala chapecoense quanto aos aspectos semântico-pragmáticos



Fonte: A autora.

É perceptível, em nosso trabalho, do mesmo modo que desvendaram Longhin-Thomazi (2006) e Lopes-Damásio (2008), em outros estudos sobre o *assim* no português, que

as diferentes categorias do item com diferentes valores a depender do contexto convivem na amostra de fala e na de escrita de Chapecó.

A partir do cline proposicional > textual > expressivo, que envolve a mudança linguística por GR, verificamos que *assim*, na categoria adverbial, cujo significado remete ao mundo físico (nível proposicional), se realizou exclusivamente na amostra oral. Esse uso mais concreto deriva outro emprego adverbial relativo aos movimentos de retrospecção e prospecção, que contribuem com a coesão textual (nível textual), os quais foram localizados tanto na amostra de fala quanto de escrita.

Desse valor mais ou menos abstrato, emergem a classe das conjunções (níveis textual e/ou expressivo), que ocorreram em menor frequência do que os empregos do MD *assim*, que foi localizado, exclusivamente, na amostra oral. Os contextos em que emergem algumas conjunções e MDs revelam crenças e atitudes do falante, denominados contextos subjetivos e/ou desenvolvimento da atenção do ouvinte em relação ao falante, neste caso, nomeados como contexto intersubjetivo (nível expressivo).

As ocorrências levantadas nas amostras sincrônicas de Chapecó revelam indícios do mesmo caminho evolutivo do item no português chapecoense, tal como mostraram Longhin-Thomazi (2006) e Lopes-Damáσιο (2008) em amostras sincrônicas e/ou diacrônicas do português.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa objetivou descrever a multifuncionalidade do item *assim* e perífrases, a partir de amostras sincrônicas de fala e de escrita de Chapecó/SC, nos séculos XX e XXI, para traçar uma trajetória de gramaticalidade do item a partir da teoria da GR.

Nosso primeiro objetivo específico foi categorizar, a partir de critérios formais e funcionais, a dinamicidade de usos associada a *assim* (e perífrases) nas amostras oral e escrita do português de Chapecó. Quanto ao critério formal, os resultados revelaram que a categoria empregada com maior frequência foi a do advérbio, seguida do MD e finalizando, em menor número, com a da conjunção; por outro lado, na amostra de escrita, também esta foi a categoria mais frequente, seguida da conjunção. Isso evidencia, na sincronia, a convivência entre usos antigos (advérbio) e inovadores (conjunção e MD), princípio da estratificação, segundo Hopper (1991).

Ainda com relação ao critério formal, os resultados apontaram que o *assim* advérbio foi empregado tanto na amostra de fala quanto na amostra de escrita nas três posições sintáticas, mas predominando na mediana; a conjunção, do mesmo modo, apresentou-se com posição sintática fixa nas duas amostras, foi empregada exclusivamente em posição medial; o MD, por sua vez, foi empregado com maior recorrência na posição mediana, que variou em menor proporção na inicial e na final.

Quanto ao critério funcional, constatamos que os valores de *assim* adverbial, na amostra de fala, foram menos frequentes em relação aos advérbios, que atuam na coesão textual; dentre as conjunções, predominou o valor conclusivo e, no caso dos MDs, os usos focalizadores sobressaíram-se dentre os demais. Na amostra de escrita, constatamos maior recorrência dos advérbios, empregados com valor anafórico, catafórico e anafóricos/catafórico, e das conjunções, que denotaram valor conclusivo.

Na sequência, nosso segundo objetivo específico visou averiguar a dinâmica social de usos de *assim* (e perífrases) na amostra de fala dos informantes chapecoenses. Os resultados indicaram que o advérbio, que veicula valor de retrospecção e prospecção, foi mais frequente entre as três faixas etárias, os quatro níveis de escolaridade e os dois sexos.

De modo resumido, pode-se dizer que o advérbio, que denota espaço e tempo, foi empregado pelos informantes masculinos das faixas etárias C e B, com ensino fundamental 2º ciclo e com ensino superior; o advérbio (anafórico, catafórico e anafórico/catafórico) teve predominância entre informantes do sexo masculino, faixa etária B, com ensino superior; a

conjunção, que refere ao movimento de prospecção, foi utilizada exclusivamente por um informante masculino da faixa etária J e ensino fundamental 2º ciclo; a conjunção, que veicula significado conclusivo, comparativo, consecutivo ou adversativo, foi usada pelas informantes femininas da faixa etária J e B, com ensino fundamental 2º ciclo e com ensino superior; e, por fim, o MD preponderou entre os informantes masculinos da faixa etária B com ensino superior.

No terceiro e último objetivo específico, a partir da análise das amostras de fala e de escrita de Chapecó, traçamos uma trajetória hipotética de gramaticalidade de *assim* (e perífrases) sob a perspectiva da GR. Constatamos, referente ao critério morfológico, a convivência entre os usos adverbiais, conjuncionais e MDs nas amostras do português de Chapecó.

Quanto à perspectiva semântico-pragmática, observamos a menor frequência de usos adverbial temporal e espacial (+ concreto) e a frequência maior dos usos dos advérbios anafóricos, catafóricos e anafóricos/catafóricos (+ ou - concreto). Notamos também relativa frequência de uso das conjunções conclusivas e comparativas, em ambas as amostras, e dos MDs (+ abstrato), na amostra de fala. Esses resultados sinalizam um indício de mudança semântica do item *assim* em Chapecó considerando o cline **proposicional > textual > expressivo**.

Por fim, concluímos que a língua é sempre maleável e que a busca pela expressividade norteia os usos das formas. Esperamos que esta pesquisa contribua com as demais pesquisas de cunho funcionalista, que descreveram os usos de *assim* no Brasil.

Futuramente seria interessante realizar com os informantes da amostra de fala um estudo em painel para comparar se houve alterações na trajetória de gramaticalidade do item *assim*, em Chapecó. Contudo, mais interessante seria a proposta de realizar a observação de *assim* considerando as redes sociais dos informantes, visto que os resultados demonstraram que o uso mais abstrato do item está imerso nas diversas faixas etárias e níveis de escolaridade para tentar rastrear se há outros tipos de relações que envolvem essa mudança.

Também é de extrema importância que a desmistificação de que as classes gramaticais são estanques e que de algum modo os resultados desse tipo de pesquisa atinjam o ensino, visto que, em sala de aula, nos níveis fundamental e médio, as gramáticas de orientação descritiva, muitas vezes, são desconhecidas até pelos professores.

REFERÊNCIAS

- BAGNO, M. *Gramática Pedagógica do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- BAGNO, M. *Gramática de bolso do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.
- BECHARA, E. *Moderna Gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BONFIM, F. S. *Gramaticalização do item assim no português brasileiro: sua funcionalidade nos processos ideacional, interpessoal e textual*. 2014. 140 f. Dissertação (Mestrado em cognição e linguagem). Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2014.
- BYBEE, J. Mechanisms of change in grammaticalization: the role of frequency. In: JOSEPH, B. D.; JANDA, J. (Eds.). *The handbook of historical linguistic*. Oxford: Blackwell, 2003. p. 602-623.
- _____. *Language, usage and cognition*. New York: Cambridge University Press, 2010.
- CASTELANO, K. L.; LADEIRA, W. T. Funções discursivo-interacionais das expressões “assim”, “tipo” e “tipo assim” em narrativas orais. *Letra Magna*, n. 12. p. 1-17, 2010. Disponível em: <http://www.letramagna.com/artigo24_XII.pdf> Acesso em: 29 out. 2016.
- _____.; LUQUETTI, E. C. F.. Gramaticalização e ensino: uso do operador argumentativo “assim” na fala da região Noroeste Fluminense. IN: ENLETRARTE, 5., 2011, Campos dos Goytacazes, 2011. *Anais eletrônicos: Campos dos Goytacazes*, 2013. Disponível em: <<http://www.essentiaeditora.iff.edu.br/index.php/enletrarte/article/view/2047/1203>>. Acesso em: jan. 2017.
- _____. *Uma abordagem dos vocábulos “assim” “tipo” e “tipo assim”*: suas implicações para o ensino de língua portuguesa. 2013. 90 f. Dissertação (Mestrado em Cognição e Linguagem). Universidade Estadual do Norte Fluminense Darci Ribeiro, Campos dos Goytacazes, 2013.
- CASTILHO, A. T. de. *Português culto e falado no Brasil*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1989.
- CASTILHO, A. T. de. A gramaticalização. *Caderno de Estudos Linguísticos e Literários*. Salvador, n. 19, 25- 63, mar. 1997.
- CASTILHO, A. T. de. *Nova gramática do português brasileiro*. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2010.
- CEZARIO, M. M.; FURTADO DA CUNHA, A. M. Linguística funcional centrada no uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: *Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta*. CEZARIO, M. M.; FURTADO DA CUNHA, A. M (Orgs.), 1. ed. Rio de Janeiro: Mauada X FAPERJ, 2013.

CUNHA, M. A. F; OLIVEIRA, M. R. de; MARTELOTTA M. E. (Orgs.). *Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

CUNHA, C.; CINTRA, L. F. L. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

FERREIRA, A. B.de H. *Novo Dicionário Aurélio de Língua Portuguesa*. 4. ed. Curitiba: Ed. Positivo, 2009.

FREITAG, R. M. K. Marcadores do discurso são vícios de linguagem. *Interdisciplinar*, São Cristóvão, v. 4, n. 4, p. 22-43, 2007. Disponível em: <<https://seer.ufs.br/index.php/interdisciplinar/article/view/1091/929> > Acesso em: 28 jun. 2016.

GIVÓN. Talmy. *Functionalism and grammar*. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins Publishing, 1995.

_____. Talmy. *On understanding grammar*. New York, San Francisco, London: Academic Press, 1979.

_____. Talmy. The functional approach to language and the typological approach to grammar. In: *Syntax – an introduction*. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins, 2001.

_____. *Bio-linguistics: the Santa Barbara lectures*. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, 2002.

GONÇALVES, S. C. Leite *et al.* *Introdução à gramaticalização*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

GÖRSKI, E. M; ROST, C. A. *Introdução aos estudos gramaticais*. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2008.

GREGORIM, C. O. *et al.* *Michaelis: Dicionário Prático de Língua Portuguesa*. São Paulo: Editora Melhoramentos. 2008.

GUERRA, A. R. *Funções textual-interativas dos marcadores discursivos*. 2007. 98 f. Dissertação (Mestrado em Análise Linguística). Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto, 2007.

HEINE, B. *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.

_____. Grammaticalization. In: JOSEPH, Brian D.; JANDA, Richard D. (Eds.) *The handbook of historical linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003. p. 575-601.

_____.; KUTEVA, T. *The Genesis of Grammar: a reconstruction*. New York: Oxford University Press, 2007.

HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S. *Dicionário Houaiss de língua portuguesa*. Rio de Janeiro. Objetiva, 2009.

- ILARI, R. *et al.* Considerações sobre a posição dos advérbios. In: CASTILHO, A. T. de (Org.). *Gramática do Português Falado: Volume I: A ordem*. 4. ed. São Paulo: Editora da Unicamp, 2002. p. 53-120.
- LABOV, W. (1976). *Padrões sociolinguísticos*. Tradução de M. Bagno, M. M. P. Scherre e C. R. Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.
- _____. *Principles of linguistic change: social factors*. Oxford: Blackwell, 2001.
- LIMA, R. *Gramática Normativa da língua portuguesa*. 49. ed. Rio de Janeiro: José Olympio. 2011.
- LONGHIN-THOMAZI, S. *A gramaticalização da perífrase conjuncional 'só que'*. Campinas. Tese de doutorado – Instituto de estudos da Linguagem, UNICAMP, 2003.
- LONGHIN-THOMAZI, S. Gramaticalização, (inter)subjetivização e modalidade epistêmica: o caso do “assim”. *Estudos Linguísticos XXXV*, São Paulo: p.1772-1779, 2006. Disponível em: <<http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/edicoesanteriores/4publica-estudos-2006/sistema06/375.pdf>> Acesso em: 28 abr. 2016.
- LOPES, A. C. M. “Afinal: elementos para uma análise semântico-pragmática”. *Linguística, Revista do Programa de pós-graduação em Linguística da Universidade do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, vol. 4, nº 1, p.5-18, 2008.
- LOPES, A. C. M. Discourse Markers. In: WETZELS, W. L.; COSTA, J.; MENUZZI, S. *The Handbook of Portuguese Linguistics*, John Wiley & Sons, Inc, Hoboken, NJ.2016. . Disponível em: < <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/9781118791844.ch24/pdf>> Acesso em: 05 mai. 2017.
- LOPES-DAMÁSIO, L.R. *A emergência do marcador discursivo assim sob a óptica da gramaticalização: um caso de multifuncionalidade e (inter)subjetivação*. 2008. 244 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Universidade Federal Paulista, São José do Rio Preto. 2008.
- MACEDO, Alzira V. T. *Aquisição de marcadores em primeira e em segunda língua*. In: RONCARATI, Cláudia; MOLLICA, Maria C. (Orgs.). *Tempo Brasileiro*, 1997. p. 117-126.
- MARTELOTTA, M. E. ; NASCIMENTO, E. ; COSTA, S. Gramaticalização e discursivização de assim. in: MARTELOTTA, M. E.; VOTRE, Sebastião, J. ; CEZÁRIO, M. M. (Orgs.). *Gramaticalização no Português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: UFRJ Grupo de estudos discurso e gramática, 1996. Cap. 12. p. 146-155.
- MARTELOTTA, Mário. Operadores argumentativos e marcadores discursivos. In: VOTRE, Sebastião J.; CEZARIO, Maria Maura; MARTELOTTA, Mário (Orgs.). *Gramaticalização*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras UFRJ, 2004.
- MARCUSCHI, L. A. Marcadores conversacionais no português brasileiro: formas, posições e funções. In.: CASTILHO, A. T. de (Org.). *Português culto falado no Brasil*. Campinas: Editora UNICAMP, 1989.
- MARCUSCHI, L. A; DIONISIO, A. P. *Fala e escrita*. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- MEILLET, A. *Linguistique historique et linguistique générale*. Paris: Librairie Ancienne Honoré Champion Éditeur, 1948 [1912].

MEYERHOFF, M. Social networks and communities of practice. In: MEYERHOFF, M. *Variation and language*. 2006. Cap. 9. p. 184, 2006.

MIRA MATEUS, M. H. et al. *Gramática de língua portuguesa*. 7. ed. Lisboa: Editorial Caminho. 2003.

NASCENTES, A. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, 1955.

NEVES, M. H. de M. Uma visão geral da gramática funcional. *Alfa*, v. 38, p.109-127, 1994.

_____, M. H. de M. Estudos funcionalistas no Brasil. *Delta*. São Paulo, v. 15, n. spe, p. 70-104, 1999. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/delta/v15nspe/4012.pdf> > Acesso em: 28 jun. 2016.

_____, M. H. de M. *Gramática de usos do português*. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp. 2011.

OLIVEIRA NETO, J. N. *Os efeitos de sentido dos marcadores conversacionais na fala dos canoeiros do Ver-o-peso*. Belém: Moara. n. 8, p. 39-55, 1997.

PERINI, M. A. *Gramática do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial. 2010.

ROST, Cláudia A. *Olha e veja: multifuncionalidade e variação*. 2002. 158 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002. Disponível em: <<http://www.bu.ufsc.br/teses/PLLG0264-D.pdf>>. Acesso em: 20 out 2017.

ROST SNICHELOTTO, C. A. 2009. 411f. *Olha e vê: caminhos que se entrecruzam*. 2009. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

ROST SNICHELOTTO, C. A. *Variação e Mudança no Português do Oeste de Santa Catarina*, 2012. Plano de Trabalho Chamada Pública FAPESC n. 04/2012 Universal.

SILVA, G. M. de O. Anatomia e fisiologia dos marcadores discursivos não-prototípicos. In: NEVES, M. H. de M. *Gramática do Português Falado: Volume VII: Novos Estudos*. 2. Ed. São Paulo: Editora UNICANP, 1999. p. 297-350.

_____, G. M. de O. ; MACEDO, A. T. de. Análise Sociolinguística de alguns marcadores conversacionais. In: MACEDO, A. T. de; RONCARATTI, C. ; MOLLICA, M. C. de M. (orgs). *Variação e Discurso*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 11- 49.

TRAUGOTT, E. From propositional to textual and expressive meanings: some semanticpragmaticaspects of grammaticalization. In: LEHMMAN, W.; MALKIEL, Y. (eds) *Perspectives on historical linguistics*. Amsterdam, John Benjamins, 1982, p. 245-271.

_____. On the rise of epistemic meanings in English: an example of subjectification in semantic change. *Language*, 1989.

_____. *The role of the development of discourse markers in a theory of grammaticalization*. Manchester: Stanford University, 1995. p. 1-29

_____. *From subjectification to intersubjectification*. Anais do Workshop on Historical Pragmatics - Fourteenth International Conference on Historical Linguistics: Vancouver, Canada, jul. 1999.

_____. *Legitimate counterexamples to unidirectionality*. In: FREIBURG UNIVERSITY, 17 out. 2001. Disponível em: <<http://www.stanford.edu/~traugott/ect-papersonline.html>>. Acesso em: 15 maio 2016.

_____. *Lexicalization and Language Change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007, pgs. 62-88.

_____. Revisiting subjectification and intersubjectification. In: DAVIDSE, K.; VANDELANOTTE, L.; CUYCKENS, H (Eds). *Subjectification, Intersubjectification and Grammaticalization*, Berlin: De Gruyter Mouton, p. 1-31 2010. Disponível em: <<https://web.stanford.edu/~traugott/resources/TraugottDavidseIntersbfn.pdf>> Acesso em: 05 jun. 2017.

_____. BRINTON, L. J. Lexicalization and grammaticalization. In: BRINTON, L. J; TRAUGOTT, E. *Lexicalization and Language Change*, Cambridge: Cambridge University Press. 2005, pgs. 62-88.

_____.; DASHER, Richard B. The development of modal verbs. In: _____.; _____. *Regularity in semantic change*. Cambridge: Cambridge U.P., 2005, p. 105-151.

_____. KÖNIG, E. The semantics-pragmatics of grammaticalization revisited. In: Traugott, E.C; HEINE, B (eds.). *Approaches to grammaticalization*. Amsterdan/Philadelphia, 1991.

URBANO, H. Marcadores conversacionais: aspectos conceituais. In: *Encontro Nacional da ANPOLL*, 1993. Anais do VII Encontro da ANPOLL. Goiânia/GO. p. 812-822.

_____. Marcadores Conversacionais. In: PETRI, Dino (Org.). *Análises de textos Oraís*. São Paulo: Humanistas, 1997.

_____. Aspectos basicamente interacionas dos marcadores discursivos. In: NEVES, M. (Org). *Gramática do português falado*. São Paulo: Editora da UNICAMP, 1999.

_____. Marcadores discursivos basicamente interacionais. In: JUBRAN, Clélia C. A. S; KOCH, Ingedore G. V. (Orgs). *Gramática do português culto falado no Brasil*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006. V. 1 (Construção do texto falado), p. 497-528.

SOUZA, E. R. F. *Gramaticalização dos itens linguísticos assim, já e aí no Português Brasileiro: um estudo sob a perspectiva da Gramática Discursivo-Funcional*. 2009. 273 f. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Tradução de: BAGNO, Marcos. São Paulo: Parábola, 2006. p. 87-126.

ANEXO A

Carta de leitor: A voz de Chapecó

Localização: Chapecó

Tipo: Cartas de Leitores

Data: Domingo, 11 de maio de 1947.

Acervo: Centro de Pesquisa e Memória do Oeste Catarinense (Ceom)

Transcrição: Leila Teixeira da Rosa Strapazon



A PEDIDOS || PARTIDO TRABALHIS- |TA BRASILEIRO || Zona nº 1 do Estado de Santa Catarina || Tendo chegado ao nosso conhecimento que | indivíduos inextrupulosos e aproveitadores estão | tentando organizar sub- diretórios do Partido Tra-|balhista Brasileiro neste Município de Chapecó, | sem que para tal estejam devidamente autorizados: || Pelo presente levamos ao conhecimento de | todos os trabalhistas e simpatizantes do grande | brasileiro Senador Dr. Getulio Vargas, que a única | pessoa, neste Município, autorizada para a supervi- | sionar os trabalhos de organização e constituição | de sub- diretórios é o signatário deste, na qualida- | de de Delegado da Zona, conforme delegação de | poderes que lhe foi outorgada em 17 de Janeiro | do corrente ano pela Comissão de Coordenação do | Estado de Santa Catarina. || Com este aviso tornamos público a nossa for- | mal condenação ao processo de confusão que se | pretende instituir nestes Município. Saberemos, de- | lntro da lei, responsabilisar os aproveitadores e con- | fusionistas. || Chapecó, 26 de maio de 1950 || [José de Miranda Ramos]